

## ZINGA PRÉ-HISTÓRICO

Muito antes dos açorianos, e ainda antes dos indígenas que já estavam na ilha quando os primeiros navegadores europeus aqui chegaram, viveram nas praias dos Ingleses e do Santinho – e em diversos pontos do litoral catarinense – povos que deixaram marcas de seu trabalho em rochas que podem ser vistas hoje. Acima, alguns dos desenhos encontrados em rochas da Ilha de Santa Catarina. **PÁGINAS 10 e 11**

# Jornal do ZINGA

- crítico, literário, noticioso e recreativo do bairro Ingleses

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil - 2021

EDIÇÃO DE INVERNO

nº.2

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## “Ingleses é minha Miami Beach”

PÁGINA 14

## ALAGAMENTOS E ALARGAMENTO

Na rua Caminho das Alamandas, moradores ficam aflitos a cada vez que o tempo fecha com a ameaça de terem as casas tomadas pela água da chuva. Veja uma matéria sobre o problema dos alagamentos no bairro nas **PÁGINAS 6 e 7** e saiba mais sobre o milionário projeto de alargamento da faixa de areia da Praia dos Ingleses na **PÁGINA 11**.

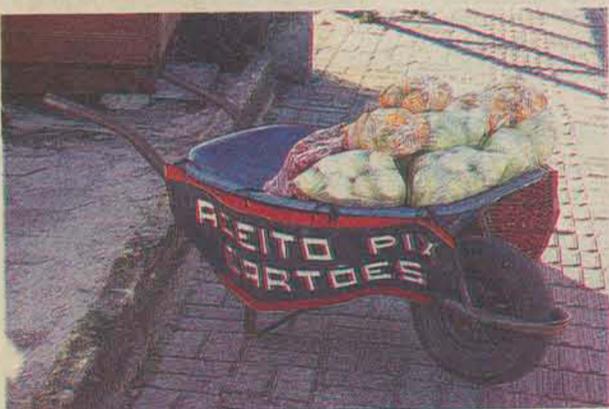


## O JORNAL DO ZINGA ESTÁ DE VOLTA!

Leia a apresentação do novo número do Jornal do Zinga no Editorial da **PÁGINA 2**. Na fotografia acima, um cartão-postal à venda em uma loja de souvenirs do bairro, no qual se vê a imagem da Praia dos Ingleses com o Morro das Feiticeiras ao fundo. Confira nas **PÁGINAS 4 e 5** uma matéria sobre as famosas lembrancinhas turísticas.



**O lobo-guará passou por aí?**  
PÁGINAS 7 e 8



## COMÉRCIO DE RUA

Cezar (que também é conhecido como “véio do berro”) vende legumes com seu carrinho de mão pelas ruas do Zinga. Aceita PIX, cartões e dinheiro vivo. Para clientes com residência fixa rola até o famoso caderninho. Veja mais sobre comerciantes de rua do bairro nas **PÁGINAS 16 e 17**.



**Moda praia no inverno**  
PÁGINA 5



## PLANTAS E BICHOS PRAIEIROS

Conheça plantas da vegetação de restinga e algumas espécies de animais que vivem por lá. A restinga desempenha importante papel na fixação das dunas e é um ecossistema muito explorado e degradado pelo ser humano. **PÁGINAS 9 e 20**

**E MAIS...**  
PÔSTER, DICAS,  
HORÁRIOS DE ÔNIBUS,  
INFORMAÇÕES ÚTEIS  
E POESIA.

## DICA DE DECORAÇÃO PARA QUITINETES MOBILIADAS

PÁGINA 21

## COLUNA DA GENI

PÁGINA 22

## E OS INGLESES (DA INGLATERRA)?

PÁGINA 8

## CALÇADA CERTA?

PÁGINA 18



## Direito de resposta

PÁGINA 3



Zinga é um dos poucos lugares do mundo onde se pode encontrar um bico-de-sapato. Saiba mais sobre essa ave na **PÁGINA 3**

# EDITORIAL

## A segunda edição do Jornal do Zinga chegou!

E, conforme prometido na primeira edição, trouxemos as matérias sobre moda praia no inverno; souvenirs do bairro; Zinga pré-histórico; além de dicas de decoração para quitinetes e muitos outros assuntos...

O Jornal do Zinga foi lançado em dezembro de 2019 e distribuído gratuitamente pelo bairro durante o verão. Para a primeira edição, realizamos, durante seis meses, pesquisas bibliográficas e documentais sobre variados assuntos referentes ao bairro, abordando, entre outros, aspectos históricos, geográficos e econômicos dos Ingleses. Mas certamente foi fundamental à nossa pesquisa as muitas andanças que realizamos pelo Zinga, por suas praias e trilhas, estradas e rodovias, servidões e becos, nos quais conversamos com gente que trabalha, que transita e com quem mora por aqui. Pudemos assim conhecer muitas histórias e distintas perspectivas deste bairro que mais se parece com uma cidade (embora seja carente de muitas coisas).

A nossa intenção era desenvolver e publicar a segunda edição até julho de 2020, no entanto, em março do ano passado foi decretada a pandemia da Covid-19. Por isso, consideramos prudente suspender o projeto, visto que seriam impossíveis as caminhadas e entrevistas tais como foram feitas para o primeiro número. Pois a pandemia tem exigido de todos a adoção de cuidados, como por exemplo o uso de máscaras e o distanciamento social, bem como o acompanhamento das novas descobertas científicas sobre essa doença. Entre estas, ressaltamos que há meses existem dados científicos comprovando que alguns medicamentos não funcionam para a Covid-19 (como por exemplo a cloroquina, tão propagandeada pelo governo) e que não existe remédio capaz de fazer "tratamento preventivo", mas sim meios de se prevenir contra a infecção pelo coronavírus.

A Covid-19, apesar de ter sido considerada pelo presidente como mera "gripezinha", já causou as mortes de mais de 560 mil brasileiros, além de milhares que sofrem com sequelas da doença e de tantos que sofrem devido à perda de pessoas queridas. Como hospitais de todo o país chegaram às suas capacidades máximas de lotação, a pandemia dificultou inclusive o tratamento de outras doenças.

Essa situação poderia ter sido evitada caso a compra e distribuição de vacinas tivesse acontecido antes e se o Brasil tivesse investido em propagar as verdadeiras medidas de prevenção (o presidente, além de estimular aglomerações desnecessárias, desincentiva até mesmo o uso de máscaras).

Para acentuar esta tragédia de cemitérios cheios, ainda temos as geladeiras vazias: a pandemia intensificou o processo de empobrecimento da população e desigualdade de renda. Nos últimos meses, jornais da imprensa tradicional têm veiculado matérias sobre o uso de fogão à lenha e de aproveitamento de restos, porque os preços do gás e dos alimentos estão elevados.

Infelizmente, a pandemia ainda não acabou. Mas decidimos nos adaptar para lançar esta segunda edição. A grande maioria do conteúdo foi feita toda online, à distância. E, quando precisamos sair às ruas, fomos com máscaras de proteção e munidos de álcool em gel.

Acompanhe o **Jornal do Zinga** no Instagram: **@jornaldozinga**



Em 2020, publicamos o **Jornal do Zinga - edição extra** em formato exclusivamente digital. Esta edição voltou-se aos efeitos da pandemia no bairro Ingleses e foi apresentada em três volumes, cada um com tema: **"Outros confinamentos possíveis", "Protocolo de higiene"** e **"O que dizem os turistas"**. O conteúdo na íntegra está disponível na página do Jornal do Zinga na plataforma ISSUU ([issuu.com/jornaldozinga](http://issuu.com/jornaldozinga)). O projeto foi viabilizado pelo edital #SCulturaemSuaCasa da Fundação Catarinense de Cultura.



## RAPIDINHA

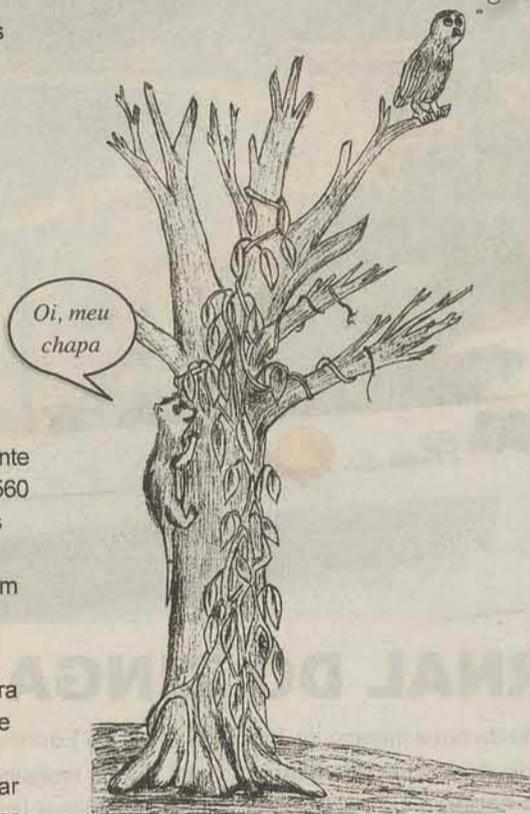


**"Alargar a praia é fácil. Quero ver é alargar as calçadas do Zinga"**

Fala de um morador do bairro, ao comentar uma postagem do prefeito de Florianópolis sobre a obra de alargamento da Praia dos Ingleses no Instagram.

**Quer ver um assunto nas páginas da próxima edição do Jornal do Zinga? É só escrever para [jornaldozinga@gmail.com](mailto:jornaldozinga@gmail.com)**

Todo dia isso...



Laura Roman (@lauraromandaluz), moradora do bairro, com seu exemplar do Jornal do Zinga nº1 em 2019.

## NESTA EDIÇÃO

- 2**
  - Expediente
  - Editorial
  - Ilustração de Maicon Belusso
  - Bora "zingar"?
  - Pesquisa de Diego Passos
- 3**
  - Direito de resposta
  - Zimba é apelido?
  - Zinga em vistas aéreas
  - Fotografias de Eif Carter
- 4 e 5**
  - Souvenirs do bairro
- 5**
  - Moda praia no inverno
- 6 e 7**
  - Alagamentos
- 7 e 8**
  - O lobo guará passou por aí?
- 8**
  - Sobre o lockdown e o auxílio emergencial no Reino Unido
  - Texto de Bruna Passos Amaral
  - Rua dos Lordes
- 9**
  - Plantas praieiras
  - Pesquisa de Monique Camargo e desenhos de Nara Milioli
- 10 e 11**
  - Inscrições rupestres, oficinas líticas... O que tenho com isso?
  - Texto de Adriane Nopes
  - Os Homens dos Sambaquis
  - Poema de Aires Antonio de Souza Junior
  - Ilustração de Maicon Belusso
  - Obra de alargamento da Praia dos Ingleses
- 12 e 13**
  - Pôster: vista do canto sul da Praia dos Ingleses em uniforme de lanchonete
- 14**
  - Tu sabia?!
  - Texto de Luezley Sol
  - "Ingleses é minha Miami Beach"
  - Correspondência do Mar Aberto
  - Isadora Stähelin

- 15**
  - Em um terreno baldio a gente não pode... descartar entulho e lixo
  - Quantas pessoas vivem no Zinga?
  - Correspondência do Mar Aberto
  - Isadora Stähelin
- 16 e 17**
  - Pesquisa ambulante
  - Gabriel Villas
- 18**
  - Calçada certa?
- 19**
  - Coluna do ISAS
  - Instituto Sócio-Ambiental da Praia do Santinho
  - Portal do Santinho
  - Campão do Santinho
  - Justiça suspende licenças de condomínio instalado em área de preservação permanente no Santinho
- 20**
  - Como ajudar os pássaros na cidade
  - Bichos da restinga
  - Pesquisa de Monique Camargo e desenhos de Nara Milioli
- 21**
  - Dicas de decoração para quitinetes mobiliadas
  - Ilustração de Rafaela Reginatto
  - Na praia à noite sozinha
- 22**
  - Coluna da Geni
  - Texto de Geni Núñez
  - Ilustração de Luezley Sol
  - Zinga é campeão de tainhas
  - Jogo de palavras
  - As tortas mais gostosas do Zinga?
- 23**
  - De ônibus
  - Sem sinal
  - Já reparou?
- 24**
  - Luto
  - Texto de Marianne Branquinho
  - Tomou a primeira dose da vacina? Você ainda não está "imunizado"!
  - Texto de @qualamascara
  - Aglomerações criminosas
  - Protesto
  - Desenhos de Nara Milioli

## EXPEDIENTE

**Jornal do Zinga**  
Número 2 - 2021

**Editores:** João Reginatto (@joaoreginafloripa), Juliano Ventura (@rolezinga) e Nara Milioli (@naramilioli).

**Colaboradores deste número:** Adriane Nopes (@adrianenopes), Aires Antonio de Souza Junior (dr.aires.jr@gmail.com), Bruna Passos Amaral (@partiuintercambio), Dolores Donovan (@mechamededolores), Diego Passos (@diyegopassos), Eif Carter (@eifcarter), Gabriel Villas (@gabriel.villas), Geni Núñez (@genipapos), Isadora Stähelin (@isadorastahelin), ISAS - Instituto Sócio-Ambiental da Praia do Santinho, Luezley Sol (@mundiadi), Maicon Belusso (@maiconbelusso), Marianne Branquinho (@psibranquinho), Monique Camargo (@monique\_tattoo), Rafaela Reginatto (@funambulesca).

**Diagramação e edição de imagens:** Juliano Ventura.

**Revisão de textos:** Marcos Mendonça.

**Tiragem:** 2.500 exemplares.

Conheça outras publicações do grupo **Observatório-móvel em observatoriomovel.com**



Impresso pela gráfica RioSul na cidade de São José - SC, em agosto de 2021.



## BORA "ZINGAR"? OU QUE TAL "ZINGAREAR"?

A palavra **"zinga"** é definida no dicionário como "uma vara comprida, usada na propulsão de embarcações em lugares de pouco fundo". **"Zingador"** é o "remador de zinga, aquele que zinga". **"Zingar"** é "manejar a zinga, fazer avançar uma embarcação com zinga". Já **"zingarear"** é "vadiar, vagabundear".

## Direito de resposta

O avanço das dunas na Praia dos Ingleses tem sido noticiado desde o começo do mês de julho por diversos veículos de imprensa pelo país. Nas matérias que foram publicadas na internet, podem ser lidos muitos comentários de leitores raivosos bradando pela derrubada das casas em que entrou areia. E é recorrente, nesses comentários, que os moradores sejam chamados de “invasores”.

No entanto, o que muita gente não sabe – e que não foi citado na maioria das reportagens –, é que a ocupação dessa região dos Ingleses é muito antiga: trata-se do núcleo original do bairro, fundado há mais de um século por colônias de pescadores. As famílias pioneiras escolheram erguer suas casas próximas ao mar, de onde tiravam seu sustento, e não se sabia do quanto as dunas se movem com os ventos, nem que poderiam chegar até as casas.

Grasiane Euclides Lemos, que é dono de lanchonete ao lado da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes e mora nas redondezas, fica triste com as acusações de invasão. Ele se queixou inclusive de um jornal que publicou uma charge satirizando os danos ocorridos aos supostos invasores.

Ele questiona se podem ser chamadas de “invasoras” as famílias que moram há mais de setenta anos no mesmo local e que todo ano pagam à prefeitura o IPTU. Grasiane tem 45 anos e mora em terreno que sempre foi de sua família – sua avó, Adelaide Silva, conhecida como Dona Bilala, faleceu aos 98 anos e passou a vida toda ali. Ele conta que as dunas eram tão distantes das casas, que as mães não deixavam as crianças irem sozinhas brincar nas dunas com as caixas que encravavam para deslizar na areia. Também conta que entre as dunas e as casas havia uma área de vegetação rasteira que era usada como “campinho” para jogar bola. Além disso, a faixa de areia da praia era muito mais extensa, e havia um bom tanto de areia branca, “tão fina e fofa como algodão”. Com o passar dos anos, o mar avançou e as dunas também avançaram.

Grasiane reconhece que a cidade deve ser planejada de acordo com os saberes científicos e em respeito ao meio ambiente (sem ressalvas aos grandes projetos dos endinheirados), mas pede mais cuidado da imprensa e se preocupa com as pessoas que são afetadas quando se divulgam informações pela metade.

### O relato de Diva

A casa que mais tem estampado as notícias sobre o avanço das dunas publicadas Brasil afora – e que mais tem recebido críticas na internet – foi construída há cerca de quarenta anos, quando as dunas estavam distantes dessa área habitada. Mas muitas matérias não informam isso.

O local foi alugado há dois anos por Denise, conhecida como Diva. Ao lado dessa casa há outra, também de dois pisos, na qual ela montou o seu restaurante. Diva atualmente mora com seu filho mais velho, Thalles, de 25 anos, junto de roupas e outros pertences amontoados pelos poucos cômodos restantes, pois precisaram ser retirados às pressas das partes da casa em que as dunas entraram. Há portas e janelas que, se eles abrirem, não fecham mais.

Desde que a casa e o restaurante foram interditados pela Defesa Civil, o filho mais novo de Diva, por ser menor de idade, foi levado à casa do pai dele (também no Zinga), pois precisava ser retirado dali ou ela perderia a guarda e a criança seria levada a um abrigo. O menino é um pré-adolescente com deficiência, que, tímido, só aceita o auxílio da mãe na realização de algumas tarefas.



Uma das casas interditadas foi construída quando as dunas ainda estavam distantes das moradias. Hoje a areia entra até pelas frestas.

Então ela fica nesse trânsito diário entre a sua casa e a do ex-marido para atender o filho.

Diva recusou ir para um hotel, conforme ofertado pela prefeitura, porque essa solução não resolveria os seus problemas: ela não tem como abandonar as suas coisas, seus eletrodomésticos e principalmente os equipamentos do restaurante, tais como máquina de massas e de caldo de cana. Seria ainda mais prejuízo, visto que no último verão não houve uma boa temporada por conta da pandemia e eles não conseguiram lucrar com o restaurante – sequer conseguiram ressarcir tudo que foi investido.

Devido à sua situação financeira, em vez de pagar em dinheiro o aluguel, ela tem pagado em reformas e melhorias na residência, que foram quase todas desfeitas com o avanço das dunas. Diva também não tem como tentar recorrer à Justiça, porque não tem nada em seu nome, além de não possuir contrato de locatária, já que fez um acordo informal com o proprietário (que não demonstra tanto interesse pelo problema das construções).

Quem poderia tentar socorrê-la seria sua mãe, Guiomar Blanco, que, apesar das adversidades, sempre esteve disposta a ajudar a filha e os netos. Mas Guiomar faleceu em dezembro do ano passado, na véspera do natal, em decorrência da Covid-19. Depois dessa tragédia, “foi só ladeira abaixo”, disse Diva. Cinco dias depois de perder a mãe, ela precisou de uma medida protetiva contra o marido e logo começou a entrar areia na casa e no restaurante, danificando suas coisas e a própria estrutura das construções.

No entanto, Diva não desiste de tentar salvar a sua moradia e o restaurante. Na casa há vassouras sempre a postos para tentar conter a areia e todo dia varrem um pouco. Mas entra areia por todas as frestas – um dos lados da casa foi completamente tomado pelas dunas –, portanto só a vassoura não resolve. Ela chegou a contratar alguns rapazes para retirar areia com pás (a

ferramenta autorizada pela FLORAM), contudo não tem dinheiro para pagar por toda a escavação que acredita ser necessária para reverter o avanço das dunas.

Ela disse algumas vezes à psiquiatra que não aguentava mais toda aquela areia, que estava cansada de lutar contra ela. Se queixou da presença da areia em sua vida, mas a psiquiatra achou que talvez fosse exagero, ou metáfora para outras questões. Como

as consultas têm sido à distância, um dia Diva mostrou a casa pelo vídeo, ao que a psiquiatra respondeu: “Sim, agora eu te entendo”.

Esperamos que em breve Diva consiga ajuda para se restabelecer, que esteja com seus utensílios em um restaurante e que para a próxima edição do Jornal do Zinga possa nos receber junto de seus filhos para contar histórias alegres. Esperamos também que o poder público municipal aja para garantir a segurança e para encontrar uma solução efetiva para a moradia dessas pessoas que vivem na região onde o bairro Ingleses começou.

Na madrugada de 12 de agosto, pouco antes do fechamento desta edição, parte da casa de Diva desabou após uma tempestade de areia. Não houve feridos.



Diva recusou o hotel ofertado pela prefeitura, pois não pode abandonar as suas coisas.

## Zimba é apelido?

Zimba é o nome que muita gente em Imbituba usa para se referir à cidade. Como contou para o Jornal do Zinga o imbitubense Aires Antonio de Souza Junior: “A origem do apelido Zimba está ligada à forma de falar típica do povo”. Ele cita um exemplo: “Eu sou lá daZ IMBituba”. Daí, no falar ligeiro dos locais, surge “Zimba”.

Imbituba é um município situado no litoral sul de Santa Catarina com população de cerca de 40 mil habitantes. Imbituba, segundo historiadores, provém do indígena Embétuba ou Imbétuba, que significa zona com grande quantidade de Imbé, espécie de cipó resistente, cuja fibra tem a propriedade de não apodrecer em contato com a água por mais de meio século, devido ao tanino natural que possui.

## Zinga em vistas aéreas



As imagens acima são de Eif Carter, fotógrafo de Uganda. Conheça mais sobre o seu trabalho em sua página no Instagram: @eifcarter.

Você sabia que em Uganda, país localizado no continente africano, Zinga é o nome de uma ilha?!

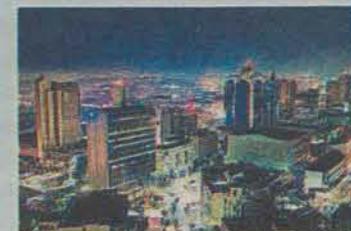
A ilha de Zinga fica no Lago Vitória e pode ser facilmente acessada pela cidade de Entebbe por meio de um barco motorizado ou canoa.

**Zinga é um dos poucos lugares do mundo onde você pode encontrar um shoebill:**

uma ave de bico grosso, grande, largo e comprido, que é também conhecida como bico-de-tamanco, bico-de-sapato, ou como cegonha-bico-de-sapato. De nome científico *Balaeniceps rex*, vive em regiões pantanosas e se alimenta, basicamente, de peixes e rãs.

Essa ave é classificada como uma espécie vulnerável, com menos de 10 mil existentes. Por serem considerados como uma ave que dá azar, usualmente são caçados por agricultores de sua região.

A cegonha-bico-de-sapato é uma ave grande, que mede cerca de 110 a 140 centímetros de altura, mas que pode ser ainda maior. Quanto à envergadura da asa, geralmente mede entre 230 a 260 centímetros. O peso de um bico-de-tamanco adulto costuma ser entre 4 e 7 quilos.



A ilha de Zinga está localizada na região de Kampala, capital e maior cidade de Uganda. Kampala, com mais de um milhão e meio de habitantes, é também o centro comercial e de transporte do país.

# SUVENIRES DO BAIRRO

Quem decidiu não viajar por motivos supérfluos para evitar a transmissão da Covid-19, se tem em casa algum souvenir – ou uma coleção de souvenirs –, pode ao menos se contentar com esses estímulos à recordação das viagens enquanto aguarda pelo tempo em que poderemos viajar novamente sem medo de contrair e propagar a doença do coronavírus.



No Zinga existem muitas lojas especializadas na venda de souvenirs, mas é possível encontrar lembranças que trazem a marca de destinos turísticos em outros comércios, como por exemplo em balcões de mercados e padarias.

Souvenirs são as lembranças trazidas por quem foi, mas voltou. São os itens adquiridos em viagens, que o viajante traz para si mesmo ou para presentear uma pessoa querida. Souvenirs são, em suma, as coisas eleitas para representar um local que foi visitado.

Para guardar a viagem na memória, para comprovar que esteve em tal lugar, porque não resiste a fazer umas comprinhas...

**Embora a palavra souvenir seja de origem francesa (souvenir, que significa “memória”), sabe-se que essa prática de carregar lembranças em deslocamentos está presente na vida humana há bastante tempo, mesmo antes do surgimento do Reino da França. Certamente, os itens outrora adquiridos não tinham o intuito que apresentam hoje. No entanto, algumas das características dos souvenirs contemporâneos podem ser percebidas em tempos antigos.**

Segundo foi constatado por pesquisas antropológicas, já na era do Paleolítico Superior, as pessoas “das cavernas” costumavam coletar objetos que não tinham uma finalidade aparente além da exposição e exibição. Também há indícios da aquisição de objetos nos deslocamentos dos egípcios e dos romanos. Na Idade Média, quando peregrinos visitavam lugares considerados santos, recolhiam algo como recordação.

Por volta do ano 1600, iniciou-se uma prática chamada de Grand Tour, que era uma viagem pela Europa, feita sobretudo por jovens de classe média alta. Nessas viagens, objetos eram adquiridos com a função de transmitir a cultura dos locais visitados e se tratavam muitas vezes de gravuras de ruínas, vulcões, baías, vales e litorais executadas por artistas locais.

**Mas é no século XIX que começa a se moldar na Europa o turismo propriamente dito, essa atividade econômica atrelada ao consumo tanto de bens materiais quanto de bens imateriais.** Nessa época, surgiram os primeiros guias de viagens, os primeiros grandes hotéis, as malas de grife, enfim, todo o vocabulário e a ideia da prática do turismo, e mesmo a construção de destinos turísticos – e a invenção de souvenirs.

Logo os souvenirs tornaram-se uma grande indústria, com infinitas possibilidades, definidas de acordo com as especificidades de cada local, e também para todos os gostos. Quem se dedica a estudar sobre a confecção e a circulação dos souvenirs, se vale de saberes multidisciplinares, que envolvem, entre outras áreas, geografia, história, turismo, marketing e design, devido

Souvenirs muitas vezes não são tão representativos da identidade dos locais visitados quanto os visitantes acreditam ou gostariam que sejam. Atualmente, existem empresas globais que confeccionam e fornecem souvenirs “locais” para diversas cidades do mundo, inclusive com uma mesma estampa. Por exemplo, souvenirs ilustrados com uma imagem genérica de praia podem aparecer como sendo de Florianópolis, mas também de Balneário Camboriú, de Ilhéus (cidade litorânea do sul da Bahia), do Havá, da Costa Rica ou de Miami Beach.

à diversidade percebida nesse ramo e os impactos ocasionados, seja em âmbito econômico, seja no âmbito psicossocial, ao revelar aspectos dos consumidores e da relação que as pessoas estabelecem com os lugares que visitam e/ou que residem. Por exemplo, além do lucro da produção e comercialização dos souvenirs, esses itens também agregam à economia como propaganda e divulgação dos destinos turísticos. Souvenirs ao mesmo tempo em que podem servir para auxiliar na criação da imagem que as pessoas têm e valorizam de determinados lugares, também podem servir para confirmar a imagem prévia que já lhes foi anunciada. Os souvenirs fazem parte da memória e do imaginário coletivos.

Os pesquisadores Horodyski, Manosso e Gândara em 2014 propuseram uma classificação da variedade de souvenirs de acordo com alguns tipos:

- 1) pictóricos, que são produtos que trazem imagens dos destinos turísticos, como por exemplo cartões postais, folhetos, pôsteres, livros, dentre outros;
- 2) réplicas e ícones, tais como miniaturas de monumentos, construções, obras de arte etc.;
- 3) produtos com marca, que são artigos diversos (geralmente com pretensão utilitária) que apresentam alguma marca do local visitado, tais como canecas, adesivos, camisetas, chaveiros, abridores, isqueiros etc.;
- 4) objetos “piece-of-the-rock” (“pedaço-da-pedra”, em tradução literal), que são objetos de caráter natural em seu estado bruto, ou manufaturados como conchas, rochas, areia, flores, sementes, animais empalhados, entre outros;
- 5) produtos locais, peças feitas por produtores locais, com matéria-prima e/ou técnicas também típicas das localidades. Esse tipo compreende as artes (que os autores distinguiram entre “arte, artesanato e artes folclóricas”), objetos pretensamente utilitários (quem vai ter coragem de usar no dia a dia peças tão bonitas?), produtos alimentícios (em embalagens adequadas para o transporte, como geleias, queijos, vinhos, rum), itens de vestuário.

**Mas além das coisas já produzidas com o intuito de serem comercializadas como souvenirs, qualquer coisa pode virar uma lembrança para quem quer estabelecer um vínculo entre a localidade visitada e o lugar a que se retorna.** Podendo ser desde os bilhetes de acesso a um meio de transporte e as entradas de um museu ou espetáculo até os guardanapos de um restaurante e os artigos de higiene comumente disponibilizados em hotéis e pousadas, como sabonetes e xampus. Enfim, o que a criatividade (e a capacidade da pessoa de desenvolver afeto por objetos) quiser!



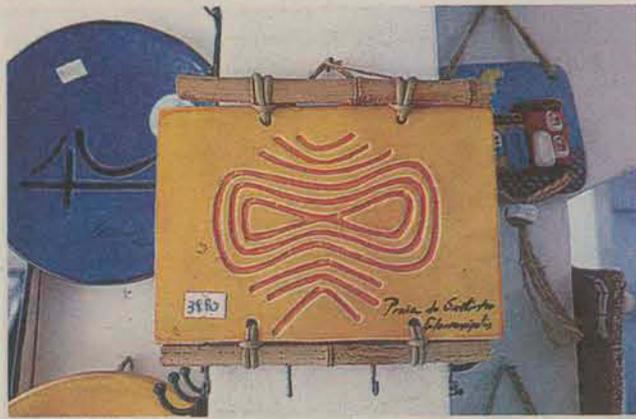
Na loja Blue Arte, a proteção não fica só por conta da turmalina negra e das carrancas na porta de entrada: os atendentes prestam bastante atenção em quem entra na loja e exigem de todos o uso de álcool em gel, que, junto das máscaras e da vacinação, é uma proteção contra a transmissão da Covid-19. Localizada na estrada Dom João Becker, a loja já existe há mais ou menos 18 anos e é forrada de variados produtos em distintos materiais, como por exemplo cerâmica, madeira, gesso, tecido, vidro... Os donos e atendentes, além de também produzirem alguns artesanatos para serem vendidos na loja, realizam distribuição de mudas de plantas. Segundo contam, já doaram mais de 600 mudas.



Na Bamboo Store, comércio de variedades que tem uma ampla e diversificada oferta de souvenirs, o maior sucesso de vendas são as canecas, que são produzidas aqui em Santa Catarina. O modelo mais vendido neste ano são as com o mapa da ilha estampado. Até pouco tempo atrás, a loja se chamava Caminho do Mar Variedades, provavelmente em referência à servidão Caminho do Mar que fica ao lado. Além das lembranças, são comercializados também artigos de praia como cadeiras, guarda-sois, bolas e boias divertidas.



Camisetas de uniformes escolares de escolas públicas do Rio de Janeiro têm sido vendidas por preços elevados a turistas estrangeiros como sendo souvenirs. É malandragem e astúcia dos residentes da cidade, que as venderam a gringos desavisados? Ou porque alguns estrangeiros querem levar como lembrança uma peça do vestuário que é típica dos locais?



A Belíssima Costão, localizada na estrada Vereador Onildo Lemos, na região do Santinho, é uma boutique de roupas adultas e infantis que também vende brinquedos e lembranças turísticas. São ímãs, chaveiros, canetas, adesivos, relógios, porta-retratos, quadros, miniaturas, camisetas, bolsas, enfim, uma diversificada oferta de souvenirs nas paredes, prateleiras, balcões e cabides da loja. As inscrições rupestres que podem ser encontradas nos costões da Praia do Santinho também viram souvenirs.



A loja Raio de Sol existe há dez anos e há quatro está localizada em um centro comercial no início da rua das Gaivotas. Entre muitos dos souvenirs disponíveis, conta com uma produção própria de artesanato feito com conchas, como representações de animais em miniatura, porta-retratos decorados e criativos abajures de variados tamanhos e preços. Embora a maioria das lembranças sejam portáteis para facilitar o transporte, a atendente conta que objetos maiores, como um abajur gigante feito com conchas, também têm saída.

Esta matéria conta com informações dos trabalhos "Conceitos e abrangência do souvenir na dinâmica do espaço turístico" de Graziela Scalise Horodyski, Franciele Cristina Manosso e José Manoel Gândara (Turismo - Visão e Ação, v. 15, n. 1, 2013); "Design, souvenir e cultura: abrangências da experiência turística" de Ana Carolina de Moraes Andrade Barbosa e Virginia Pereira Cavalcanti (12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, vol. 2, n. 9, novembro de 2016); e "Significados do souvenir turístico atribuídos pelos turistas do passeio de trem "Maria Fumaça", Estação de Bento Gonçalves/RS" de Tauana Macedo de Paula e Marlei Salete Mecca (Turismo: Visão e Ação, vol. 18, n. 2, maio/agosto de 2016).



Depois do calor do verão e dos dias amenos do outono, encaramos o inverno de baixas temperaturas e o gelado vento sul que o acompanha. Mas mesmo no frio, muita gente não deixa de curtir uma praia.

O crescimento populacional do Zinga está atrelado ao advento do turismo, no entanto este bairro não se restringe ao veraneio: é um dos mais populosos da ilha e dispõe de certa estrutura que dispensa os seus moradores da ida a outros bairros. Embora o Zinga careça de muitas coisas, quem mora aqui não precisa se deslocar até o centro para comprar roupas e materiais escolares, ou para ir à consulta odontológica, ou a agências bancárias e de correios, por exemplo.

Mas ainda pode ser percebida aqui alguma sazonalidade, visto que o bairro costuma receber (e lucrar com) muitos turistas durante a temporada de verão. São muitas as lojas de lembranças turísticas e também de moda praia, que vendem roupas para banho, como maiôs, biquínis, sungas e bermudas.

No inverno, diminui bastante a procura por esses artigos. Por isso algumas lojas fecham fora da temporada. É o caso da Namiri Moda Praia, localizada nas proximidades da rótula da SC-403 com a estrada Dom João Becker, que fecha em junho (início do inverno) e só reabre em outubro, quando já vivemos dias mais quentes. Junto das roupas de banho, a loja está repleta de itens como saídas de praia, cangas, boias infláveis, baldinhos e pás de plástico para brincar na areia, tudo muito colorido e alegre como esperamos que sejam as férias de verão. Segundo Mislene, a funcionária que nos atendeu, antes a dona trocava todos esses itens de verão por itens de inverno, mas agora ela só fecha mesmo.

Algumas lojas preferem se adaptar às exigências de cada estação para que mantenham as portas abertas. Luzeni, da loja Vitória Moda Praia, situada na estrada Dom João Becker, durante o inverno vende outros tipos de roupa, principalmente moletoms. Mas ela conta que mesmo no frio ainda vende alguma coisa de moda praia, até porque no

inverno, esses itens entram em promoção. Enquanto visitávamos a loja, chegou uma cliente... Já a loja Vybjem Brazil Moda Praia e Variedades, também localizada na estrada Dom João Becker, dispõe de roupas variadas e vende muitos pijamas no inverno – no frio, roupa de banho quase não tem saída. Quem nos atendeu foram os filhos dos donos, Yasmin e Bruno, que são representados, respectivamente, pelo "Y" e pelo "B" de Vybjem Brazil, que é composto pelas letras iniciais dos nomes dos membros da família.

Desde 2020, a mudança de temperatura não foi o único desafio para as lojas de moda praia. Liliani Oliveira, da loja Mormaii, contou-nos que, devido à pandemia de Covid-19, nem mesmo durante o verão, as lojas físicas venderam como esperado, afinal não houve uma forte temporada. Mas, como estão também com loja online, as vendas aconteceram.

A Mormaii foi fundada na década de 1970 em Garopaba, no litoral de Santa Catarina, e mantém unidade no Zinga há aproximadamente 25 anos. No inverno, entre os itens mais procurados estão as roupas de borracha com as quais a marca começou. Essas roupas, usadas na prática de esportes aquáticos, são adequadas para proteção isotérmica. Mas a loja também tem moletoms e confecção diversa, e Liliani indica como tendência para o inverno, o tie-dye, que aparece "agora com cores únicas e muito conforto". No verão, os produtos mais vendidos pela Mormaii são óculos, camiseta UV (que protege dos raios solares) e bermuda de banho.



Roupa de borracha para proteção térmica

### Trabalho sazonal

Além dos estabelecimentos comerciais temporários, o Zinga também recebe trabalhadores que aqui encontram oportunidades na temporada de verão e depois retornam para as suas respectivas cidades. Com Mislene da Namiri Moda Praia, foi assim. Hoje ela mora em Floripa, mas durante anos ela saía de Araçuaí, cidade do norte de Minas Gerais, para vir trabalhar no litoral ilhéu durante o verão e depois voltar para casa. Mislene sempre gostou de trabalhar em lojas de roupas, e, enquanto a Namiri Moda Praia fica fechada, ela aproveita para viajar – e também fugir do frio, claro. Em Minas Gerais não tem litoral, mas tem a sua família e muita cachoeira bonita para Mislene visitar.



Fachada da Namiri Moda Praia, que fecha em junho e só reabre na primavera.

# ALAGAMENTOS

Diversos episódios de alagamento marcaram o último verão no bairro Ingleses. Moradores improvisam soluções temporárias enquanto a Prefeitura não age para resolver o problema

O verão foi de muita chuva em Floripa. Em janeiro, foi o município onde mais choveu em Santa Catarina. Foram 686 milímetros durante os 31 dias do mês, superando a antiga marca de janeiro de 2018, quando choveu 652 milímetros na cidade.

O grande volume de chuvas, somado a problemas no planejamento urbano e à falta de macrodrenagem nos bairros de Florianópolis, resultou em alagamentos e desmoronamentos que causaram diversos transtornos, prejuízos e até perda de vidas. Em 24 de janeiro, um deslizamento no bairro Monte Verde provocou a morte de mãe e filha.

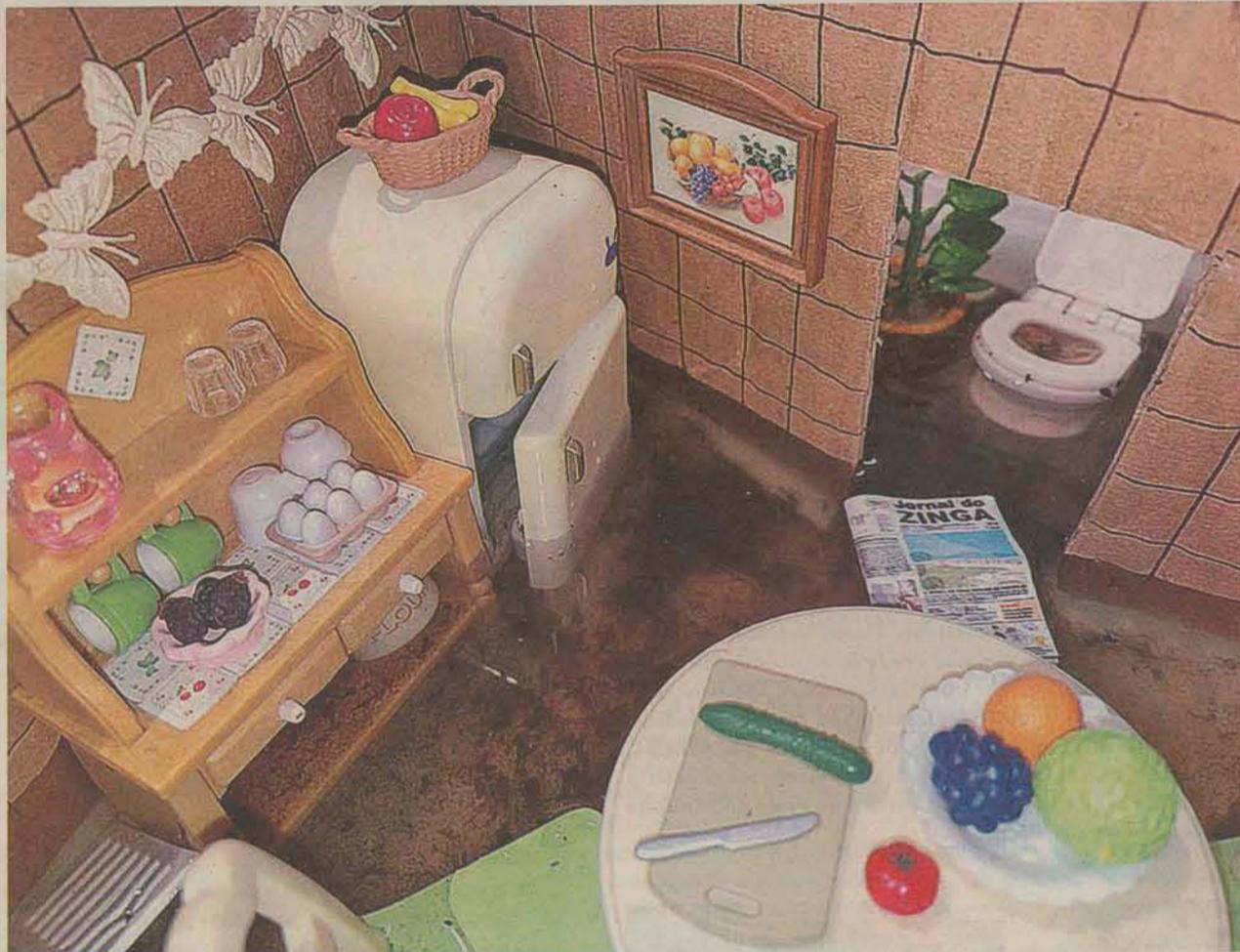
Aqui nos Ingleses, muita gente foi surpreendida pelos alagamentos decorrentes das chuvas de verão. O último domingo de 2020, por exemplo, foi caótico. Entre a noite do dia 26 e a manhã de 27 de dezembro, choveu mais de 100 milímetros no norte da Ilha, conforme informações veiculadas à época pela Prefeitura de Florianópolis. O resultado foram ruas, lojas e residências alagadas.

O turista de Chapecó Eduardo Reginato, que escolheu a Praia dos Ingleses para passar o fim de ano, foi uma das pessoas afetadas pelos alagamentos. Ele relatou ao *Jornal do Zinga* que na manhã daquele domingo saiu de carro para ir ao supermercado e foi surpreendido por uma via tomada pela água na região do Centrinho. Um dos pneus do carro acabou estourando e entrou água no motor, causando um prejuízo de 28 mil reais. Eduardo teve que voltar para o oeste no carro reserva oferecido pela sua seguradora. Mas ele não foi o único a passar por esse tipo de infortúnio. Na região das Gaivotas, um hotel na rua Dante de Patta teve a garagem inundada e três veículos foram atingidos. Na servidão Cassiano Gregório Flor, um carro ficou só com o teto para fora da água.

## Caminho das águas

Na rua Caminho das Alamandas, localizada na região do Sítio de Baixo, a água entrou em várias casas. A rua está situada em uma área de baixada, e, na parte final, onde começa a Área de Preservação Permanente das Dunas dos Ingleses, há um curso d'água – o Rio dos Ingleses, afluente do Rio Capivari – que teve no passado um trecho canalizado de maneira informal e precária para prolongamento da rua e construção de moradias. Esses dois fatores, aliados a um sistema de drenagem pluvial que não está funcionando, tornam o local bastante suscetível a alagamentos.

Maria Teresa Collares, que vive há 15 anos no local (embora o terreno já esteja na família há quase 30 anos), relata que o problema com os alagamentos vem de longa data e tem piorado. Segundo a moradora, apesar de terem sido feitas obras para a instalação de rede coletora de esgoto, a água da chuva tem escoado em mais volume para o local, pois a estação de tratamento não ficou pronta ainda. Para agravar a situação, o "asfaltaço" na Estrada Dario Manoel Cardoso elevou ainda mais a via em relação a ruas perpendiculares, como a



Caminho das Alamandas. Sem ter por onde seguir, vai se acumulando e invade os pátios e residências.

Maria Teresa conta que, ao longo desses anos, já fez diversas obras para tentar contornar o problema. Entre elas, já subiu várias vezes o nível do terreno e construiu barreiras para a água não invadir a casa na parte de trás do seu terreno, o que veio a acontecer em dezembro. A casa da frente, mais antiga, ela considera quase inutilizável, dadas as tantas vezes em que foi tomada pela água. Assim, ela já não pode contar com o dinheiro extra que arrecadava na temporada alugando o imóvel para turistas.

Naquele domingo, horas depois da água invadir as casas, a prefeitura foi ao local com um caminhão que bombeou a água que ainda restava lá. Isso foi feito também em outras vias do bairro. Contudo, os danos já estavam dados. Após o ocorrido, Maria Teresa organizou um abaixo-assinado com os vizinhos para solicitar a manutenção na drenagem da rua. Ela conta que os operários da prefeitura foram ao local, mas que o trabalho executado deixou a desejar.

Na quinta-feira, dia 21 de janeiro, a água voltou a subir na rua Caminho das Alamandas. Dessa vez, até uma emissora de televisão foi ao local e transmitiu ao vivo os moradores atingidos. E novamente, em 14 de fevereiro e depois em 9 de março, os transtornos pelo alagamento

RAPIDINHA



“Os turistas vão encontrar a praia alargada e o bairro alagado?”

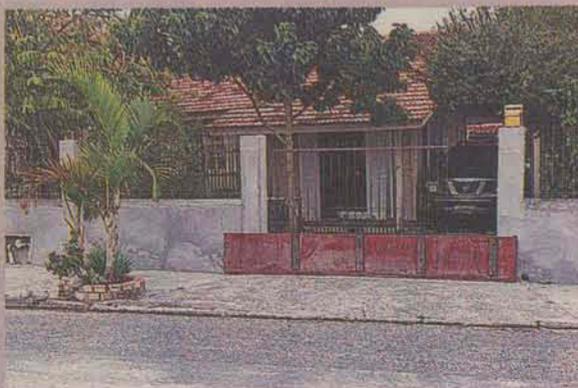
voltaram. Dessa última vez, a água subiu durante a madrugada, pegando muitos moradores de surpresa – entre eles, Maria Teresa e seu marido Túlio.

Para tentar evitar novos alagamentos, alguns dos moradores afetados fizeram novas obras para impedir a entrada de água em suas residências. Alguns construíram rampas nos portões para elevar o nível em relação à rua, outros optaram por portas móveis que são logo instaladas a cada vez que o tempo fecha. Maria Teresa e Túlio foram mais longe e, além de aumentar a altura dos muros, investiram em um pequeno reservatório subterrâneo no seu pátio e uma máquina para bombear a água quando necessário. Soluções que custam dinheiro e que são apenas paliativas, pois, a moradora reconhece que, apesar das obras, os riscos permanecem: “Não se sabe se um dia a água não vai entrar [em sua casa] de novo, porque cada vez entra mais”, relata.

Além dos prejuízos materiais e financeiros, Maria Teresa lamenta pelos seus mais de 200 discos de vinil que tiveram os encartes danificados no último alagamento em março, dos quais ela destaca uma coleção “com o melhor e o pior de Roberto Carlos”. Lembra também de seu exemplar do primeiro número do *Jornal do Zinga* que ela guardava, mas que também acabou estragado.



No registro de uma câmera de segurança de sua casa, Túlio depara-se com o alagamento na rua Caminho das Alamandas na madrugada de 9 de março.



Para tentar evitar a entrada de água em seu terreno, Maria Teresa e Túlio inicialmente utilizaram uma comporta móvel, que necessitava ser fixada ao muro a cada vez que chove. Essa tática também está sendo utilizada em outras casas da rua Caminho das Alamandas. Depois tiveram a ideia de construir uma rampa, elevando o nível do acesso ao terreno.





## O lobo-guará passou por aí?



Tem nota nova no Brasil, mas esse valor circulou pela mão de pouca gente.

### Drenagem urbana

Há anos tendo que lidar com os alagamentos em sua rua e batalhando por melhorias, Maria Teresa conta que a prefeitura está ciente dos problemas enfrentados no local. Ela cita a existência do Diagnóstico Participativo da Drenagem Urbana de Florianópolis, um documento elaborado entre 2015 e 2019 pelo Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com a Prefeitura de Florianópolis que identifica e compila problemas de drenagem urbana em toda a cidade. Nos Ingleses e no Santinho, são apresentadas 24 áreas com ocorrências de alagamento – algumas dessas áreas compreendendo diversas vias.

Os problemas na rua Caminho das Alamandas estão registrados no documento de quase 700 páginas, assim como quase toda essa região do bairro é apontada como área com ocorrências de alagamentos. Segundo o documento, as origens

dos problemas enfrentados dessa rua são o subdimensionamento do sistema de drenagem, tubulações entupidas e ligações clandestinas de esgoto na rede de drenagem pluvial. O documento também aponta medidas para tratamento do problema: redimensionamento da rede de drenagem (aumento do diâmetro da galeria), fiscalização de lançamentos clandestinos e limpeza mais frequente do sistema. O que, se tivesse sido feito pelo poder público municipal, teria evitado mais um verão de alagamentos no local.

Questionado sobre o problema dos alagamentos no Zinga durante fala à AMORIS em abril, Valter Gallina, Secretário de Infraestrutura do município, reconheceu a situação enfrentada por muitos moradores e comerciantes locais, mas admitiu não existir nenhuma previsão para executar um projeto de macrodrenagem no distrito.

Em uma chuvaramada recente no dia 10 de junho, foram as soluções temporárias como as comportas e as rampas que impediram mais um alagamento na residência de Maria Teresa e de alguns de seus vizinhos. Os moradores da Rua Caminho das Alamandas, que ficam tensos a cada vez que o tempo fecha, aguardam uma solução efetiva para o problema.

### Santinho

No Santinho, uma das áreas que o documento identifica com problemas de alagamento compreende a servidão Maria Ramos Gama, a rua do Tico Tico e adjacências. Entre as origens desse problema estão a ausência de sistema de drenagem na servidão Maria Ramos Gama e a obstrução de seções da tubulação na rua do Tico Tico. Nas chuvas de 27 de dezembro do ano passado, a água derrubou um muro ao lado de um posto de combustíveis na estrada Vereador Onildo Lemos e invadiu diversas casas na servidão Maria Ramos Gama.

Antonio Lino, turista do Mato Grosso do Sul que veio conhecer Florianópolis no fim do ano passado e ficou hospedado na rua Caminho das Alamandas, aqui no Zinga, foi surpreendido pelo alagamento de dezembro. Ele, que relata nunca ter presenciado acontecimento semelhante, gravou vários vídeos mostrando a situação do local naquele último domingo de 2020. Além dos vídeos, chegou até a ajudar a retirar uma moradora idosa de sua residência invadida pela água. Os vídeos completos com narração de Antonio para seu amigo Gilson de Campo Grande você encontra na página do Jornal do Zinga no Instagram: @jornaldozinga.

Essa matéria conta com informações do jornal Conexão Comunidade, NDTV, Prefeitura de Florianópolis e Epagri/Ciram.

A nota de 200 foi lançada oficialmente pelo Banco Central (BC) e entrou em circulação em setembro do ano passado, mas ainda continua desconhecida para muita gente – especialmente para quem está recebendo o auxílio emergencial de 150 reais, o valor concedido para pessoas solteiras. A nova cédula tem o mesmo tamanho da nota de 20 reais, e suas cores predominantes são cinza e sépia. Ela possui elementos de segurança que também estão em outras cédulas, como o número que muda de cor e a marca-d'água.

O animal escolhido para estampar a cédula foi o lobo-guará, que em 2001 foi o terceiro animal mais votado em uma pesquisa para escolha de espécimes da fauna para as novas notas de real lançadas naquela época. Os dois animais mais votados – tartaruga marinha e mico-leão-dourado – foram utilizados, respectivamente, nas notas de 2 e de 20 reais.

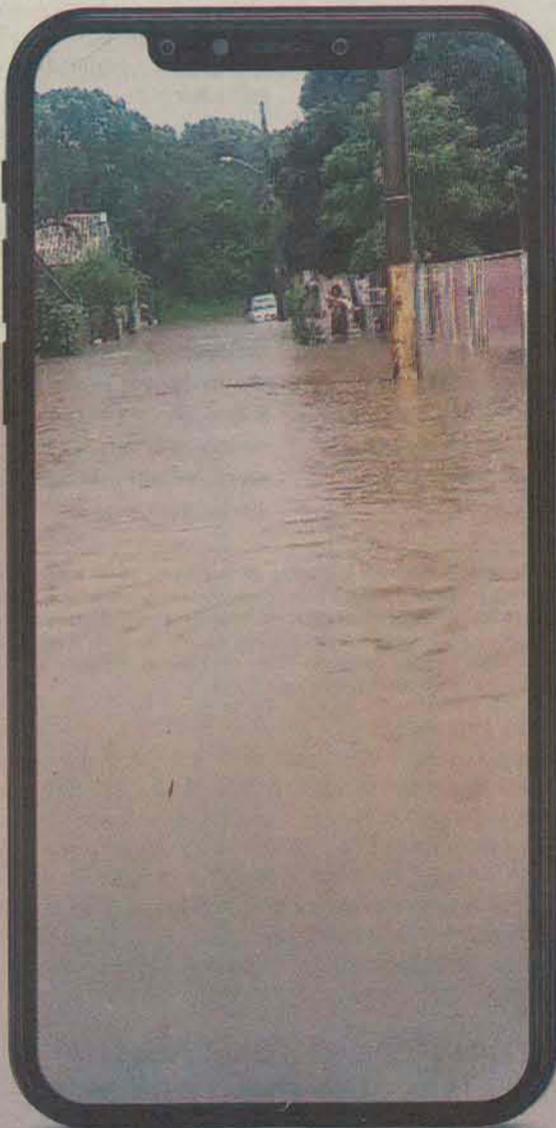
O anúncio da nova cédula gerou polêmica. Muitos questionaram a necessidade de uma nota de valor mais alto num momento em que vivemos uma aceleração no processo de migração das transações financeiras para o meio digital, tornando assim desnecessário o dinheiro em papel. Além dos cartões de débito e crédito, outros métodos foram desenvolvidos, como por exemplo o PIX, que proporciona pagamentos digitais instantâneos. Desse modo, bastante gente dificilmente sai de casa com notas tão altas, porque consideram mais seguros os outros meios, seja contra assaltos, seja contra a transmissão do coronavírus – pois é mais fácil higienizar a superfície de um cartão ou a tela de um celular do que uma nota de dinheiro impresso.

Entre as críticas, também se falou da possível facilitação da lavagem de dinheiro e de outros atos ilícitos, já que a nota de 200 reais torna possível reduzir pela metade o volume de cédulas. Mais fácil para quem esconde dinheiro em malas, na cueca ou em outros lugares.

E, ainda, foi motivo para questionar a criação de uma nota com valor tão alto, o empobrecimento de grande parte da população. De acordo com inquérito realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), nos últimos meses de 2020, dezenove milhões de brasileiros passaram fome e mais da metade dos lares brasileiros sofreu algum grau de insegurança alimentar. Segundo os pesquisadores, o número de brasileiros que passaram fome durante o primeiro ano da pandemia de Covid-19 é o dobro do que foi registrado em 2008, e um retorno ao nível de 2004.

O Banco Central do Brasil listou uma série de justificativas para a nova nota de duzentos reais, entre elas o aumento observado da quantidade de dinheiro em espécie circulando no país a partir de março de 2020. Outras razões apresentadas estão disponibilizadas no site da instituição: [www.bcb.gov.br](http://www.bcb.gov.br).

(Continua na próxima página.)



## Um pouco sobre as notas de Real



A figura da República aparece em todas as cédulas de Real.

Depois do Cruzado Novo (1989-1990), do Cruzeiro (1990-1993) e do Cruzeiro Novo (1993-1994), o Real entrou em circulação como moeda oficial do Brasil em 1994 com notas de 1, 5, 10, 50 e 100. O nome escolhido coincide com o nome da primeira moeda do Brasil, "réis" (comumente mencionado no plural), moeda essa utilizada pelo império de Portugal em todas as suas colônias e que aqui esteve em vigência até 1942.

O projeto gráfico das notas de Real, produzido pelo Banco Central em conjunto com a Casa da Moeda do Brasil (CMB), manteve o mesmo formato das cédulas de Cruzeiro Novo, 14x6,5cm. Porém houve uma mudança importante na temática das ilustrações: saíram os retratos de personalidades e personagens da história científica, política e cultural nacional consideradas importantes e passou a figurar na frente das cédulas uma efígie da República, ou seja, o retrato de uma figura humana que representa a República.

A República é representada, alegoricamente, por uma mulher branca de traços europeus, tendo como inspiração a imagem da Liberdade na obra "A Liberdade guiando o Povo", pintada em 1830 pelo francês Eugène Delacroix. É aquele rosto feminino de olhos sem pupilas e com uma coroa de folhas... Ela já havia aparecido antes, nas cédulas de 200 cruzados novos e também nas de 200 cruzeiros, cujo design certamente inspirou as primeiras notas de real.

No verso das novas cédulas de real surgiram animais da fauna brasileira: o beija-flor, a garça, a arara, a onça-pintada e a garoupa. O design também definiu cores diferenciadas por valor, utilizando em cada nota

diversos tons de uma faixa cromática.

A nota de dois reais foi lançada em 2001 e a de vinte em 2002 com o objetivo de otimizar o sistema financeiro. Já a nota de um real não é mais produzida desde 2005 e tornou-se objeto de coleção – há anúncios na internet ofertando uma unidade da cédula de um real por mais de 50 reais! O famoso beija-flor das notas de um real já havia estampado também a nota de cem mil cruzeiros.

A chamada Segunda Família do Real, à qual pertence a cédula de 200, foi lançada em 2010 com novo design gráfico e aprimoramento dos elementos de segurança. Outra mudança foi que as notas passaram a ter tamanhos diferentes, aumentando de acordo com o seu valor para facilitar a identificação. A nota de cinco reais é um pouco maior do que a de dois, a de dez reais é um pouco maior do que a de cinco, e por aí vai...

Por isso, o fato da cédula de 200 possuir o mesmo tamanho da nota de 20 reais foi criticado porque representa um retrocesso em termos de acessibilidade. Notas de mesmo tamanho atrapalham pessoas com deficiência visual, que necessitam do toque para diferenciar os valores. O BC informou que adotou o mesmo formato para colocar a nota de 200 em circulação mais rápido, dispensando a adequação do parque fabril e facilitando a adaptação aos caixas eletrônicos – esquecendo que máquinas podem e devem ser programadas para facilitar a vida das pessoas, não para criar barreiras.

Essa matéria contém informações do Banco Central do Brasil, da Casa da Moeda, da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) e da pesquisa "Olhar sobre o dinheiro: O design gráfico no papel-moeda brasileiro" de Carlos Antonio Papai Lobato (SENAC-SP, 2013).

## E OS INGLESES (DA INGLATERRA)?

### Sobre o lockdown e o auxílio emergencial no Reino Unido

Por Bruna Passos Amaral, correspondente de Londres

Em abril de 2021, o Reino Unido finalmente começou a relaxar algumas das medidas adotadas para combater a pandemia de coronavírus. O país, hoje, exibe uma das menores taxas de mortalidade da doença no mundo, com alguns dias em abril registrando menos de 10 mortes. A receita de sucesso britânica no combate à pandemia foi possível com uma combinação de ampla vacinação, lockdown pesado e auxílio emergencial (ou *furlough scheme*, em inglês).

Pouco antes do Natal, o governo identificou que o nível de contágio havia dobrado. Em duas semanas, os casos de Covid-19 pularam de 12 mil para 25 mil por dia. Em dezembro de 2020, o país recém saía de um segundo lockdown e o governo havia prometido que seria possível celebrar as festas de fim ano com grupos pequenos de familiares. No entanto, diante do avanço das contaminações e da alta taxa de ocupação nos hospitais, foi preciso tomar medidas drásticas. A promessa de um fim de ano com famílias reunidas foi quebrada e um terceiro e mais duro lockdown foi decretado. Escolas, universidades e todo o comércio não essencial foram fechados e empresas mandaram equipes inteiras trabalhar de casa. Com todas as restrições, o primeiro-ministro se viu obrigado a estender o auxílio emergencial iniciado em março de 2020. Nele, empregados em posições que não podem ser mantidas durante a pandemia têm 80% dos seus salários pagos pelo governo britânico com um teto de 2.500 libras esterlinas por mês. Esse auxílio serve para que as empresas não demitam seus funcionários. No caso de trabalhadores autônomos, alguns dos mais afetados e mais vulnerabilizados na pandemia em todo mundo, há fundos especiais liberados em parcelas únicas que podem chegar ao teto de 7.500 no total.

O governo estima que atualmente 4,7 milhões de pessoas no Reino Unido ainda estão impedidas de trabalhar e recebem o auxílio emergencial. No mês passado, as lojas não essenciais puderam reabrir e as aulas presenciais nas escolas começaram em 8 de março. Restaurantes e bares voltaram a funcionar parcialmente apenas com mesas

em áreas abertas. Ainda em abril, o Reino Unido também bateu a marca de 50% da população vacinada com pelo menos uma dose. A promessa de Boris Johnson é que, até o final de julho, toda a população maior de 20 anos estará imunizada e, no ritmo que a vacinação anda, a meta deve ser cumprida. Mesmo com todos os números promissores, ainda há cautela em se falar em reabertura total. As regras são revisadas periodicamente e já o programa de auxílio emergencial está garantido até, pelo menos, setembro de 2021.

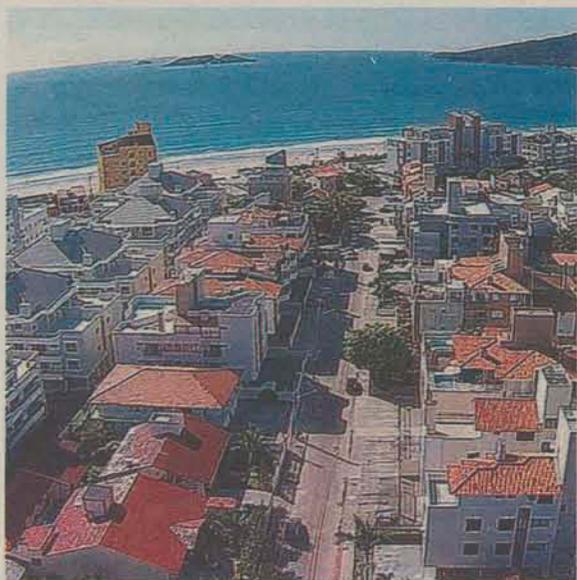
Este texto foi enviado por Bruna para o Jornal do Zingão no início de maio de 2021. Em julho, o Reino Unido superou dois terços da população adulta totalmente imunizada. O governo do país anunciou a suspensão da maioria das restrições que havia implementado para combater o coronavírus a partir do dia 19 de julho, o que foi considerado, por muitos, precipitado, dado o atual alto índice de infecções diárias por Covid-19.

Bruna Passos Amaral é jornalista e criadora da plataforma Partiu Intercâmbio ([partiuintercambio.org](http://partiuintercambio.org)), pela qual divulga bolsas de estudos e oportunidades de intercâmbio no exterior para brasileiros. No website, no YouTube e no Instagram, Bruna dá dicas de como preparar uma inscrição e de como se preparar para o processo seletivo. Natural de Porto Alegre, atualmente mora em Londres, na Inglaterra. Já passou muitos verões aqui na Praia dos Ingleses.



O Reino Unido é uma união política formada por quatro países: Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales. Pode ser chamado de um Estado insular, uma vez que seu território está localizado na ilha da Grã-Bretanha e na parte nordeste da ilha da Irlanda, situadas em frente à costa noroeste do continente europeu, além de incorporar muitas outras ilhas menores. Hoje um dos países mais ricos do mundo, o Reino Unido esteve envolvido com a exploração colonial nas Américas, na África e na Ásia, incluindo o comércio de pessoas escravizadas no Atlântico.

**VOCÊ CONHECE ALGUMA PESSOA INGLESA (DA INGLATERRA) QUE MORA NO BAIRRO INGLESES?**



## RUA DOS LORDES

Na Inglaterra e em todo o Reino Unido, "Lorde" é um título de nobreza. A Câmara dos Lordes, equiparável ao Senado no Brasil, é parte do Parlamento do país e foi estabelecida ainda no século 14. Os quase 800 Lordes (homens e mulheres) não são eleitos: participam arcebispos e bispos da Igreja Anglicana e membros das famílias da nobreza britânica. Aqui nos Ingleses, temos a rua dos Lordes, na região das Gaivotas. Seria o nome da rua uma homenagem aos lordes do povo europeu que nomeia o bairro?

Na língua portuguesa, "lorde", no popular, também pode ser usado para descrever indivíduos ricos, elegantes, de certa "nobreza", em suma, figuras que vivem cercados de luxo e ostentação...

Você sabe o porquê do nome da rua onde vive?!

# PLANTAS PRAIEIRAS

A vegetação da restinga é constituída por plantas resistentes a condições extremas como salinidade, alta temperatura e escassez de água.

No caminho que fazemos para chegar até o mar na Praia do Santinho, passamos pela restinga, área praiar, com dunas e encostas de morros. Ali vive uma diversidade de espécies importantes ao ecossistema da Mata Atlântica. Trata-se de uma formação de estreitas faixas de solo arenoso e vegetação herbácea e arbustiva, que cobre, aproximadamente, 80% da costa do Brasil.

A restinga é um ecossistema constituído por uma combinação de fatores físicos

e químicos como elevada temperatura, salinidade, alta exposição à luminosidade e solo arenoso que dificulta a retenção de água, apresentando espécies da flora e da fauna adaptadas às condições do meio. As plantas possuem folhas com cutículas grossas que impedem a perda de água por evaporação. Os arbustos se caracterizam por apresentarem caules finos e retorcidos com raízes que penetram fundo no terreno arenoso em busca de água. Nas restingas, a água livre

é encontrada apenas em alguns pontos de afloramento do lençol freático e no interior de bromélias-tanque, que possuem capacidade de reserva em razão da disposição espiralada de suas folhas.

Convidamos a bióloga e tatuadora Monique Camargo, moradora do Santinho, para nos apresentar a vegetação de restinga e algumas espécies de animais que vivem por lá. Os desenhos são da nossa editora Nara Milioli.

A matéria continua na página 20.



## Batata-da-praia

*Ipoeira pes-caprae*

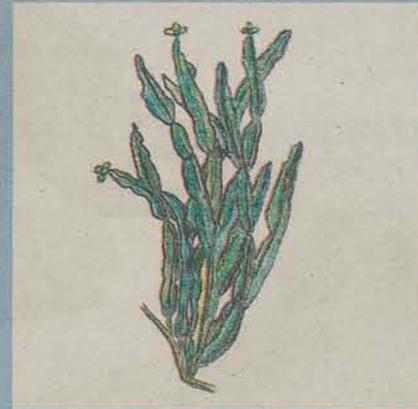
Espécie quase exclusiva das dunas frontais, onde colore a areia com suas folhas verdes e flores roxas. Suas raízes penetram fundo na areia em busca de umidade, e suas folhas, rígidas com uma cutícula espessa, espalham-se rente ao solo arenoso. As dunas movimentam-se conforme a direção dos ventos, por isso a presença deste tipo de vegetação desempenha importante papel na formação e fixação das dunas e ajudam em situações de inundações da costa. Você sabia que a Batata-da-praia é comestível?! Comem-se suas folhas – cozidas parecem um pouco com espinafre – e também o tubérculo.



## Orquídea-da-praia

*Epidendrum fulgens*

Espécie de orquídea terrestre, típica de regiões de restinga. Vivem em campos arenosos a pleno sol, formando grandes touceiras de caules eretos e raízes brancas. As orquídeas não são polinizadas através do vento ou da água, somente conseguem se reproduzir por conta de seus polinizadores (e por isso desenvolveram estratégias únicas para atraí-los: elas têm cheiro, cores e formas específicas que atraem determinados insetos). As orquídeas silvestres são protegidas pela legislação ambiental e é considerado crime inafiançável removê-las ou destruí-las no ambiente natural.



## Carqueja

*Baccharis trimera*

Facilmente encontrada em diversos ambientes, na restinga ocorre em regiões de regeneração da vegetação original. A carqueja é medicinal e muito consumida em forma de chá, que é preparado com suas hastas. Auxilia na regulação da pressão arterial, problemas digestivos e prisão de ventre. Pessoas com diabetes e hipertensão devem tomar com cautela. Gestantes, caso queiram preservar o embrião, não devem consumir o chá, porque pode provocar aborto. Também é contraindicada durante a amamentação.



## Bromélia

Família Bromeliaceae

Apresentam diversas formas, cores e hábitos de vida. Além de notáveis, são bastante significativas para os lugares onde vivem. Na Restinga, elas são fundamentais para a disponibilidade de água para pequenos animais, pois as suas folhas formam pequenas cisternas capazes de armazenar água da chuva por um período de tempo, criando assim diversos "micro-habitats" onde outras formas de vida podem se desenvolver. Por tal importância ao ecossistema e por serem extensivamente retiradas do habitat natural para servir de planta ornamental, as bromélias também são protegidas pela legislação ambiental.



## Erva-baleeira

*Cordia verbenacea*

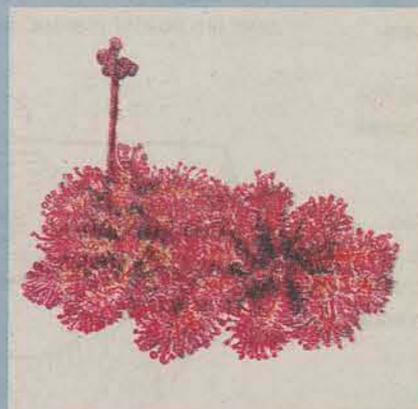
Amplamente encontrada por toda a região de restinga do bairro. Tem folhas alongadas com aspecto aveludado que, ao serem maceradas exalam um cheiro forte que lembra "caldo de galinha" industrializado. Pode ser utilizada como tempero. Para isso, indica-se secar as folhas antes de consumi-las. Também tem efeitos medicinais, sendo o chá de suas folhas um ótimo anti-inflamatório e relaxante natural.



## Taquara

*Merostachys multiramea*

A taquara é uma espécie de gramínea de grande porte muito usada para a confecção de artesanatos. Em seu habitat natural, a taquara é fundamental, servindo como refúgio para diversas espécies de répteis e pequenos mamíferos. Um fato importante sobre a taquara é a sua floração. Leva em torno de trinta anos para florescer e isso ocorre apenas uma vez durante seu ciclo de vida – logo após a floração, a taquara morre. Se você já viu uma taquara florida, saiba que você é uma pessoa sortuda.



## Papa-moscas

*Drosera brevifolia*

Assim chamada por ser uma planta insetívora, ou seja, que se alimenta de insetos. Consegue capturar os menores, como formigas e moscas, por meio de um líquido pegajoso e digestivo que fica armazenado em estruturas esféricas na superfície das suas folhas. Quando o inseto passa por cima da papa-moscas, essas esferas cheias de líquido se rompem e o inseto fica preso, sendo digerido e absorvido pela planta lentamente.



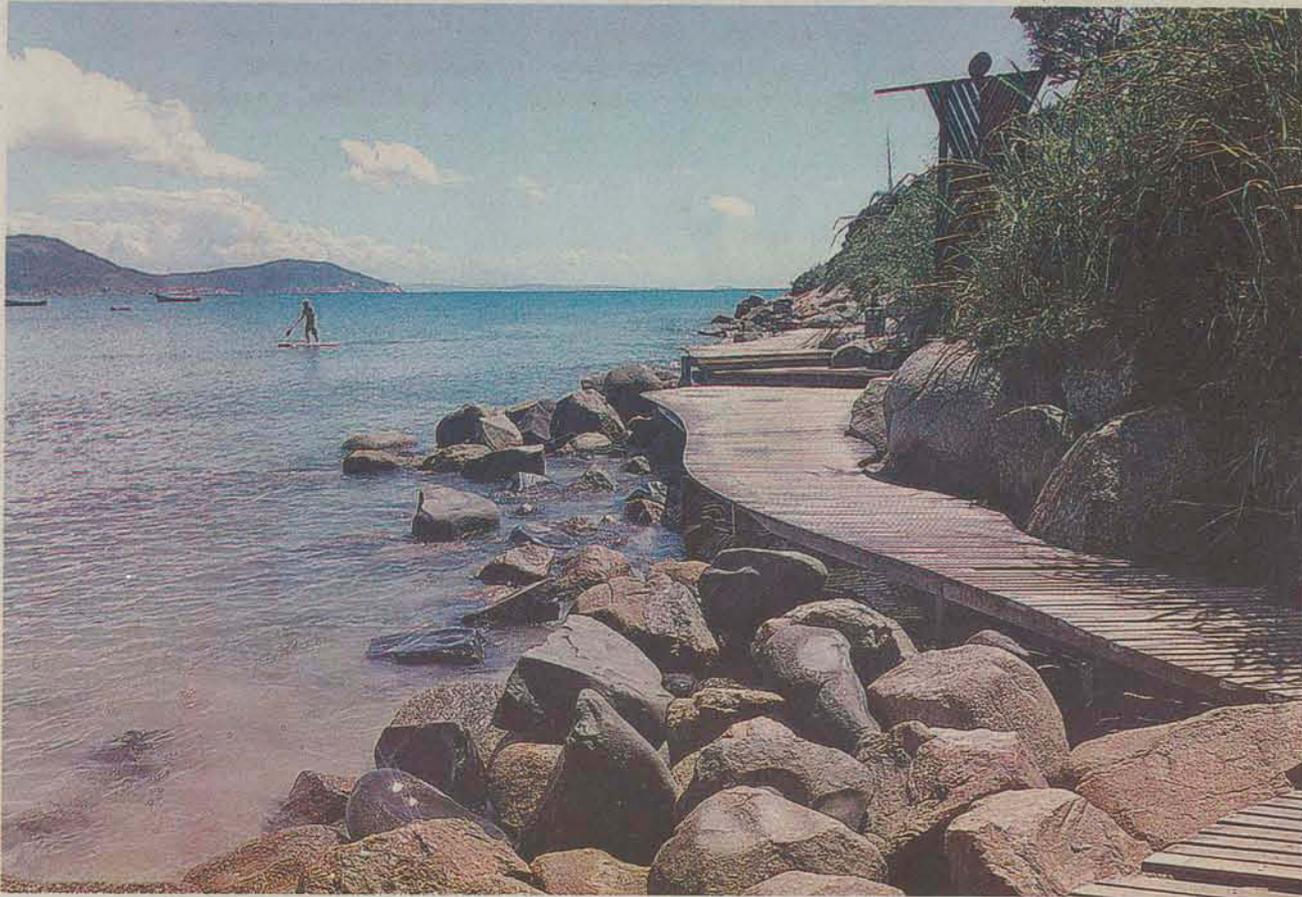
## Esfagno, musgo

*Sphagnum*

Erva delicada, verde-clara. Forma pequenos tapetes de aspecto aveludado em certas áreas úmidas da restinga. Com grande capacidade de absorver água (20x mais do que o algodão), o musgo esfagno possui o importante papel de conservar a umidade e criar um microambiente propício para que outras espécies se estabeleçam. Por conta dessas características, serve ainda como um excelente substrato para orquídeas, que precisam de ambientes úmidos para suas raízes.

# ZINGA PRÉ-HISTÓRICO

Muito antes dos açorianos desembarcarem na Ilha de Santa Catarina, e ainda antes dos indígenas que por aqui já estavam no período das primeiras incursões de navegadores europeus pelo território ilhéu, viveram nas praias dos Ingleses e do Santinho – e em diversos pontos do litoral catarinense – povos que deixaram marcas de seu trabalho em rochas que podem ser vistas até hoje.



No canto sul da Praia dos Ingleses está localizado o sítio arqueológico denominado Ingleses I. Em 2002, o local foi transformado no Museu das Oficinas Líticas pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em parceria com uma empresa local, tendo sido instalados deque de madeira e placas informativas.

## Inscrições rupestres, oficinas líticas... O que tenho com isso?

Por *Adriane Nopes*, socióloga e moradora local

Quem passeia pelas praias de Floripa, algumas vezes já deve ter observado figuras, desenhos, riscos e gravuras sobre rochas presentes nesses locais. E, provavelmente, já deve ter se perguntado o significado destas gravuras. Ou, o que estas gravuras significam para a cultura local?

Tais gravuras são inscrições rupestres ou petroglifos, expressões gráficas marcadas em superfícies rochosas, realizadas possivelmente entre 1 mil e 4 mil anos atrás não apenas aqui na Ilha de Santa Catarina, mas em diferentes pontos do litoral catarinense. São representações de figuras antropomorfas, conjunto de linhas retas, onduladas, ou ziguezagueadas e animais. Elas estão situadas quase sempre em lugares elevados como costões, penhascos e paredões.

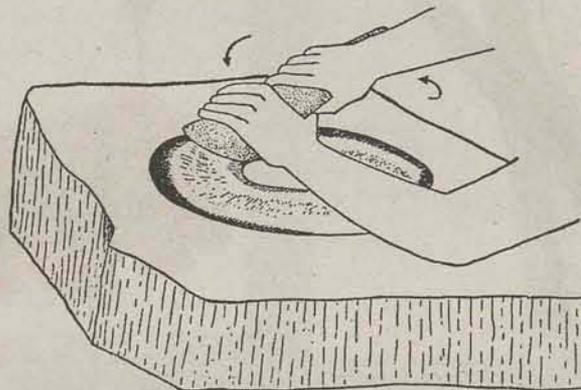
Comumente próximo às inscrições rupestres, situam-se as oficinas líticas, locais onde são encontrados afloramentos rochosos, matacões ou blocos com depressões ou cavidades e incisões de diferentes tamanhos e formas em sua superfície. Trata-se de artefatos fixos que podem haver servido, em um passado distante, como amoladores.

As oficinas líticas foram formadas provavelmente pelos povos pré-colombianos, e são entendidas como os locais de trabalho. Elas são compostas por pedras marcadas em formatos circulares e em linhas longitudinais, onde eram preparadas, durante atividade cotidiana, machadinhas, pontas de lanças, pesos para rede de pesca e zoólitos (animais de pedra).

As marcas podem aparecer isoladas ou em conjuntos, sendo muito comum a presença de dezenas ou centenas dessas feições diferentes em um único sítio. A localização de uma oficina lítica pode estar associada, inclusive, à proximidade de bons locais de pesca.

Para a pesquisadora Fabiana Comerlato, autora

do registro junto ao IPHAN de alguns dos sítios arqueológicos do bairro no início dos anos 2000, as oficinas líticas representam as etapas finais de produção de objetos polidos; atividade que obedecia aos seguintes procedimentos: selecionar e coletar um seixo; escolher o batedor para lascar o seixo; lascar o seixo até chegar à forma desejada; polir a peça em rochas, com o auxílio de areia e água; e, por último, dar o acabamento à peça com um polidor manual se preciso.



Na figura, vemos um exemplo da reconstituição do polimento de uma lâmina de machado, feito pelo Padre Rohr em 1976. Cabe lembrar que o Pe. João Alfredo Rohr foi o primeiro pesquisador das inscrições rupestres no Estado de Santa Catarina (desde meados da década de 1940).

Na Praia dos Ingleses e do Santinho, temos o privilégio de ver ao ar livre sítios arqueológicos com a presença de inscrições rupestres e oficinas líticas. Um deles está situado no canto sul da Praia dos Ingleses. Este sítio arqueológico é formado por mais de 200 depressões em forma arredondada côncava, côncavo/convexa e sulcos produzidas em mais de 50 suportes (blocos de granito, diabásio e riolito). Outro sítio arqueológico está situado no costão norte da Praia dos Ingleses, composto por uma depressão de forma redonda



Rochas expostas na Praia dos Ingleses são evidências do trabalho de polimento realizado por seres humanos há milhares de anos. As pedras são trabalhadas em uma ou mais faces, e apresentam formas ovais, canaletas e frisos.

côncava-convexa isolada sobre laje de granito e por um conjunto de 17 sulcos também sobre laje de granito, que dista 10 metros a nordeste da primeira evidência.

Na Praia do Santinho, as inscrições rupestres são um atrativo extra. Elas podem ser vistas em rochas nos costões norte e sul. Ao norte, encontram-se dois sítios arqueológicos: um a 200 metros da praia e outro a 800 metros, com acesso mais difícil.

A importância para a preservação e conservação das inscrições rupestres ou artes rupestres e das oficinas líticas pode ser atribuída sob diversos aspectos, mas principalmente, porque representam os primeiros museus da humanidade. São expressões e representações da existência de seres pré-históricos na nossa região.

Sendo assim, sobre o futuro das representações rupestres em Santa Catarina, faz-se necessário pensar em políticas de proteção voltadas para o patrimônio arqueológico. Neste sentido, estudos apontam que é possível manter as expressões destas culturas vivas sob duas condições pertinentes, uma promovendo mais estudos de acadêmicos sobre os sítios arqueológicos, inscrições rupestres e oficinas; e outra como extensão social, promovendo a apropriação da sociedade, via atividades educacionais, econômicas e turísticas.

Muitas apropriações das inscrições rupestres podem ser feitas no âmbito social, incluindo produção de artigos e aprofundamento dos estudos sobre inscrições rupestres. As gravuras ou artes rupestres podem ser aplicadas como objeto temático na produção artística, em peças de artesanato e em confecções como camisetas, por exemplo. O turismo ecológico, tão na moda, pode incluir visita aos sítios arqueológicos, bem como, as atividades esotéricas e místicas, em propósitos de reconexão com a ancestralidade.

Enfim, as inscrições ou artes rupestres e as oficinas líticas fazem parte da história planetária. Por isso merecem nossa atenção e da sociedade toda, lançando um olhar para a educação patrimonial junto às comunidades para proteção do patrimônio arqueológico de nossas praias.

## Inscrições rupestres

Abaixo, as tipologias de desenhos encontrados em rochas da Ilha de Santa Catarina, identificadas pela pesquisadora Fabiana Comerlato:



Essa matéria conta com informações dos trabalhos "As representações rupestres do estado de Santa Catarina, Brasil" (Revista Ohun – EBA/UFBA, Ano 2, nº 2, 2005) e "Oficinas Líticas do litoral central de Santa Catarina, Brasil" (Cadernos do LEPAARQ Vol. XII, nº23, 2015) de Fabiana Comerlato e do site [www.floripaarqueologica.com.br](http://www.floripaarqueologica.com.br). **Adriane Nopes** é socióloga, professora universitária e moradora do bairro Ingleses há décadas. Autora do livro "Memórias da Tradição: Praia dos Ingleses" (Palavra Com, 2015).

## Obra de alargamento da Praia dos Ingleses

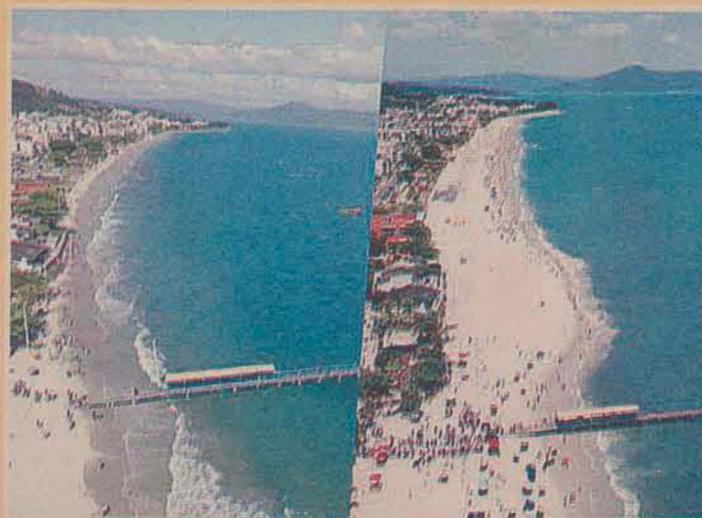
Está em fase de elaboração do projeto a obra de engordamento da Praia dos Ingleses. Segundo Valter Gallina, Secretário de Infraestrutura da Prefeitura de Florianópolis, a obra terá extensão total de 3.500 metros, no trecho entre a foz do Rio Capivari e o canto sul da praia, deixando a faixa de areia com largura média de 30 metros. Para isso, será necessário mover 490 mil metros cúbicos de areia, retirados de jazida a ser identificada no fundo do mar.

O projeto de alargamento da Praia dos Ingleses começa a se concretizar depois da realização de obra semelhante na Praia da Canasvieiras, inaugurada em janeiro de 2020 após cinco meses de trabalho, ao custo de mais de 10 milhões de reais, bancados pela Prefeitura.

Com a obra, pretende-se encontrar uma solução para o problema de diminuição progressiva da faixa de areia aqui na Praia dos Ingleses. Em alguns trechos, em dia de maré alta ou de ressaca, não há mais praia, e a água chega a bater nos muros dos imóveis. Situação que poderia ser atenuada pela vegetação de restinga, caso ela não houvesse sido removida no passado para dar lugar às edificações. Mas a principal motivação para o investimento de milhões na obra é, claro, o turismo. Afinal, como receber turistas se não há praia?

A obra é realizada por meio de um navio draga que suga areia com água do fundo do mar – em jazida com areia semelhante a já existente na praia – por meio de um aspirador. No caso de Canasvieiras, a jazida prospectada estava a 400 metros da praia. O material coletado é depois bombeado e lançado na orla, onde a areia é então espalhada por máquinas retroescavadeiras.

Após os estudos prospectivos e a elaboração do projeto, a próxima etapa é a obtenção das licenças ambientais necessárias. Só então as obras na praia podem ser iniciadas. Em fala à AMORIS em abril deste ano, o Secretário de Infraestrutura informou que a ideia é que as obras comecem depois da temporada de 2022, mas que a data não está confirmada. Durante os



Antes e depois da obra que alargou a faixa de areia em Canas.

trabalhos no local, trechos da praia serão bloqueados para banhistas por motivos de segurança.

A área de abrangência da obra inclui o sítio arqueológico localizado no canto sul da praia, junto ao morro dos Ingleses. O despejo de areia no local certamente resultará em algum impacto nesse sítio. Questionado sobre o assunto, o Secretário informou que a Prefeitura e a empresa responsável pela elaboração do projeto estão cientes da questão e que serão tomados os cuidados para preservação. Disse também que a empresa "já estava entrando em contato com o IPHAN" (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) sobre o assunto.

Contatada primeiro em abril e depois em julho pelo Jornal do Zinga, a Superintendência do IPHAN em Santa Catarina informou que "até o momento não recebeu da Prefeitura nem da empresa responsável pela elaboração do projeto nenhuma consulta ou processo relacionado a esta obra de alargamento da faixa de areia da Praia dos Ingleses. Normalmente, o IPHAN inicia a avaliação do impacto da obra após receber uma solicitação protocolada, chamada Ficha de Caracterização de Atividade (FCA)."

## Os Homens dos Sambaquis

Aires Antonio de Souza Junior

Entre 5.000 e 8.000 anos atrás  
Os primeiros humanos chegaram na Zimba.  
Foram os primeiros habitantes daqui  
Os homens dos Sambaquis.

Caçadores, pescadores e coletores  
Resolveram por aqui morar  
Pela fartura de nossas praias e lagoas  
Alimento não iria faltar.

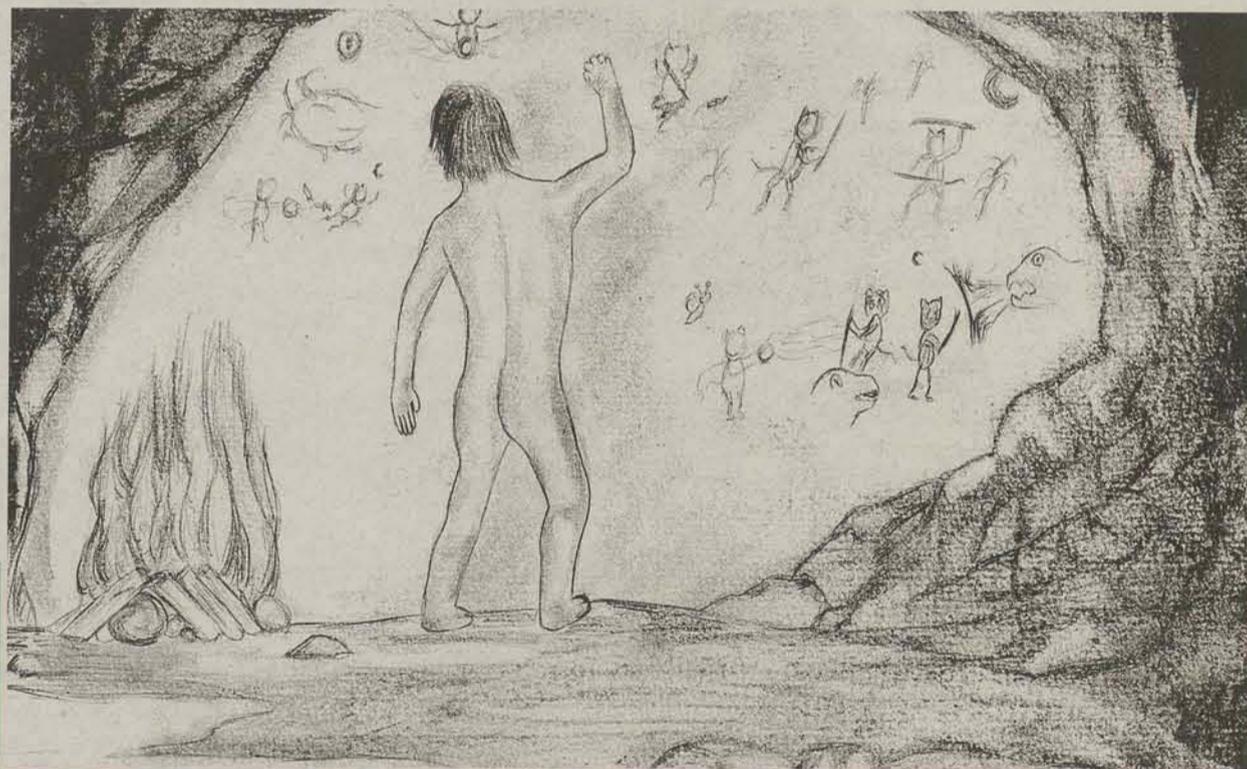
Seus instrumentos  
De pedra polida  
São retratos da evolução.

Seus hábitos funerários  
Culminaram nos casqueiros  
Ou como dizemos por aqui,  
Concheiros ou sambaquis.

Montanhas de cálcio sedimentadas  
Uma espécie de lixão  
Cemitério dos entes queridos  
Com os restos de alimentação.

Conchas, mariscos e crustáceos  
De tudo se encontra ali  
Pertences e ossos dos falecidos  
Formaram os sambaquis.

Como eles se extinguíram  
Não sabemos bem dizer  
Todavia, quando os europeus em Imbituba chegaram  
Não foi esse povo que aqui encontraram.



(@maiconbelusso)

O poema ao lado foi publicado no livro "Imbituba em Poesias" (2020) do imbitubense Aires Antonio de Souza Junior. Ele contou para o Jornal do Zinga que sabe da existência de vários sítios arqueológicos em sua cidade: "Já visitei o sambaqui que fica no bairro Roça Grande, no sul do nosso município. Este é um sambaqui de pequeno a médio porte, localizado às margens da BR-101, um pouco antes do pedágio entre Imbituba e Laguna, nas proximidades da Lagoa do Mirim. Nas dunas de Itapirubá, próximo à Lagoa do Timbé, há mais dois sambaquis. Visitei também a oficina lítica localizada nas pedras que separam as praias da Ibiraquera da praia do Luz. Há vários outros sítios arqueológicos em Imbituba que eu ainda não visitei. Há um, inclusive, localizado em um terreno particular pertencente a uma fábrica de cal. Também temos aqui um bairro chamado de Sambaqui, devido ao sambaqui localizado naquela região, que fica às margens do Rio D'una. Na verdade, os maiores sambaquis do nosso litoral estão localizados entre Laguna e Jaguaruna. Já visitei estes locais, são sítios arqueológicos maravilhosos."



Vista do canto sul da Praia dos Ingleses estampada na camiseta da lanchonete Pegador 01 vestida pela funcionária Carla Benites.

## TU "SABIA"?!

Por Luezy Sol

Como toda cultura, os ritos e tradições do denominado povo gaúcho têm suas origens no encontro e confronto entre culturas e saberes preexistentes – no caso, entre os colonizadores brancos, os indígenas que já viviam na região e os negros africanos trazidos ao Continente Americano para serem escravizados.

**GAUCHISMO** é uma invenção cultural que homogeneiza variados aspectos de diferentes culturas em um aglomerado que tem por objetivo unificar a população do sul do Brasil e lhes garantir direitos às terras dessa região. Essa homogeneização se deu por meio da apropriação de legados indígenas e africanos, valendo-se de suas práticas e saberes ao mesmo tempo que apaga suas histórias.

**CHIMARRÃO** é uma bebida consumida por toda a extensão do que chamamos América do Sul. Uma tradição cultural do povo guarani e também de outros povos indígenas, que foi incorporada ao que se chama de cultura gaúcha.



Em meados do século XVI, os colonizadores espanhóis tiveram contato com indígenas guarani que consumiam um tipo de chá servido em porongo (planta da qual são feitas as cuias de chimarrão até hoje) e sugado por meio de uma bomba feita de taquara, em cuja base havia um trançado de fibras para impedir a passagem das folhas fragmentadas. O caá-i (ou "água de erva" em tupi) era muito apreciado e consumido pelos indígenas, mas mal-visto pelos padres jesuítas, que demonizaram a erva-mate e impediram o consumo da planta. O impedimento não durou muito: os próprios jesuítas passaram a incentivar o consumo de erva-mate em combate ao alcoolismo, que surgiu como resultado da proibição.

O nome chimarrão tem origem na palavra castelhana *cimarrón*, que é usada para nomear o animal quando selvagem, cães sem dono, gados que fugiram e retornaram à natureza, e tremete à pureza e ao amargor da erva.

### POR AÍ

Mascote do mercado Do Sul, da rua Graciliano Manoel Gomes, é vista representando outro estabelecimento comercial, localizado na rodovia Dutra (trecho da Rota BR-116 que liga a cidade de São Paulo à cidade do Rio de Janeiro).



É notável a grande presença de pessoas do Rio Grande do Sul no bairro Ingleses, como podemos perceber em nomes de comércios que referenciam esse estado do extremo sul brasileiro, em bandeiras espalhadas pelo bairro e também nas mascotes.

**PAMPA** em Quechua (uma importante família de línguas indígenas da América do Sul, ainda hoje falada por cerca de dez milhões de pessoas de diversos grupos étnicos da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador e Peru ao longo dos Andes) significa "planície". Pampa é a palavra usada para descrever as grandes planícies, em sua maioria compostas por gramíneas, com poucas árvores, existentes no sul da América do Sul, ocupando boa parte do Rio Grande do Sul, o Uruguai e algumas províncias argentinas.

Além da ampla criação de gado praticada nos pampas, existem muitas espécies de animais que têm neste local o seu habitat, tais como guaraxains, veados, tatus, pica-paus, caturritas, anus-pretos, entre outros.

**HINO.** "Povo que não tem virtude acaba por ser escravo" é uma frase questionável do hino do Rio Grande do Sul – cuja primeira versão foi composta pelo tenente-coronel Serafim Joaquim de Alencastre durante os anos da Revolução Farroupilha (1835-1845).

Essa frase é questionável – e ofensiva –, porque atribui a escravatura a uma suposta falta de virtude dos povos que foram escravizados.

Virtuoso é quem não escraviza e vive em respeito às diferenças entre as pessoas. Por isso o correto seria "Povo que não tem virtude acaba por escravizar".

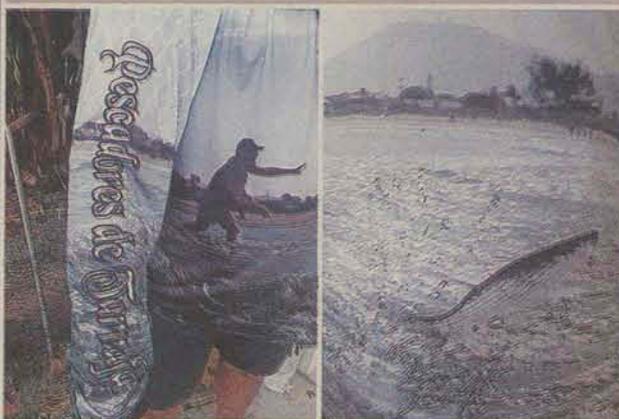
O hino sul-rio-grandense já passou por algumas modificações e mesmo supressões de alguns trechos da composição inicial, sendo hoje adotada a versão que fora oficialmente definida em 1966. Por que então não alterar novamente o hino, modificando esse trecho, que é ofensivo à memória dos povos que foram escravizados neste país?

**Luezy Sol** (@mundiada) nasceu em Porto Alegre, é artista, pesquisador e curioso. Está trabalhando em pesquisas sobre a história do que chamamos de Rio Grande do Sul, a partir das quais, como resultado recente, fez um minidocumentário artístico chamado "Ninguém à vista", em que apresenta imagens do pampa gaúcho e problematiza a ocupação dessas terras por latifúndios e haras. O vídeo está disponível no YouTube.



A mesma mascote que representa um homem trajado tipicamente como gaúcho é usada em mais de um estabelecimento do Zinga. No primeiro, aparece segurando um chimarrão, que, no segundo, é substituído por um xis e um por churrasquinho.

O grupo é composto por 23 membros, que se encontram para pescar e fazer festa. O Parati é um peixe abundante no verão do litoral catarinense. Atinge 45cm de comprimento e pesa de 500g a 1kg.



De lá da Praia do Mar Aberto, na Palhoça, nossa correspondente Isadora Stähelin nos enviou registros de uma camiseta de seu pai, Otávio. Essa camiseta é uma peça comemorativa da pesca do peixe Parati na Ponta do Papagaio, localizada na extremidade norte da Enseada da Pinheira. A camiseta é usada por pescadores de tarrafa do grupo de WhatsApp "PESCA DE PARATI".

## "Ingleses é minha Miami Beach"

Entrevista pingue-pongue com

Deivissom Charles

Sharon Queen



(@deivissomcharles)



(@sharonqueenoficial)

Deivissom curtindo uma praia e Sharon Queen em cima do trio elétrico na edição de 2019 da Parada LGBTQIA+ de Florianópolis.

Deivissom Charles, que é do signo de Leão com ascendente em Escorpião, é natural do bairro Serraria em São José, tem 25 anos e desde 2000 mora nos Ingleses.

Ele, que é de uma família de músicos e começou a cantar aos 9 anos na igreja evangélica, há 5 anos performa a personagem que criou: a drag queen cantora Sharon Queen. Deivissom também atua como fotógrafo e jornalista, e conta que ama viver no Zinga e gosta do agito do bairro: "O bom de morar aqui é que você conhece gente de tudo que é lugar. Ingleses pra mim é minha Miami Beach".

Uma cor: Rosa.

Uma fruta: Ameixa.

Uma bebida: Tequila.

Uma planta: Roseira.

Um doce: Pirulito.

Um animal: Leão.

Uma estação do ano: Primavera.

Um perfume: Obsession for Men da Calvin Klein.

Um filme: Como Se Fosse a Primeira Vez.

Uma linha de ônibus de Floripa: Costa do Moçambique.

Um sonho: Ir para Nova Iorque.

Um pesadelo: Meu futuro boy.

Marca de cigarro que fuma: Carlton azul.

Show que gostaria de assistir: Lady Gaga.

Uma música que marcou sua vida: "Song To A Hero", de Deborah Blando.

Uma música para fazer lip sync: "Somente o Sol" ou "Chocolate com Pimenta", de Deborah Blando.

Uma diva nacional: Pablo Vittar.

Diva internacional: A cantora ítalo-brasileira Deborah Blando. Ela canta em português, inglês, espanhol, italiano...

O básico da maquiagem para você é: Filtro solar e uma boa base.

A gíria que mais fala atualmente: Não falo gírias.

3 coisas que levaria para uma ilha deserta: Barraca, alimentos e minha câmera fotográfica.

Um momento inesquecível no Zinga: O show que fiz na inauguração do Parque Linear dos Ingleses a convite do prefeito em dezembro de 2019.

Cantinho preferido no Zinga: Curto muito ficar na praia perto da pousada Thaiji, adoro as palmeiras que tem ali. Mas meu lugar preferido é o canto sul da praia, principalmente a trilha que sobe o morro.

Deivissom por Deivissom: Sou uma pessoa autodidata, entendo de um pouco de tudo, tenho uma mente muito aberta, acredito em um Deus não preconceituoso que fez a gente do jeito que a gente é. Gosto de cantar todos os dias. Sou uma pessoa feliz.

Sharon Queen por Deivissom: A Sharon é meio punk, meio rock'n'roll. Ela veio numa época em que eu queria soltar meu lado feminino. Eu sempre gostei de estar bem feminina, então a Sharon veio com isso. Ai entrou a música que já estava com o Deivissom e a Sharon virou uma drag singer, uma drag cantora. Foi aí que comecei a gravar músicas, fui em estúdio, gravei com banda. Já me apresentei em show com público de 70 mil pessoas. Através da Sharon já vivi momentos maravilhosos. Quando eu estou com a Sharon, tudo acontece.

## EM UM TERRENO BALDIO A GENTE NÃO PODE...

### Descartar entulho e lixo

Os terrenos baldios do bairro são muitas vezes utilizados pelos moradores como atalhos entre servidões, como pasto para o gado e até como espaço para brincadeiras e prática de esportes. Publicamos uma matéria sobre o assunto no primeiro número do Jornal do Zinga, na qual comentamos alguns usos de um terreno localizado na rodovia João Gualberto Soares, ao lado da Escola Intendente José Fernandes. Mas, como verificamos atualmente em tal terreno, além dos usos citados, muitas vezes esses locais são utilizados também para despejo de lixo, móveis despedaçados e entulhos de obras, o que pode configurar crime ambiental.

**Em uma tarde ensolarada de maio, estivemos no local e nos deparamos com muito movimento de pedestres, ciclistas e até de pessoas transitando de moto.** Se antes dava para jogar taco (como registramos em 2019), agora deve ser mais difícil com tanta gente passando. Quem estava por lá também era Seu Amilton que, com seu carrinho de mão e foice, coletava capim para o gado que cria em outro terreno nas imediações. Ao ser perguntado sobre o tanto de lixo encontrado ali, ele disse que é realmente um problema, que as pessoas jogam lixo e entulhos mesmo.

Segundo Seu Amilton, os proprietários, uma família de nativos do bairro, estão pensando em fechar o terreno para evitar os problemas com o lixo e a insegurança. Ele comentou sobre ocorrências de assédio a mulheres no local. Não há iluminação à noite e o terreno havia sido roçado recentemente quando estivemos lá, mas às vezes o mato está alto, e essa situação, diz Seu Amilton, pode tornar o lugar mais propício a emboscadas. A preocupação é válida: segundo a edição de 2020 do Anuário Brasileiro



Use máscara de proteção contra a Covid-19 também em espaços abertos!



Descarte irregular de entulho e lixo no terreno que também é usado como atalho e espaço de lazer.

de Segurança Pública, 181 estupros são registrados por dia no Brasil. No entanto, é importante salientar que não são as características do espaço determinantes para o assédio, mas o assediador. Um assédio pode acontecer sob a luz do dia, em uma via aberta, sem mato alto, pode acontecer nas mais diversas situações. Uma mulher tem o pleno direito de andar sozinha pelas ruas (assim como atravessar atalhos em terrenos baldios), independente do horário e das suas vestimentas. Caso ocorra um assédio, a vítima nunca deverá ser culpada.

Caso as entradas para o terreno sejam realmente fechadas com muros e grades, será o fim de uma importante passagem para os alunos da Escola Intendente José Fernandes e demais moradores da região, aos quais restará fazer um caminho maior para acessar a servidão Laurindo Elias de Oliveira. Sem contar no uso desse terreno como área de lazer e recreação. Caso seja fechado, o bairro – que já é escasso de parques e áreas públicas para convívio além da praia – perderia mais uma importante área verde disponível aos seus habitantes.

## Uma alternativa para o descarte de lixos volumosos

A Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Florianópolis passou a oferecer o serviço de recolhimento de lixos volumosos a domicílio. Vale para móveis, eletrodomésticos, restos de construções ensacados, latas, pneus e madeiras. A quantidade máxima aceita é de 1m<sup>3</sup>, mais ou menos o que cabe dentro de uma caixa d'água de 1000 litros.



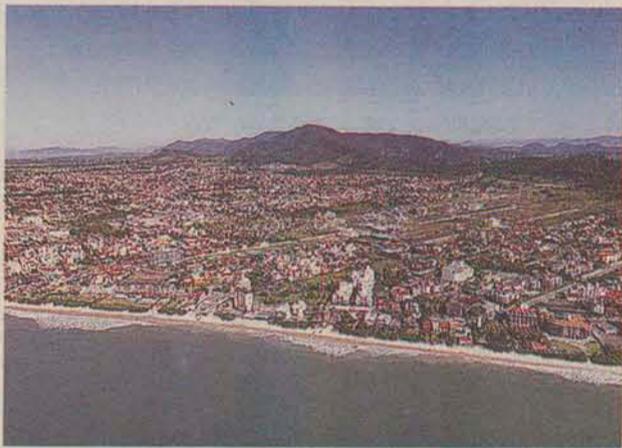
Para agendar a coleta é necessário entrar em contato via WhatsApp pelo número 48 98482 8462 e fazer a solicitação.



No início de agosto, servidores da prefeitura limparam com uma retroescavadeira um terreno nas imediações da Subestação da CELESC na avenida Lions Internacional (rótula com a rua Luiz Elias Daux) que vinha se transformando em um verdadeiro lixão. Em uma visita ao local em julho, nos deparamos com uma quantidade impressionante de entulho de obras e restos de móveis e eletrodomésticos jogados a céu aberto. Além disso, são frequentes os incêndios provocados por gente que atea fogo ao lixo no local.

## QUANTAS PESSOAS VIVEM NO ZINGA?

Não sabemos e nem temos como saber, pois faltam dados recentes.



Vista aérea do Zinga mostra a ocupação da planície do bairro a partir da região das Gaivotas.

O último Censo no Brasil foi realizado em 2010, quando o Zinga contava com 28.632 habitantes.

A pesquisa censitária é tradicionalmente realizada de dez em dez anos, intervalo de tempo determinado desde a primeira Constituição da República, que foi promulgada em 1891. No fim do século seguinte, em 1991, a lei nº 8184 tornou obrigatória a realização do Censo a cada dez anos, em todo ano de final 0, e isso tem acontecido ininterruptamente desde então.

Sendo assim, a próxima edição estava programada para acontecer em 2020, mas foi cancelada em razão da pandemia e prometida para o ano de 2021. Mas o Censo foi novamente cancelado devido aos cortes de verbas federais para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): do orçamento previsto inicialmente, restou menos da metade, o que inviabilizou a execução das pesquisas de acordo com os padrões minimamente aceitáveis.

Quem esteve no Zinga nos últimos dez anos pôde

acompanhar o quanto o bairro mudou e cresceu ao longo desse período. **O rápido e vertiginoso crescimento populacional dos Ingleses acarretou uma série de problemas e urgências que devem ser resolvidos pelos governantes, no entanto, sem informações estatísticas adequadas, fica complicado definir como atender, de fato, às necessidades da população.**

Pois o Censo serve justamente para isto: auxiliar no planejamento e execução de políticas públicas que considerem a taxa de natalidade, fecundidade e mortalidade, o tipo e as condições das habitações, o nível de instrução e até indicadores sobre trabalho e rendimento da população, bem como obter dados seguros e recentes sobre a população, os quais são necessários para calcular, entre outras coisas, os repasses da União para estados e municípios.

Sem esses dados, os governantes não têm como saber quais áreas devem ser prioridade na obtenção de subsídios para melhorar a vida da população. O Censo pode, inclusive, servir de referência para as decisões de investimentos do setor privado, porque fornece informações sobre o mercado consumidor.

Visto que o resultado das pesquisas censitárias pode também influenciar nas escolhas eleitorais, especialistas indicam que o descaso do atual governo para com o IBGE e o Censo possa ser justificado pelo medo de que os novos dados comprovem o quão fracassadas têm sido as suas escolhas de políticas públicas, sobretudo agora com a péssima gestão da pandemia.

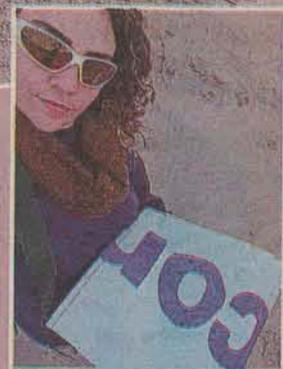
**Conforme alertado por ex-presidentes do IBGE, com esse novo atraso, o Brasil se junta ao Líbano, Congo, Haiti e Afeganistão, estados falidos ou em guerra que estão há mais de onze anos sem informação estatística adequada para auxiliar na definição das políticas públicas.**



### O grupo PESCA DE PARATI criou sua própria bolsa!

Durante um encontro na Casa do Mar Aberto, aniversário de Otávio, os amigos pescadores cortaram uma lona que estava no quintal e pediram para o João Sapateiro costurar cada pedaço.

Com pouco material e muita criatividade, conseguiram fazer bolsas de modelo ecológico, versátil e impermeável. Cada pescador tem a sua. Serve para guardar peixe, mas também, protetor, óculos e celular. O que muda são as estampas: algumas com imagens de corpos e outras com pedaços de palavras. A nossa correspondente Isadora aderiu ao estilo. A bolsa de pesca é moda na Pinheira e promete virar tendência também nas praias da capital.



### LEGUMES CEZAR

"Vendo legumes, milho verde, bergamota, aipim, batata-doce, e outros derivados. Vim do Rio Grande do Sul já vai fazer quase 2 anos"

- 📍 nos Ingleses, Campeche, Palhoça e São José. De casa em casa, em frente de lojas e restaurantes.
- 🕒 não tem hora, trabalha o dia todo até concluir o serviço.
- 💳 PIX, cartões, dinheiro vivo em espécie e até fiado (para clientes com residência fixa).

"A nossa mercadoria vem pelo pequeno produtor. Tomamos todos os cuidados e procuramos sempre cativar o cliente de uma mercadoria segura, conservada e sem nada de veneno"



### MEIAS GUARDANAPOS MÁSCARAS EDITE

"Eu morava no Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande. Eu tô aqui faz 14 anos... Faz mais de 30 anos que eu trabalho como vendedora ambulante"

- 📍 na João Gualberto Soares, perto da Agropecuária Três Pinheiros.
- 🕒 entra às 13h e sai às 18h, menos no domingo.
- 💳 à vista ou, se não, pelo PIX.



"Agora tá saindo bastante meia porque tá frio, mas vende bem as três coisas. No Paraguai, eu vendia de tudo: eletrônico, CD's. Em São Paulo, era chaveirinho, bolsinha, travessinha e agora estou trabalhando com os produtos daqui"

### TREKOS DE LUXO CARMEM

"Eu vim do Amazonas. Sou natural do Pará. Vim pra Florianópolis em busca de um sonho. Quando eu digo que vou fazer uma coisa, eu faço tudo"

- 📍 está mudando de localização, mas ainda na SC-403. Também no Instagram @trekos.deluxo.
- 🕒 funciona nas quintas, sextas e sábados.
- 💳 dinheiro, PIX, cartão de crédito e – se a pessoa não tiver dinheiro – aceita produtos em troca.

"O que eu vendo aqui são Trekos de Luxo, coisas que a gente seleciona e que sempre serve em alguém. Roupas, casaco, sapato, botas, bijuterias, o que aparece. A gente sempre coloca um preço que alguém possa pagar. Se a pessoa tem um produto e não tem dinheiro a gente troca"



### BAZAR E BRECHÓ CLÁUDIA

"Eu sou gaúcha. Venho de Porto Alegre e moro aqui há 7 anos. Nós temos um bazar que já tem em torno de 10 anos aqui, no mesmo lugar. Vendemos roupas, sapatos, ferramentas..."

- 📍 o bazar é em frente à Caixa Econômica Federal – é super conhecido.
- 🕒 todos os sábados das 8h às 18h e nas quartas também.
- 💳 dinheiro, cartão e PIX.



"Aqui é bem difícil ter loja, porque é um custo bem alto ter um ponto estratégico. Como tem muitas pessoas que vêm de fora, de outros estados quase sem nada, esses utensílios domésticos a gente vende muito bem. Acaba ajudando todo mundo. Hoje em dia brechó é vida!"

## Pesquisa ambulante

Por Gabriel Villas

O comércio de rua é uma atividade que está presente nas cidades brasileiras desde o princípio do século XIX, atravessou todos os ciclos econômicos e segue enraizada no cotidiano das cidades até hoje. No Zinga, não poderia ser diferente.

No dia doze de junho, dia dos namorados, saímos em busca das e dos comerciantes de rua do bairro. Realizamos uma caminhada pelas ruas dos Ingleses começando do alto da rodovia João Gualberto Soares e descendo em direção à SC-403 por onde seguimos até a Praia dos Ingleses. No caminho, nos deparamos com uma variedade de produtos que podem ser adquiridos na rua, entrevistamos 8 comerciantes e compramos uma mercadoria de cada para nosso acervo pessoal.

Boa parte das e dos comerciantes de rua nos relatou que uma das facilidades em ser vendedora(o) ambulante é que a profissão possibilita entrar em contato com as pessoas e criar relações de amizade, já que muitas vezes a rua se apresenta como lugar propício para trocas. Antônio nos

relatou que "as pessoas chegam aqui e não é só uma venda. É uma troca de cultura de informação". As trocas acontecem com os clientes, mas também entre os próprios comerciantes, como nos relatou Carmem: "tem dias que vende bem e tem dias que quase nada... aí os outros vendedores vêm e a gente conversa o dia todo e isso também é muito bom, a gente vai ampliando".

Frequentemente, os produtos vendidos no comércio de rua têm preços mais acessíveis. Os brechós e bazares de rua, por exemplo, contribuem para que diversas pessoas tenham acesso a utensílios de cozinha, roupas e ferramentas em bom estado, prolongando a vida útil destes produtos e evitando que cheguem ao aterro de Biguaçu tão cedo. Como bem disse Cláudia do Brechó e Bazar da esquina da Caixa: "Brechó é vida!".

Ao comprar no comércio de rua você apoia os produtores e os produtos locais e pode adquirir produtos frescos, de qualidade e preço acessível. Como é o caso dos legumes orgânicos do Cézar, produzidos e distribuídos por uma família de agricultores do continente, ou então, os produtos coloniais do Antônio que são produzidos de forma artesanal, logo ali, em Lages.

As formas de pagamentos são das mais variadas, para não

haver desculpas. A maioria dos ambulantes aceitam dinheiro, PIX, cartão e até fiado e troca em alguns casos especiais. O Cezar, que também é conhecido em algumas ruas como "O véio do berro", fez um cartaz com o texto "Aceito PIX e cartões" e colocou em seu carrinho de legumes, chamando a atenção dos clientes para as possibilidades de pagamento.

Aqui no Zinga, a temporada interfere diretamente nas dinâmicas do comércio ambulante. Wagner, por exemplo, durante o verão vende sorvetes e durante o inverno algodão doce: "No verão, a gente trabalha todos os dias, mesmo quando tem chuva, a gente espera pra ver se vai passar ou não". Wagner também nos relatou que, no verão, o trabalho é mais cansativo e que durante a temporada caminha, por dia, cerca de 40 km empurrando o carrinho e que muitas vezes precisa de analgésicos depois do trabalho.

Em Florianópolis, o clima costuma ser instável. A Ana prefere trabalhar nos dias nublados com temperatura amena aos dias de calor ou frio intenso. Cláudia e suas colegas do Bazar Brechó, compraram uma tenda nova para se proteger das chuvas. "Sempre tivemos a tenda e às vezes ela voa quando tem muito vento. Essa daqui é nova". Em dias de chuva, Antônio conta que o trabalho é focado nas redes sociais. Carmem também aposta nas redes para

**COSMÉTICOS ANA**

“Eu vim de Porto Alegre. Moro aqui há 9 anos e vendo minhas coisas faz 4 anos. Na rua faz 2 meses. Antes eu vendia em casa. Começou a cair a venda e a gente teve que dar um jeito de aumentar de novo”

- 📍 no estacionamento do Angeloni no gramado, na calçada – pro povo passar e enxergar mesmo.
- 🕒 de segunda a sexta das 13h30 às 20h. Nos sábados das 10h às 13h.
- 💳 cartão, débito, crédito, PIX, no dinheiro, transferência por link de pagamento.



“Tem dias que tá ótimo de trabalhar, que tá nublado, não tá quente, não tá frio, mas tem outros que o sol está de rachar. Achei que ia vender mais kits de dia dos namorados, mas o povo tá com a mão fechada. Venham comprar Avon, Natura!”

**PRODUTOS COLONIAIS ANTÔNIO**

“Eu vendo produto colonial que produzimos a 198 km daqui de Florianópolis, pertinho de Lages. Sou vendedor desde que tirei as remelas dos olhos. Vim lá da beirada do Rio Grande, lá de Uruguaiana, tchê! Faz 15 anos que tamo aqui na ilha. Nos recebeu bem”

- 📍 do lado do Angeloni, no estacionamento.
- 🕒 pela parte da tarde.
- 💳 cartão, PIX, Bitcoins, dinheiro – é eclético. O negócio é receber o dinheirinho. Só fiado que não.

“Dia de chuva é focado na rede social. Hoje o pessoal confia mais na internet, então pelas redes sociais eu faço bastante venda e vou entregar na porta do cliente que hoje é uma praticidade que todo mundo busca”



**REDES AMARAL**

“Sou paraibano, mas eu ando no meio do mundo tem 10 anos já... fazendo vendas no meio do mundo. Vai fazer 1 ano que estou aqui”

- 📍 sempre na avenida principal, próximo à loja Millium e ao Banco Itaú. Na temporada, nas praias, só que andando.
- 🕒 das 10h às 6h, todos os dias.
- 💳 dinheiro, cartão e PIX.



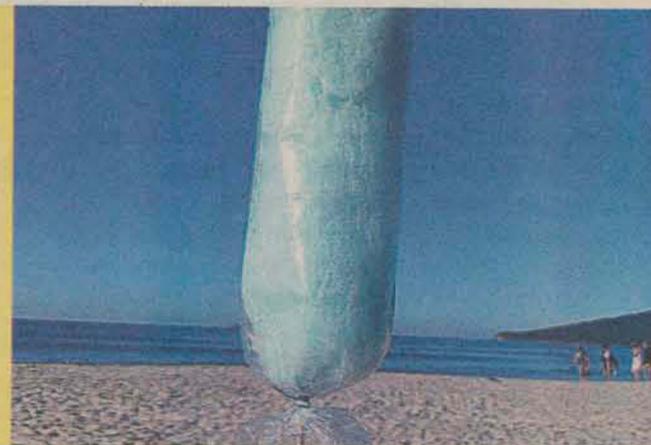
“A dificuldade é de você tá na rua e não conseguir trabalhar direito. A gente não tem vez, ninguém fala pela gente. Eu queria trabalhar e não depender de ninguém... Dependo da rua, do povo, o resto com fé em Deus, saúde e felicidade nós consegue, o resto nós corre atrás”

**SORVETE E ALGODÃO-DOCE WAGNER**

“Trabalho como ambulante há uns 18 anos na praia, na ilha faz 5 anos. No verão, trabalho com sorvete e na baixa temporada com algodão-doce. Sou natural de Porto Alegre. Morei 15 anos no litoral do Rio Grande do Sul”

- 📍 na areia, na praias e nas praças.
- 🕒 no verão, todos os dias. Das 8h da manhã – mais ou menos – até umas 17, 18 horas, dependendo do movimento até as 20h. Na baixa temporada é mais no final de semana.
- 💳 dinheiro, cartão e PIX.

“A gente é nosso próprio patrão. Geralmente você trabalha mais, mas o teu rendimento é maior financeiramente. Eu tenho uma margem de ganho maior, eu tenho mais expansão... A dificuldade é que é cansativo”



fazer suas vendas: “é um ótimo portfólio onde eu faço a curadoria das peças e monto os looks de luxo” no Instagram @trekos.deluxo. Já o Cezar vai de WhatsApp, por onde recebe os pedidos diretamente dos seus clientes.

As e os comerciantes de rua contam que uma parte complicada da profissão é a apreensão dos produtos por parte da fiscalização. Quando a mercadoria é apreendida, a multa é tão alta que não vale a pena recuperar os produtos. Acabam perdendo tudo. Em função disso, boa parte dos entrevistados mostrou disposição para fazer o Alvará de Licenciamento pela SUSP (Superintendência de Serviços Públicos de Florianópolis). Assim como nos relatou Amaral, que vende redes e mantas: “às vezes tem que sair correndo igual bandido. Se eles cobrassem uma taxazinha, todo mundo saía ganhando... melhor do que ficar correndo atrás do pessoal”.

Entramos em contato com a SUSP para trazer mais informações sobre o alvará e nos foi informado que estão trabalhando para lançar em breve o Edital de Bairro para regularização das vagas para o trabalho em área pública. Eles orientam ao requerente que acompanhe no site da prefeitura [www.pmf.sc.gov.br](http://www.pmf.sc.gov.br) o lançamento do Edital (acesse a aba “editais” e selecione “Secretaria Executiva” no menu). O último registro que encontramos do lançamento do edital

de bairros é de 2017 (002/PMF/SMSP/SUSP/2017), que disponibilizava apenas 3 vagas para o comércio ambulante no bairro dos Ingleses, com validade de um ano.

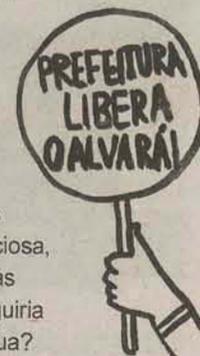
Vale lembrar que, se lançado o Edital, a inscrição por si só não garante o alvará, uma vez que as vagas são limitadas e concedidas a partir de um sorteio. As pessoas que não forem sorteadas não têm autorização para trabalhar e necessitam aguardar a abertura do próximo edital e tentar a sorte novamente.

Os editais permitem o comércio de produtos em locais específicos por um tempo determinado e o alvará tem um custo para as comerciantes. O edital de bairros (de 2017) permite o comércio de lanches e salgados, doces e bebidas e seu alvará na época saía pelo valor de R\$ 182,20. Já o edital para comércio ambulante nas praias permite, pelo período de 4 meses, o comércio de água de coco, empada, picolé, bebidas, churros, açaí, artigos de praia, entre outros. Segundo o Edital N° 007/PMF/SMSP/SUSP/2020 a taxa para o alvará de água de coco, por exemplo, é de R\$ 1.409,18 por ambulante. O edital de finados autoriza, por sua vez, o comércio ambulante em frente aos cemitérios pelo período de 5 dias e permite o comércio de velas, flores (naturais e artificiais), cachorro quente, pipoca, água e refrigerante. Neste

caso, a taxa do alvará é de R\$ 101,35 por ambulante.

A Edite, que hoje vende meias, máscaras e panos de prato, trabalha como comerciante ambulante há mais de 30 anos e já trabalhou em quatro cidades diferentes.

Apesar das atividades do comércio de rua serem antigas e cumprirem um importante papel no mercado de trabalho, carecem de reconhecimento pelo poder público. O comércio de rua promove os mais variados tipos de trocas no espaço público e suas atividades são realizadas de forma atenciosa, potencializando relações que são próprias da vida em coletivo. Afinal, quem conseguiria imaginar uma cidade sem comércio de rua?



Estas entrevistas são uma parceria entre o Jornal do Zinga e a pesquisa “Espacialidades Ambulantes”, realizada através do prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, da Fundação Catarinense de Cultura, os produtos foram comprados e as entrevistas remuneradas com recurso deste edital.

Gabriel Villas é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Desde 2017 acompanha as movimentações do comércio de rua, tema de seu TCC. Atualmente é mestrando em Artes Visuais na UDESC. Frequentador do Zinga desde 2019, recentemente se mudou para o bairro.

# CALÇADA CERTA?

Novas calçadas feitas pela prefeitura não seguem as recomendações da própria prefeitura. Calçadas muito pequenas ou inadequadas de diferentes formas são um problema no bairro.

No primeiro número do Jornal do Zinga, publicamos uma matéria sobre o problema das calçadas irregulares no bairro Ingleses. Trouxemos o relato de um morador que decidiu recuar o muro de sua casa para dar mais espaço às pessoas que transitam no local, além de dicas para adequação das calçadas retiradas do manual Calçada Certa, elaborado e disponibilizado na internet pelo IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis).

Desde 2019, a prefeitura realizou obras de melhoramento em três vias importantes do bairro: rua Graciliano Manoel Gomes, estrada Dario Manoel Cardoso e rua do Marisco. Anunciadas como revitalizações, as obras, que custaram milhões (somadas as obras, o valor ultrapassa os 5 milhões de reais), previam a recomposição da camada asfáltica e melhoria dos passeios públicos. O asfalto veio e novas calçadas foram feitas na frente de alguns imóveis onde não existiam ou estavam bastante degradadas, mas, em muitos pontos, permanecem os problemas e a falta de segurança.

A primeira dessas obras executadas pela prefeitura foi na rua Graciliano Manoel Gomes, entregue no fim de 2019. A via recebeu asfalto novo, o que melhorou as condições para o tráfego de automóveis e outros veículos. Contudo, para os pedestres, a situação não mudou muito, pois não houve readequação das calçadas. Em diversos trechos da rua, como na parte inicial próxima à rótula com a servidão Três Marias e a rua Intendente João Nunes Vieira, as calçadas são muito estreitas ou irregulares, o que, além de desconfortável, é perigoso para quem circula por ali em meio ao trânsito movimentado. Imagine uma pessoa com carrinho de bebê tendo que disputar espaço com bicicletas, carros e ônibus.

O trecho inicial da rua do Marisco recebeu asfaltamento sobre as antigas lajotas de concreto e voltou a ser mão dupla em toda sua extensão, trazendo assim mais movimento à via, mas é difícil encontrar um ponto onde dê para caminhar pela calçada. Trata-se de passeios bastante estreitos, sem rampas e com obstáculos, inclusive as calçadas feitas pela prefeitura durante o "asfaltaço". Além disso, em vários trechos os passeios não possuem piso tátil, como é indicado no manual para construção de calçadas do IPUF. Para uma pessoa com deficiência visual, por exemplo, fica bem complicado. Para alguém que utiliza cadeira de rodas, resta deslocar-se pela pista junto a automóveis e bicicletas.

Em uma das mais movimentadas vias do bairro, a estrada Dario Manoel Cardoso, o "asfaltaço" não garantiu o conforto e segurança de quem transita por lá. Antes da nova pavimentação, a via estava, de fato, impraticável. Com as escavações da obra de saneamento, passar de carro por lá em dia de chuva virava um rali. Esta forma de competição

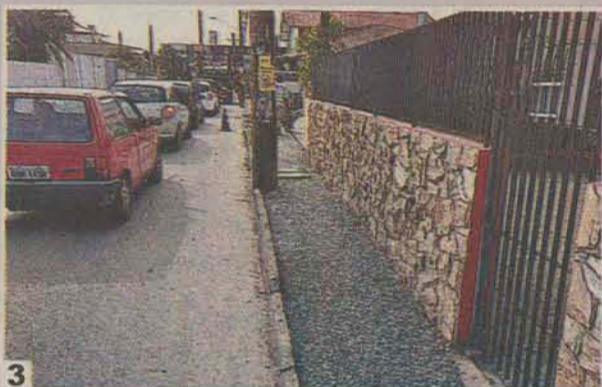
automobilística pode ser muito divertida para quem gosta de praticá-la, desde que seja em locais adequados. Imagine você ter que passar a pé por um "rali" para ir ao serviço, trajando um uniforme de cores claras... No "rali" da Dario Manoel Cardoso, teve até automóvel engolido por buraco durante uma enxurrada em fevereiro do ano passado... O novo asfalto melhorou as condições para o tráfego de carros, caminhões e ônibus. No entanto, a melhoria dos passeios públicos deixou a desejar.

Novas calçadas foram feitas em diversos trechos ao longo dos três quilômetros de extensão da estrada. Ainda assim, as dificuldades para deslocamento persistem no local, pois há diversos pontos onde a calçada continua muito estreita e irregular. Mesmo as novas calçadas não se adequam totalmente às especificações determinadas pela prefeitura para os passeios de pedestres na cidade. Basta observar a largura mínima de 0,90m não cumprida e a ausência ou inadequação da instalação dos pisos táteis – sem falar que ainda faltam rampas em muitos trechos. Ou seja, os passeios com acessibilidade ficaram na promessa.

Para a Dario Manoel Cardoso, o anúncio da prefeitura incluía também a criação de ciclofaixas, o que simplesmente não foi entregue. Aliás, é preciso estar bastante atento ao pedalar por lá nas horas de mais movimento. A via, por ser estreita em boa parte de sua extensão, não permite que os motoristas mantenham a distância lateral de 1,5m, como determina o Código de Trânsito Brasileiro (CTB). Na rua Graciliano Manoel Gomes, as dificuldades e perigos para os ciclistas são os mesmos, assim como em diversas outras vias do bairro. Já na rua do Marisco foi demarcada na pista uma ciclorotta, que é a sinalização com tinta vermelha do compartilhamento da pista entre automóveis e bicicletas. Uma ciclofaixa, faixa na pista de uso exclusivo de ciclistas, não veio.

Uma das conclusões que se pode tirar das obras realizadas pela prefeitura é que elas levaram mais em conta os carros do que as pessoas que transitam a pé, de bicicleta ou em cadeira de rodas. E mesmo para os motoristas, essa situação não é confortável, pois com pedestres e ciclistas se deslocando pelo meio da rua é necessária atenção redobrada para dirigir por muitas áreas do Zinga.

Obviamente, as inadequações dos passeios públicos não seriam resolvidas apenas com cimento novo, como foi feito pela prefeitura. Em muitos casos, é necessário que os muros das residências sejam recuados para dar à calçada a largura mínima de 90 centímetros, como recomendado pelo IPUF. É um processo mais demorado, pois depende de negociação com os proprietários de imóveis em que os muros avançam sobre o espaço da calçada, e também da conscientização destes quanto à importância da melhoria para o coletivo.



1 - Na rua do Marisco, no trecho entre a SC-403 e a rua Dante de Patta há trechos com cimento novo, mas sem a mínima condição de caminhar pelas calçadas estreitíssimas.

2 - Na rua Graciliano Manoel Gomes, a obra se resumiu à aplicação do novo asfaltamento, não promovendo modificações nas calçadas. Em alguns pontos os passeios são estreitos demais, não têm rampas e piso tátil ou sequer possuem pavimentação.

3 - Entre o fim de junho e o início de julho de 2021, operários da empresa contratada para a realização das obras na estrada Dario Manoel Cardoso tiveram que voltar ao local para refazer trabalhos malfeitos em alguns pontos da via, ou mesmo trechos deixados para trás, como esse próximo à rua Intendente João Nunes Vieira. As novas intervenções, contudo, não realizaram aumento da largura de calçadas estreitas e nem o deslocamento de postes para melhoria da acessibilidade.

Esta matéria conta com informações da Prefeitura de Florianópolis, do Jornal Conexão Comunidade, do site mobilidadefloripa.com.br e do Código de Trânsito Brasileiro.



## Obstáculos para casais

Postes no meio das calçadas estreitas na Estrada Dario Manoel Cardoso e em diversas outras vias do bairro Ingleses separam casais que gostam de andar de mãos dadas. Se fica difícil para um casal de pedestres, imagine para alguém em cadeira de rodas ou conduzindo um carrinho de bebê.



Homenagem ao orgulho gay no cimento novo de uma calçada na Rua do Marisco. O Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ é comemorado em 28 de junho. A sigla significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexos e Assexuais. O "+" representa outras possibilidades de orientação sexual e de identidade de gênero, como por exemplo os Pansexuais, que sentem atração por pessoas, independente de gênero.

## Calçada inadequada é CAPACITISMO

Esse termo se refere ao preconceito contra pessoas com deficiência. O capacitismo pode ser definido pela ideia que entende como "normal" a ausência de qualquer deficiência, assim as pessoas com alguma deficiência são tidas como exceções à normalidade. De acordo com esse pensamento equivocado, a deficiência é considerada algo que deve ser superado ou corrigido. Outro exemplo de postura capacitista é falar com o acompanhante de uma pessoa com deficiência em vez de falar diretamente com a pessoa – ou, ainda, falar com a pessoa com deficiência de forma infantilizada.

O capacitismo resulta em uma série de barreiras que impedem e/ou limitam que todas as pessoas possam desfrutar da cidade – as calçadas inadequadas do Zinga são barreiras urbanísticas que só prejudicam a vida de todo mundo.

**COLUNA DO ISAS**

**Quer saber um pouco mais sobre o que se pretende fazer no "campão" do Santinho?**



O Instituto Socioambiental do Santinho (ISAS) fez um resumo do que sabemos sobre o projeto do condomínio que é alvo de intensa polêmica no bairro:

1. Há mais de uma década que empresas tentam viabilizar as licenças para a construção do chamado Costão dos Atobás, um condomínio com 200 apartamentos divididos em 11 blocos de 4 andares e 800 vagas de estacionamento;
2. Uma Ação Civil Pública proposta pelo Ministério Público Federal impediu por muitos anos a construção dos edifícios;
3. Parte do terreno está sobre Área de Preservação Permanente e se sobrepõe ao Parque Natural Municipal Lagoa do Jacaré das Dunas do Santinho (PNMLJDS). Não estão previstas construções nestas áreas;



Demarcada em vermelho, a área do terreno onde pretende-se construir o condomínio Costão dos Atobás.

4. Em fevereiro de 2019, a comunidade do Santinho foi pega de surpresa pelo anúncio com uma semana de antecedência da realização de uma Audiência Pública para a apresentação de Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) do empreendimento – um documento técnico que deveria ter sido anunciado com maior antecedência para que a população pudesse se inteirar do assunto. Na ocasião, a Audiência foi cancelada devido às manifestações de descontentamento da comunidade com mais um empreendimento no bairro já saturado populacionalmente. Porém, o IPUF acabou por considerar a audiência como realizada mesmo com o projeto não tendo sido apresentado. O EIV – elaborado em dezembro de 2018, foco da Audiência não finalizada – não menciona a existência do PNMLJDS – criado em janeiro de 2016 – e a Lagoa do Jacaré, além de minimizar a ocorrência de muitas áreas alagadas no entorno do empreendimento e o impacto sobre a paisagem;

5. A área em questão é utilizada tradicionalmente por pescadores para fazer suas redes e pela comunidade como área cultural e de lazer;

6. A Licença Ambiental de Instalação (Nº 3734/2020) do empreendimento foi emitida pelo Instituto do Meio Ambiente (IMA) em 2020 (documento disponível em <https://consultas.ima.sc.gov.br>).

O Santinho vem sofrendo, especialmente na última década, com uma ocupação desenfreada e muitos sinais estão cada vez mais evidentes de que o bairro não comporta mais construções. Praia e Lagoa do Jacaré poluídos, bueiros que fedem a esgoto jogado na rede pluvial, falta de água e congestionamentos na temporada, violência, entre outros...

O ISAS defende o desenvolvimento do bairro com base no respeito ao meio ambiente, à comunidade e à cultura ancestral dos pescadores artesanais. O Santinho não comporta mais construções.

**ISAS** é uma ONG de caráter socioambientalista, educativo, esportivo, cultural e científico, sem vinculação político-partidária. Para saber mais e acompanhar as nossas atividades, acesse a página do ISAS no Facebook.



O portal no trecho inicial da estrada Vereador Onildo Lemos, nas proximidades do Cemitério Municipal dos Ingleses, indica que dali em diante se está no Santinho. **Mas você sabia que o Santinho, na verdade, faz parte do bairro Ingleses?** Para a Prefeitura de Florianópolis, todas as regiões dos Ingleses e também a Praia do Santinho integram o bairro Ingleses do Rio Vermelho. Tanto é que, nas placas que identificam as ruas do Santinho, está lá "Ingleses do Rio Vermelho" e não "Santinho".



**Use máscara de proteção contra a Covid-19 também em espaços abertos!**

**CAMPÃO DO SANTINHO**

Campão é o modo como um extenso terreno entre a estrada Vereador Onildo Lemos, a servidão Marciano Pedro Severino e as dunas da Praia do Santinho é chamado pela comunidade local. Sem contar com nenhuma praça pública, há bastante tempo moradores da região frequentam o lugar para brincar, praticar esportes, encontrar amigos e ficar ao sol, entre tantos outros usos possíveis.

Em maio de 2021, moradores e ativistas do Santinho criaram um abaixo-assinado on-line (disponível em [avaaz.org](http://avaaz.org)) contra a construção de um condomínio no local. O documento defende que o zoneamento desse terreno seja alterado no Plano Diretor de Florianópolis e transformado em uma área de uso comunitário contígua ao Parque Municipal Lagoa do Jacaré das Dunas do Santinho.

Antes dava para usar blocos de concreto deslocados de uma obra nas imediações para pular a mureta verde e entrar no Campão. Recentemente foram instalados cerca e portão no local.



**Justiça suspende licenças de condomínio instalado em área de preservação permanente no Santinho**

Em maio deste ano, o TJSC (Tribunal de Justiça de Santa Catarina) suspendeu as licenças e alvarás fornecidos pela Prefeitura de Florianópolis e pelo IMA (Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina) para a construção do Condomínio Jardim Santinho, no Santinho.

O MPSC (Ministério Público de Santa Catarina) promoveu uma ação civil pública para investigação da obra que avança sobre o território do Parque Natural Municipal Lagoa do Jacaré das Dunas do Santinho (PNMLJDS). Conforme constatado pela Floram (Fundação do Meio Ambiente), dos 19 mil metros quadrados do empreendimento, cerca de 8,6 mil estão dentro dos limites do Parque.

O MPSC informa que, mesmo sendo terreno privado ainda não desapropriado, por integrar o território do Parque criado por lei municipal de 2016, não se admitem no local edificações nem a ocupação humana.

A decisão, que tem caráter liminar e é passível de recurso, também proíbe que novas licenças sejam concedidas. Na ação, o MPSC solicita que, em caso de condenação definitiva, os responsáveis pelo empreendimento desocupem a área e desfaçam as edificações e demais intervenções já realizadas na porção do terreno que integra o PNMLJDS, além da recuperação ambiental do local com plantio de mudas de árvores nativas.

Consultada pelo Jornal do Zinga, a Fiori Empreendimentos Imobiliários listou as mais de 20 licenças obtidas desde 2009 para a implantação de um condomínio horizontal unifamiliar composto por 20 unidades no local. De acordo com a empresa, quando as obras foram iniciadas, o terreno estava

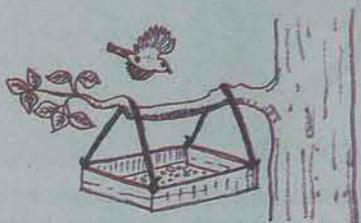


No anúncio do Condomínio Jardim Santinho, no website da Fiori Empreendimentos Imobiliários, a empresa diz que "preservou áreas verdes", mas foi constatado pelo poder público que boa parte do empreendimento está sobre uma área de preservação permanente.

zoneado no Plano Diretor de Florianópolis como "Área Residencial Exclusiva, ou seja, absolutamente passível de uso e ocupação." A construtora declarou ainda que "mantém firme a esperança de reverter este quadro no julgamento de mérito da causa ou mesmo do recurso, pois exerceu seu legítimo direito de propriedade com base nas leis vigentes à época da aprovação e implantação do condomínio."

Vale ressaltar que algumas das licenças foram obtidas pela empresa em 2017, após a criação do PNMLJDS. Fica a pergunta: por que a Prefeitura de Florianópolis e o IMA forneceram tais autorizações sem atentar ao fato de que parte do empreendimento está sobre uma área de preservação permanente?

## Como ajudar os pássaros na cidade:



- 1** Construindo comedouros e bebedouros.



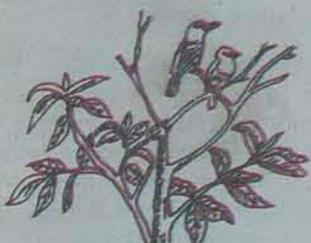
- 2** Bolando estruturas para casinhas: Que tal construir uma caixa-ninho adaptando uma panela velha ou um vaso de barro no tronco de uma árvore ou no meio dos arbustos?



- 3** Deixando a vegetação crescer para que as aves tenham onde construir seus ninhos.



- 4** Deixando o pássaro em paz sozinho no galho.



- 5** Cultivando seu terreno para ter o prazer de ter pássaros por perto e poder observá-los.

## BICHOS DA RESTINGA

A fauna das dunas dos Ingleses/Santinho é bastante diversificada. Além dos animais que vivem permanentemente nesta região, como gambás, cobras e outros répteis, temos também a presença de aves migratórias que vêm de outras regiões do mundo para a costa brasileira em busca de alimento, como é o caso do maçarico-grande-de-perna-amarela, que se reproduz no Canadá. O trinta-réis antártico, antes de migrar para a Europa em abril, forrageia na nossa região costeira.

“Forragear” se refere à busca e à exploração de comida. É uma habilidade primordial do animal, pois influencia diretamente a sua capacidade de sobrevivência e reprodução.



### Coruja-buraqueira

*Athene cucularia*

Existente em diversos biomas do país. Como o próprio nome se refere, são aves terrícolas que se utilizam de tocas abandonadas por tatus ou escavadas por elas mesmas para nidificar e chocar os ovos. As tocas dispõem de 1,5m a 3m de profundidade abrigando de 6 a 11 ovos que serão incubados pela mãe durante 30 dias. Os filhotes começam a sair do ninho com 14 dias de vida, quando ficam na entrada da toca à espera dos adultos.

### Teiú

*Salvator merianae*

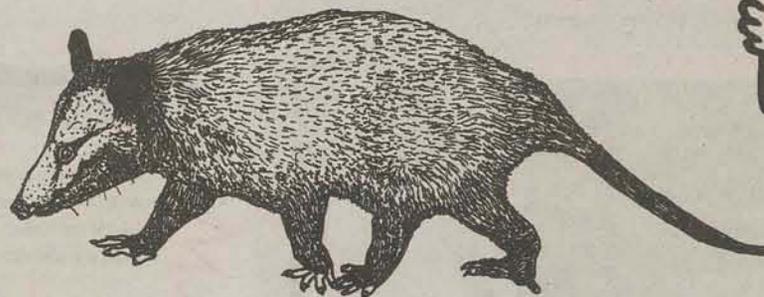
Generalistas, podem consumir pequenos roedores, aves, anuros e serpentes. Pode atingir mais de 50 cm, com uma cauda de até duas vezes o comprimento corporal. Apresenta um comportamento agressivo quando acuado, mas costuma fugir se perturbado. Hiberna no período de abril até julho. São ovíparos e podem depositar até trinta ovos.



### Carcará

*Caracara plancus*

Ave de rapina que ocorre em diversos habitats e pode atingir 56cm de altura e 123 de envergadura. Onívoro e muito oportunista, se alimenta do que está à sua disposição no ambiente, podendo ser moluscos, carniças, lagartos, anfíbios e invertebrados capturados em solo. Pode ser observado caminhando em busca de alimento ou planando alto nas horas quentes do dia.



### Gambá

*Didelphis sp*

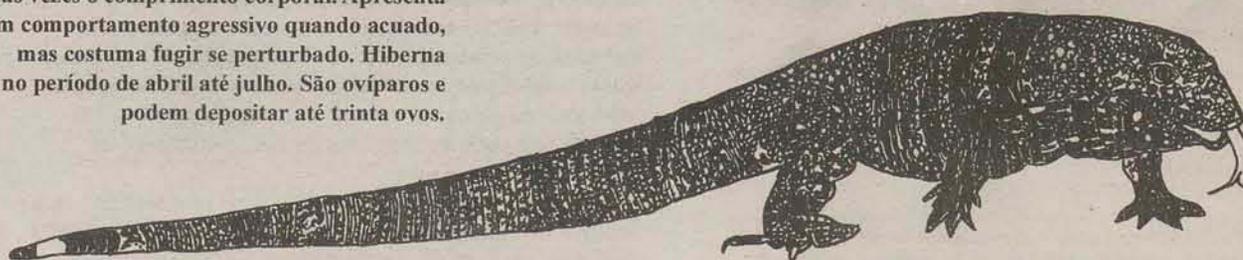
Por conta do preconceito e da desinformação, sua população encontra-se em declínio. Gambás são mamíferos marsupiais fundamentais na manutenção do ecossistema, já que controlam as populações de presas, evitando que ali ocorra um desequilíbrio ecológico.

São onívoros generalistas: comem desde frutos até pequenos vertebrados, como as lagartixas, e invertebrados, como escorpiões e aranhas. Uma curiosidade desses animais é a sua imunidade à peçonha de cobras, escorpiões e aranhas. Por sua grande importância, eles são protegidos por lei. Maltratar, capturar ou matar esse animal é considerado crime ambiental inafiançável.

### Vespa-caçadora

*Pepsis formosa*

Também conhecida como cavalo-do-cão, come-cobra e caça-aranha, atribui-se à *pepsis formosa* o troféu de picada mais dolorosa do mundo. Quem entende de insetos, aconselha as pessoas que forem picadas a ficar quietas e chamar por ajuda, pois, ao correr, devido à dor intensa, a pessoa pode ficar descoordenada e se machucar de outras formas. Mas calma: só atacam se forem ameaçadas. Suas presas favoritas são as aranhas, que servem como recipientes para suas larvas.



# DICAS DE DECORAÇÃO PARA QUITINETES MOBILIADAS



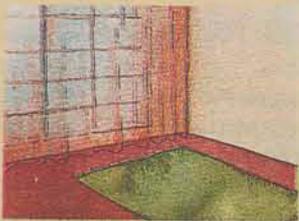
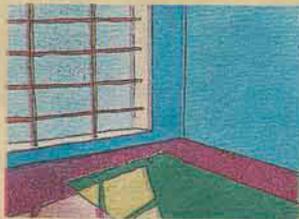
Algumas opções de quitinetes para aluguel no bairro Ingleses em fotografias de anúncios na internet.

Muitos dos imóveis disponíveis para aluguel no bairro já são mobiliados, sejam estes quitinetes ou apartamentos que parecem quitinetes. Algumas pessoas preferem esses apartamentos pela praticidade, pois não possuem móveis e eletrodomésticos e não querem ou não podem gastar com isso. É o caso, por exemplo, de muitos migrantes que vêm morar aqui e não trazem consigo móveis e eletrodomésticos.

A desvantagem de uma quitinete mobiliada é que você vai ter que conviver com os móveis que o proprietário escolheu e não você. Pensando nisso, trazemos algumas dicas para mudar a cara do seu cantinho e deixá-lo mais confortável e mais a ver com o seu estilo.

A primeira dica é **repensar a organização dos móveis**, já que você não pode se desfazer deles ou se não tem condições de comprar novos agora. Observe o espaço disponível e imagine novas disposições para os móveis existentes. Às vezes, basta mudar a posição do sofá ou de um armário para mudar todo o ambiente. Priorize o acesso à janela, pois, morando em um espaço restrito, você vai querer tomar um ar fresco.

Outra dica é investir em **cortinas adequadas e roupas de cama**. As cortinas regulam a entrada de luz e podem dar um toque especial ao ambiente! Roupas de cama em diferentes cores, texturas e estampas são recomendáveis, já que quarto e sala são o mesmo ambiente e que muitas vezes a cama será usada também como sofá para receber visitas.



(@funambulesca)

**Luzes secundárias podem transformar sua quitinete.** Uma lâmpada pendente ou luminária de chão ajudam a destacar um dos ambientes da quitinete e deixar o espaço muito mais aconchegante. Sem falar que uma luz indireta perto da cama é tudo de bom para um momento mais íntimo, e você nem vai lembrar que está a dois passos do fogão.

**Fitas de led** também são uma ótima opção. Dá para inventar muita coisa com elas, como instalar uma linha de luz no rodapé, fixá-la embaixo de uma prateleira ou ainda na parte de trás de um móvel para criar um ponto de luz surpreendente.



Uma dica que pode fazer a diferença na sua quitinete é cobrir as cerâmicas tão comuns nos imóveis do bairro. É possível fazer isso utilizando **adesivos com estampas que imitam azulejos estampados** e que são próprios para colar sobre superfícies em cerâmica. Esse material é facilmente encontrado na internet ou em lojas de materiais de construção. Antes de instalar os adesivos, procure tutoriais na internet que ensinam o passo-a-passo e tome bastante cuidado para evitar a formação de bolhas ou que as partes fiquem desencontradas.

Em imóveis onde a cozinha é integrada à sala e até mesmo ao quarto, como acontece em muitas quitinetes, elementos como **tapetes contribuem para organizar o espaço criando pequenos ambientes**. Assim, na ausência de paredes, tapetes junto à pia e ao fogão ajudam a delimitar o espaço da cozinha. Um tapete diferente para a sala e outro para o quarto! Além disso, tapetes contribuem para deixar a casa mais aconchegante e ajudam a amenizar o toque gelado do piso cerâmico, já que o inverno na ilha costuma ser muito frio.

Ainda sobre os pisos cerâmicos, que em sua maioria são brancos: qualquer sujeirinha é ressaltada por esse tipo de piso. Desse modo, a casa que recentemente foi faxinada, logo parece suja. **Que tal separar um cantinho na entrada da quitinete para guardar os calçados que foram usados na rua?**



Um pôster grande com alguma imagem de sua preferência também ajuda a criar um ambiente com a sua cara – não precisa ser uma *selfie* sua, mas pode ser se você quiser. Pôsteres com dizeres também são uma boa opção para você expressar sua personalidade nas paredes da sua quitinete.

Por último, **um arranjo de flores e folhas, feito por você mesmo, vai dar um toque especial na mesa da sua casa**. Em terrenos baldios facilmente se encontram diferentes plantas daninhas: essas que nascem espontaneamente e que a maioria das pessoas não ligam, alguns até as chamam de praga. Na foto ao lado, temos um arranjo com dois tipos de samambaia da praia, cosmos, a de cor laranja e a rosinha, conhecida como pincel de estudante.



## Na Praia à Noite Sozinha

► DICA DE FILME



*Younghee (Kim Min-hee) é uma atriz famosa que tem a sua vida pessoal exposta após ter um relacionamento com um homem casado. Ela então decide deixar sua cidade para passar um tempo em Hamburgo, na Alemanha, e dar uma pausa na carreira. Ao retornar à Coreia, Younghee reencontra alguns velhos amigos na cidade costeira de Gangneung e começa a refletir sobre suas possibilidades de futuro. Em noites regadas a álcool, ela se libera e diz o que realmente sente, gerando conflitos bem complexos com eles.*

Ano: 2017. País: Coreia do Sul. Direção e roteiro: Hong Sang-soo. Duração: 1h41min. Título original: *Bamui haebyun-eoseo honja*. Premiado no Festival de Berlim com o Urso de Prata de melhor atriz para Kim Min-hee.

## E você, o que gosta de fazer na praia, à noite, sozinha(o)?



- D. A., 37 anos, morador local, relatou ao Jornal do Zinga em um passeio noturno à beira-mar que gosta de ir à praia à noite para fumar e conversar com o mar.
- No canto norte da praia, um homem (que preferiu não se identificar) não soube responder o que fazia, pois disse que era a primeira vez que ia à praia à noite sozinho – e não quis mais conversa e voltou ao deque de madeira. Na noite seguinte fomos novamente à praia e avistamos ele lá outra vez, igualmente sozinho e perto do deque. Mas não insistimos em obter uma resposta.
- A., 42 anos, moradora da ilha, disse que a praia à noite é das lendas e dos mistérios e soltou uma estrondosa gargalhada.
- P., 26 anos, residente do bairro, disse que gosta de passear na praia depois do serviço, pois é o único lugar público onde sente segurança para ficar um pouco sem a máscara de proteção contra a Covid-19. “Antes [da pandemia] eu vinha e tirava o calçado, agora meu alívio é vir e tirar a máscara, aproveito que à noite a praia está mais vazia”.
- S.M., jovem rapaz de aparentes 20 e poucos anos, gosta de tomar banho de mar pelado, como presenciamos em uma das noites de pesquisa. Não conseguimos mais informações porque, além de estar bêbado, ele não tinha máscara.



## Coluna da Geni @genipapos



Oi, queridos leitores e leitoras.  
Hoje venho falar sobre paixão!  
Conhecer e compreender como

os processos de apaixonamento afetam nossa vida é fundamental tanto a nível interpessoal quanto também se pensamos nas macro-políticas.

Vou iniciar explicando um pouco mais sobre o impacto das paixões na política. Figuras populistas frequentemente geram sentimentos de paixão na população, daquelas bem intensas, inclusive. Quando falamos com uma pessoa que é 100% Fulano (insira aqui o nome de um político famoso), muitas vezes estamos falando com um apaixonado. Daquele tipo de conversa em que tudo que falamos para a pessoa, todos os alertas, denúncias, tudo é tido como maquinação para destruir a relação. Para quem está apaixonado desse jeito, todas as dissidências que escuta são colocadas como parte de um plano maquiavélico de mentiras e distorções contra o seu amor (supostamente) perfeito. Há aí uma barreira emocional na escuta. Esse tipo de paixão produz uma redução cognitiva, na medida em que só consegue acessar coisas positivas relacionadas ao objeto amado, idealizado. Quanto mais denúncias, críticas e conselhos vêm, tanto mais a pessoa apaixonada acredita estar sendo alvo de perseguição. Nesses casos, apenas a frustração repetida e continuada conduz, a médio e longo prazo, ao caminho de compreensão em que a pessoa consiga reconhecer que essas tantas vozes não eram tão mentirosas e enganosas como ela supunha.

A homofobia, lesbofobia, o racismo e tantas outras violências também são inspiradas nesse tipo de paixão de ódio. Neste cenário, a pessoa homofóbica se sente perseguida e não para de pensar nos grupos que odeia (por exemplo pessoas LGBT). Tudo de ruim que acontece, a pessoa apaixonada associa à culpa desses grupos que odeia, ou culpa de um partido político em específico e assim por diante. É preciso que haja esse extremismo (tudo de bom está no "nós" e tudo de ruim está no "eles"), pois se houver uma ponderação, um equilíbrio e relativização, a força apaixonada do ódio perde sua intensidade.



@mundiado

Nesse quadro de paixão delirante, os "fatos" têm pouco espaço, pois não há escuta minimamente elaborada emocionalmente para discursos que possam arriscar a intensidade viciante dessa paixão-ódio. Tanto por isso que o combate às fake news encontra tantos desafios: para além dos afetos, ou antes dos fatos, estão os afetos, as paixões, que reduzem ou ampliam nossa escuta.

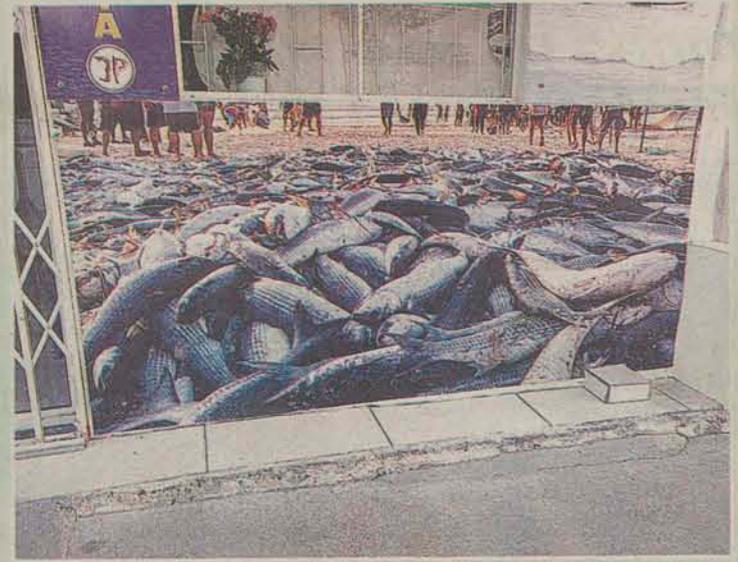
**O meu convite na coluna de hoje é para que cada pessoa que esteja me lendo agora possa parar e refletir sobre a saúde de suas paixões, seja aquelas de cunho mais íntimo, sejam as paixões públicas, políticas. Vamos examinar nossa escuta e nossa percepção com sensibilidade, de forma a reconhecer que por vezes não se trata do mundo perseguindo nosso amor e sim do contrário. Diante de uma amizade, um familiar, um colega de trabalho que manifeste paixões como essas que comentei, cabe nos lembrarmos de que o convencimento à força ou pelo cansaço é o pior dos caminhos.** Que façamos a nossa parte, sem tentar acelerar os tempos alheios, pois é preciso que haja uma real abertura para o diálogo para que uma conversa avance. Enquanto isso, fortalecemos nossas comunidades, apoiemos nossos coletivos e seguimos acolhendo e elaborando nossos sentimentos, que tanto podem implicar na vida como na morte (a nossa, a do país e do planeta).

Geni Núñez é ativista nos movimentos indígena, feminista e LGBTQIA+. Mestre em Psicologia Social e Doutoranda pela UFSC. Moradora do bairro Ingleses.

## ZINGA É CAMPEÃO DE TAINHAS

Segundo dados divulgados pela Secretaria de Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico da Prefeitura de Florianópolis em sua página no Instagram (@seturfloripa) no dia 7 de julho, 213.096 tainhas tinham sido pescadas até o momento aqui na Ilha de Santa Catarina.

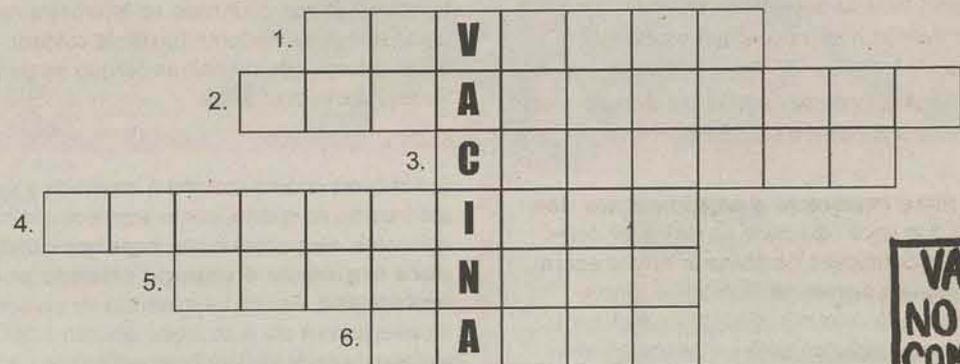
A Praia dos Ingleses aparece como a primeira no ranking, com a marca de 44.627 peixes. O Santinho aparece em quarto lugar, com 17.717. Juntas, as duas praias do bairro somam mais que um quarto das tainhas pescadas em Floripa. Só não foi dito como é que os dados foram contabilizados. Será que é história de pescador?



Homenagem à tradição da pesca da Tainha na fachada de uma peixaria do Zinga, na estrada Dom João Becker. A pesca artesanal da Tainha é patrimônio imaterial de Santa Catarina.

## JOGO DE PALAVRAS

Todas as palavras que completam a cruzadinha fazem parte do conteúdo deste jornal.



1 - Objetos comercializados para turistas.

2 - Preconceito contra pessoas com deficiência.

3 - Via de acesso e passeio para pedestres nas cidades.

4 - Como Bolsonaro se referiu à doença que até julho de 2021 já

matou mais de 550 mil pessoas no Brasil.

5 - Plantas que nascem espontaneamente, cujas flores coloridas podem proporcionar arranjos para a sua casa.

6 - Animal imune ao veneno de cobras, aranhas e escorpiões.

VACINA  
NO BRAÇO  
COMIDA NO  
PRATO



Quem nunca brincou de fazer "tortas" de areia na praia?

Perguntamos a atendentes de algumas padarias e confeitarias do bairro quais são as tortas doces preferidas em cada um desses estabelecimentos, e assim descobrimos quais são as tortas mais gostosas do Zinga.

Talvez você possa achar que certa torta feita por alguém da sua família (ou mesmo por você) seja a mais gostosa do bairro ou até do mundo. No entanto, para a nossa lista das tortas mais gostosas, consideramos somente as tortas do bairro que qualquer pessoa pode encomendar e comprovar se é gostosa mesmo.

## As tortas mais gostosas do Zinga

**Padaria e lanchonete Princesa da Ilha** - Torta de Quatro Leites com Morango: massa branca com recheio de leite ninho, leite, leite de coco, leite condensado, morango. Cobertura de chantilly. R\$39,90 o kg.

**Padaria e Confeitaria Sonho Meu** - Torta de Frutas: delicioso creme e combinação de morango, pêssego e abacaxi, R\$ 38,00 o Kg. Saem bastante a Torta de Morango e a Abacaxi com coco.

**Padaria e Confeitaria Estrela** - Varia conforme a época. No momento, a que mais sai é a Torta de Morango: massa branca, leite condensado, nata, suspiro e morangos, por R\$44,00 o kg. Também são muito apreciadas as tortas Quatro Leites (leite condensado, nata, leite, leite de coco e leite ninho) e Marta Rocha (massa branca, leite condensado, nozes, suspiro e ovos moles – nas opções ameixa, pêssego ou mista).

**Dona Preta - Confeitaria de bolos e doces** - Empate entre três tortas: Sonho de Valsa – uma camada de ganache de chocolate preto e outra de brigadeiro branco com miolo de bombom, por fora, bombom picado; Dois amores – brigadeiro branco e brigadeiro preto, massa branca e massa preta; 3) Quatro Leites – creme de leite, leite condensado, leite de coco, leite ninho e brigadeiro branco. Os preços variam conforme as opções de cobertura.

**MS Doces e Salgados** - Astortas preferidas são: Brigadeiro, que parece uma musse de chocolate; Morango com prestígio, com massa preta, creme de coco e morangos frescos e Dois Amores, com brigadeiro branco e preto. Todas feitas com chocolate meio amargo. Mas a grande campeã de vendas é Quatro Leites com Morango, feita com leite condensado, creme de leite, leite ninho, leite de coco e morangos frescos e vendida por R\$45,00 o kg.

## DE ÔNIBUS

### Mudança de rota do Sítio de Baixo

A linha 268 - Sítio de Baixo teve seu itinerário alterado. Em vez de seguir pela rodovia João Gualberto Soares, após percorrer toda a estrada Dário Manoel Cardoso como era anteriormente, agora os ônibus dessa linha retornam a Dário Manoel Cardoso pela rua Fernando Bauther da Silva e seguem rumo ao TICAN, passando pela travessa Manoel Ramos de Souza (rua da Caixa Econômica). A mudança, em vigor desde 22 de fevereiro, teve como justificativa o aumento de eficiência e o direcionamento de veículos para atender horários de maior demanda de usuários que estão na região do Sítio de Baixo.

Dias úteis

Saída TICAN

05:30E 06:05E 06:35E 06:41E 06:51E 07:11E 07:56E 09:05E 10:45E

Sábados

Saída TICAN

06:15E 07:15E 11:15E 12:15E 13:15E 14:15E 17:15E 18:15E 19:15E 20:15E 21h35E 22:35ER

### Uma dia na Lagoa

Você que mora na região do Sítio de Baixo, que tal passar um dia de boa na Lagoa da Conceição? Mas tem que ser de segunda à sexta e acordar bem cedo, porque, de manhã, o ônibus da linha 850 - TILAG / Rio Vermelho via Cidade da Barra sai daqui do Zinga (passando pela Dário Manoel Cardoso, pela Intendente João Nunes Vieiras e pela João Gualberto) no horário único das 06:13. Depois só às 17:40 ou às 18:25, mas aí você vai perder o sol... Os ônibus que fazem o caminho inverso saem do TILAG às 05:35, 16:50, 17:35 e 22:10 nos dias de semana. Segundo o Consórcio Fênix, todos os veículos da linha possuem elevador. Outra opção para o trajeto entre o Zinga e a Lagoa é a linha 840 - TICAN - TILAG via Barra da Lagoa.



### Deixou saudades

Tem gente sentindo falta da linha 294 - Interpraias, que fazia o trajeto entre as praias do Forte e do Santinho, passando por Jurerê Internacional e Tradicional, Canasvieiras, Cachoeira do Bom Jesus e Ingleses. Desde a primeira suspensão do transporte coletivo no início da pandemia em março de 2020, os ônibus dessa linha não voltaram mais à circulação. Mesmo com horários restritos, essa linha facilitava o deslocamento entre os bairros sem a necessidade de passar pelo TICAN ou TISAN.

### "Diretinhos"

Após quase um ano sem circular, os ônibus "diretinhos" que saem dos bairros do norte da Ilha rumo ao centro da cidade voltaram às ruas em 22 de fevereiro. É uma opção para ir ao centro sem ter que fazer a tão conhecida baldeação no TICAN. A linha D-264 - Ingleses sai do Santinho e faz o mesmo trajeto da linha 264 - Ingleses até SC-403, de onde segue pela SC-401 sem parar no TICAN, assumindo a partir daí o itinerário da linha 221 - TICAN-TICEN via Mauro Ramos. A linha D-267 - Rio Vermelho também é útil para quem se desloca desde ou até as regiões do bairro por onde passa esse ônibus. Essas linhas agora também fazem o itinerário inverso, do centro para o bairro, e dispõem de novos horários.

### D-264 - Ingleses

Dias úteis

Saída Bairro

06:10E 07:00E 08:55E 10:55E 13:00E 14:00E 16:45E 17:45E

Saída TICEN

07:35E 09:25E 11:30E 12:30E 15:15E 16:15E 18:20E 19:20E

### D-267 - Rio Vermelho

Dias úteis

Saída Bairro

05:20E 06:25E 06:50E 08:25E 11:10E 12:40E 14:00E 14:50E

Saída TICEN

06:55E 09:30E 11:00E 12:20E 13:10E 18:15E 18:40E 19:15E

\* Previsão de horário

E Veículo com Elevador

R Recolhe

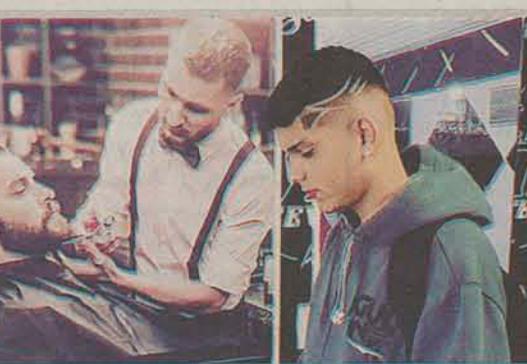
Fonte: Consórcio Fênix

**Em 2020, Florianópolis ficou 111 dias sem transporte público.** Em 18 de março do ano passado, a circulação dos ônibus do transporte municipal foi suspensa em razão dos decretos estadual e municipal com medidas de prevenção à pandemia de Covid-19. Até o dia 17 de junho, somente os trabalhadores da área da saúde e os da limpeza pública podiam usar os poucos ônibus que circulavam nesse período, em linhas especiais. Foram 91 dias de paralisação entre março e junho, e mais 20 dias entre julho e agosto.



Os ônibus voltaram a circular em junho com linhas e horários reduzidos e apenas de segunda à sexta. Como medidas de higiene, foram instalados dispensadores de álcool nos veículos e sua ocupação ficou limitada a 40%. Além disso, até outubro o pagamento podia ser feito apenas com o cartão.

Segundo informações do Consórcio Fênix, responsável pela operação do transporte coletivo de Florianópolis, a mais recente atualização das regras para a circulação de ônibus foi no último dia 3 de maio, quando os veículos passaram a circular com até 70% de ocupação – desde 25 de fevereiro, a orientação era que circulassem com 50% da lotação. A determinação seguiu o regramento de decreto estadual.



### Os guris da Barbearia Seven voltaram!

Depois do incêndio que destruiu a antiga sede na João Gualberto Soares, em maio de 2021, Wallace e Luiz Carlos estão atendendo desde julho em novo endereço, junto ao estacionamento do supermercado Angeloni. Se quiser saber das tendências e dar um trato no visual, é só aparecer por lá. Eles estão atendendo com máscara e o cliente acima só a tirou para cortar o cabelo e ser fotografado.



Instalada em 2016, sinaleira no cruzamento da João Nunes Vieira com a João Gualberto está desligada desde 2019.

## Sem sinal

**“As sinaleiras organizam o tráfego e têm o papel de tornar o trânsito mais humano e mais seguro”,**

disse em 2016 o então Secretário Municipal de Segurança e Gestão do Trânsito da Prefeitura de Florianópolis. Naquele momento, foram inaugurados os três primeiros semáforos do Zinga, instalados nos cruzamentos 1) da servidão Três Marias com a rodovia Armando Calil Bulos na entrada do bairro; 2) da rua Intendente João Nunes Vieira com a rodovia João Gualberto Soares; e 3) da travessa Manoel Ramos de Souza com a rodovia Armando Calil Bulos. O investimento da prefeitura foi de aproximadamente 700 mil reais.

Hoje, somente o semáforo nas imediações da Caixa Econômica está em operação. Além de organizar o trânsito de veículos, ele torna mais seguro o deslocamento de pedestres nesse ponto movimentado do bairro.

A sinaleira instalada junto à servidão Três Marias foi primeiro desativada, poucos meses após o início do seu funcionamento, e depois retirada. A justificativa dada pela prefeitura foi que o equipamento gerou aumento dos

congestionamentos na rodovia Armando Calil Bulos. **Sem o sinal, os pedestres e especialmente as crianças que estudam na Escola Herondina Medeiros Zeferino, a maior escola municipal de Florianópolis, voltaram a ficar mais vulneráveis ao trânsito de automóveis na rodovia. Já houve registro de atropelamento no local.**

Já o semáforo no cruzamento da rua Intendente João Nunes Vieira com a rodovia João Gualberto Soares permaneceu em funcionamento até o fim de 2019. Em dezembro daquele ano, a prefeitura decidiu colocar o equipamento em modo intermitente, apenas piscando em amarelo – ou seja, desativá-lo na prática. O objetivo, de acordo com a prefeitura, era dar mais fluidez na mobilidade da região durante a temporada de verão. E desde então a sinaleira permanece desligada. Quem dirige por ali tem que ficar bastante atento e tentar a sorte para cruzar pelo local, pois não existe ordenação no trânsito. Para os pedestres e ciclistas é um “salve-se quem puder” entre o fluxo de carros, ônibus e caminhões.

Esta matéria conta com informações da Prefeitura de Florianópolis e do jornal Conexão Comunidade. Consultada em maio pelo Jornal do Zinga, a Diretoria de Trânsito e Mobilidade da Secretaria Municipal de Mobilidade e Planejamento Urbano não deu retorno aos questionamentos feitos sobre a situação dos semáforos no bairro.

**NA PRÓXIMA EDIÇÃO: “PROFISSÃO: CATADOR”, “PIRATAS NA ILHA”, “7 ERROS DO PARQUE LINEAR” E MAIS!**

## JÁ REPAROU?

Muitas ruas dos Ingleses e do Santinho têm suas denominações atribuídas em homenagem a antigas moradoras e moradores desses locais. Algumas placas de rua aqui do bairro (bem como em outros lugares de Floripa), além dos nomes, apresentam também os apelidos pelos quais essas pessoas eram conhecidas na comunidade. Você sabe quem foi a “Betinha”, o “Nivaldinho”, o “Daléa” ou o “Didi”?



# 569.218 MORTOS

O número acima refere-se aos dados divulgados em 15/08/2021 (data de fechamento desta edição) do levantamento do consórcio de veículos de imprensa sobre a situação da pandemia de Covid-19 no Brasil a partir de informações das secretarias estaduais de saúde.

## Luto

Por **Marianne Branquinho**, psicóloga

Falar sobre morte é um grande desafio em nossa sociedade. Vai que "atrai"? Melhor "bater na madeira", "virar a boca pra lá" e se preocupar apenas quando acontecer... Mas está acontecendo, todos os dias, o tempo todo. Com a pandemia de Covid-19, o luto tomou proporções inimagináveis, sendo urgente abordar isso.

O luto é um processo natural e esperado diante de um rompimento de um vínculo significativo. Pode se manifestar no campo emocional, cognitivo, físico, social e até mesmo espiritual, já que muitas das crenças e certezas prévias passam a ser questionadas. Ou seja, o luto acaba sendo esse período de reorganização das diversas áreas da vida na tentativa de se readaptar e reaprender a viver em uma nova realidade.

No entanto, o que estamos vivenciando no contexto atual com a pandemia de Covid-19 traz desafios e especificidades nesse processo que merecem ser destacadas para um maior cuidado e prevenção de um luto complicado.

O fato de ser uma doença com intenso agravamento e comprometimento se assemelha às características de uma morte repentina, em que se identifica maior dificuldade para compreensão e assimilação.

Outro ponto que tem impactado muito o processo de luto é a impossibilidade de acompanhamento durante a internação. Não poder estar presente fisicamente em um momento de tantos medos e inseguranças dá margem para questionamentos: "mas será que ele foi mesmo bem cuidado?", "será que foi feito tudo o que era possível?".

Devido ao risco de contaminação, os caixões são lacrados e as pessoas são privadas de ver o corpo. Não se tem a oportunidade de dar o último adeus, de tocar, de ver, de escolher uma roupa, de prestar esse cuidado. Além disso, a visualização auxilia na concretização da morte e sua irreversibilidade. Ser privado disso pode contribuir para os questionamentos "será que era ele mesmo?" e expectativas de retorno, como uma ligação do hospital dizendo ter sido um engano.

O velório é um ritual de despedida, um espaço possível de se receber e oferecer suporte social, ter as dores compartilhadas, além das pessoas presentes testemunharem que a morte de fato ocorreu, o que também auxilia nessa concretização. É também o momento de honrar aquela vida a partir dos rituais, crenças e costumes pessoais. Portanto, a restrição quanto ao tempo e ao número de pessoas no velório tem impactado muito esse processo.

O distanciamento social tem interferido no acolhimento da pessoa enlutada. Não se pode abraçar, visitar, sair para se distrair, conhecer outras realidades. O que contribui para um luto mais solitário. Apesar disso, o suporte social continua sendo essencial em um processo de luto. Ter pessoas para compartilhar as dores ou mesmo oferecer ajuda nas tarefas cotidianas, pode auxiliar nesse momento. Em um período de muitas incertezas e inseguranças, ter conhecimento de que existem pessoas com quem se possa contar, faz toda a diferença.

Diante de tantas mudanças, restrições, perdas múltiplas, se faz necessário um olhar redobrado para as pessoas que estão vivenciando esse tipo de luto. Em casos de sofrimento intenso, dificuldade para reorganizar e retomar a vida, ou mesmo na ausência de uma rede de apoio efetiva, vale a pena a busca por ajuda profissional. Você não precisa passar por isso sozinho!

**Marianne Branquinho** é psicóloga (CRP: 08/21505). No Instagram (@psibranchinho), ela fala sobre a morte e mais ainda sobre a vida!

**Atendimento psicológico gratuito no Norte da Ilha para quem tem renda de até três salários mínimos** são oferecidos pelo Centro de Produção de Saberes e Práticas em Psicologia (Cepsi), da faculdade CESUSC, localizada na SC-401, em Santo Antônio de Lisboa. Os atendimentos podem ser individuais ou coletivos, e, por enquanto, em razão da pandemia, estão sendo realizados de modo remoto, pela internet. Inscrições abertas todo início de semestre pelo site [www.cesusc.com.br](http://www.cesusc.com.br) e também pelo Instagram, @faculdadecesusc. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone: 3239-2666.

## Tomou a primeira dose da vacina? Você ainda não está "imunizado"!



Muita gente tem a impressão de que "está vacinado" quando toma a primeira dose, mas a imunização só está completa com a segunda dose e aguardando de 15 a 21 dias.

Mesmo com a segunda dose, é preciso continuar se cuidando: nenhuma vacina protege 100% ou funciona sozinha. Por isso é preciso continuar usando máscaras, mantendo distanciamento e preferindo espaços ventilados.

Você só estará realmente protegido quando a taxa de transmissão do país diminuir, ou seja: quando o vírus circular muito menos que agora.

Vacinação é uma estratégia coletiva e funciona perfeitamente para isso! Todas as vacinas aprovadas hoje são seguras e eficazes.

**E lembre-se, quando for a sua hora, volte para tomar a segunda dose!**

Por "**Qual máscara?**", projeto que se propõe a difundir informações baseadas em evidências científicas sobre proteção contra a Covid-19. No Instagram: @qualmascara.

## Aglomeracões criminosas

Desde que começou a pandemia, tem quem não desistiu de viajar, mas faz de tudo para seguir as medidas de segurança. Mas há, também – e, infelizmente, muitas – pessoas que sequer tentam se proteger e conter a propagação do coronavírus: que circulam sem máscaras, que frequentam ou mesmo promovem aglomerações sem qualquer cuidado.

Este comportamento, que contribui ao vultoso (e crescente) número de mortos em decorrência da Covid-19, além dos tantos que sobreviveram com sequelas que são ainda misteriosas à ciência, foi de certa forma incentivado pelos governantes.

O presidente Bolsonaro, por exemplo, entre outras tantas péssimas escolhas na gestão da crise sanitária, organizou eventos para milhares de pessoas por todo o território nacional, divulgou uma falsa cura (que em muitos casos pode agravar a situação dos doentes) e ainda desestimulou o uso de máscaras, em posição contrária

ao que tem dito a ciência. Tudo isso, somado ao atraso na compra e distribuição das vacinas, tem resultado na tragédia imensurável que vivemos no Brasil.

Para exigir que os governantes responsabilizem as pessoas que praticam atos negligentes, irresponsáveis e criminosos perante a pandemia, surgiu a Brasil Fede Covid, que atua pela rede social Instagram (@brasildfedecovid). O perfil veicula denúncias de aglomerações por todo o país, publicando registros de festas e de eventos em geral que desrespeitam as recomendações sanitárias no combate à Covid-19. Muitas dessas aglomerações têm acontecido em destinos turísticos que não dispõem de estrutura médica e hospitalar suficiente para atender quem eventualmente adoecer, como por exemplo São Miguel do Gostoso, no Rio Grande do Norte, que sequer possui leitos de UTI.

Florianópolis e o bairro Ingleses já apareceram nas denúncias de aglomerações clandestinas/ilegais da Brasil Fede Covid. Devido às muitas ameaças que recebem, os cerca de 20 voluntários que coordenam o perfil se mantêm anônimos.



# A Escolha Certa



Rafael Neves

Março de 1988



Grupo Eliane, conglomerado de 26 empresas que gera mais de 8.000 empregos e exporta para mais de 70 países, estimula futebol catarinense doando novo troféu rotativo, que será conquistado em definitivo pelo primeiro clube a ganhar três títulos consecutivos ou cinco alternados.

## Troféu Maximiliano Gaidzinski

Valioso prêmio para o campeão estadual

*Jarvis:  
empresário,  
político  
e piloto*

Págs. 2 e 3



Oreste Araujo

*Concurso para  
escolha da arte  
dá Cz\$ 100 mil  
ao vencedor*

Pág. 15

*Empresas crescem  
segundo filosofia  
de seu fundador*

Págs. 8 e 9

# D. Octávia Gaidzinski: uma vida dedicada ao Seu Milo e às artes



Um retrato de Criciúma na sua infância.

**C**erta vez um agricultor de Urussanga vendeu um terreno mas não quis levar o dinheiro imediatamente. Preferiu deixá-lo sob a responsabilidade do comprador. "Quando precisar eu venho buscar. Por enquanto pode ficar guardado com o Senhor mesmo".

O episódio acima é contado pela D. Octávia Gaidzinski e o comprador do terreno é o Seu Milo, Maximiliano Gaidzinski.

Ela contou esta história procurando mostrar uma das qualidades fundamentais para que Maximiliano pudesse desenvolver o Grupo Eliane e transformá-lo no que é hoje: a honestidade e a seriedade no tratamento de negócios.

— Todos confiavam nele por causa do relacionamento de amizade mas também de seriedade em assuntos profissionais, sem distinguir clientes dos mais humildes operários. Aliás, ele sempre foi mais dos operários do que dos filhos. É uma

pena que o pessoal mais novo que trabalha na Eliane não tenha tido a oportunidade de conhecê-lo.

Existem outros exemplos, que D. Octávia conta. "Meu marido nunca ia à missa nos domingos. Eu até

ficava meio sem jeito para me justificar com o padre. Eu dizia, o Milo nunca vem à missa porque ele vai à fábrica

todos os domingos. Aí o Padre respondia: pode deixar, D. Octávia, porque a igreja dele é aquela lá mesmo".

Mais uma. "Teve uma época que os azulejos quebravam muito e o Milo chegou a ficar doente por causa disso. Aí o meu filho Jarvis teve uma idéia num sábado a tarde, a de deixar a temperatura do forno mais quente do que aquela que vinha sendo utilizada. Os dois foram à fábrica fazer um teste e acabou dando certo".

Em 1966 os filhos do casal, Jarvis e Edson, pretendiam ir até a Inglaterra assistir os Jogos da Copa do Mundo. O pai concordou mas pediu um favor. O de que eles aproveitassem para visitar as fábricas de azulejos na Itália a fim de se inteirarem de todas as novidades de avanços da indústria cerâmica.

Hoje fazendo parte do Conselho de Administração, D. Octávia confessa que nunca teve muita participação ativa nos negócios da indústria, mas ela acompanhou bem de perto todo o processo, tanto que disse: "Com certeza foi uma grande luta, com tempos de altos e baixos. Felizmente a gente acabou vencendo porque a firma vai muito bem hoje em dia. Eu não me

envolvi muito mas dizem que ajudei bastante para encorajar o Milo a tocar a fábrica adiante".

Aos 69 anos, D. Octávia mantém um ritmo de vida intenso, combinando trabalho com diversão. No Carnaval ela agüentou firme a maratona do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro e mês passado foi assistir o show do cantor Júlio Iglesias em Porto Alegre.

Em conversas com os filhos ela se mantém a par da situação das empresas e comparece às reuniões do Conselho quando isso é necessário. Mas são as artes, a pintura e a tapeçaria, que merecem muito do seu tempo.

Há 20 anos pintando ela não tem idéia do número de obras que já concluiu. Só sabe que nunca vendeu nenhuma delas. "Comecei a pintar numa escola profissional fazendo cópias. Foi uma pena que fiquei tanto tempo nas cópias pois isso tira a criatividade da gente".

D. Octávia decidiu dedicar-se à pintura quando os filhos estudavam em colégios no regime de internato em Porto Alegre. Depois passou à tapeçaria e ultimamente vem se dedicando à pintura em cerâmica. "Temos um grupo de senhoras que se reúne para trabalhar sob a supervisão de uma professora", conta.

Com o auxílio da Fucri, D. Octávia coordenou a montagem do Museu Casagrande pró-centenário de Criciúma, onde inclusive foi utilizado um método bem original e muito eficiente: a gincana. "Conseguimos até uma cama de casal do tempo da colonização italiana na região".

E a dedicação pela arte acabou não sendo em vão. A Galeria Municipal foi batizada com o nome de Octávia Búrigo Gaidzinski.

Nascida em Cocal, D. Octávia completa 70 anos dia 28 de outubro. Maximiliano Gaidzinski faleceu a 9 de maio de 1987, bem perto da data em que o casal iria completar 50 anos de casamento, dia 22 de janeiro. Emocionada quando recorda esta passagem, D. Octávia guarda pelo menos uma certeza, a de que o Seu Milo foi sempre muito benquisto pela comunidade.



Na tapeçaria ela também mostra todo o seu potencial artístico.



## De uma fábrica falida Maximiliano fez um dos maiores complexos cerâmicos mundiais

Nome: Maximiliano Gaidzinski  
 Data: de nascimento: 20/09/1912  
 Local de nascimento: Cocal, Urussanga - SC  
 Local de trabalho: Empresas Maximiliano Gaidzinski  
 Cargo (último): Presidente do Conselho de Administração  
 Filiação: Vicente Gaidzinski e Margarida Gaidzinski  
 Cônjuge: Octávia Búrigo Gaidzinski

Cargos que exerceu antes de ingressar na empresa: 1938-1942 - administrador de minas de carvão; 1943-1946 - agricultor por conta própria; 1946-1948 - diretor comercial de Julio Gaidzinski S/A; 1948-1954 - Assistente do diretor técnico da Cerâmica Santa Catarina Ltda, hoje Cesaca; 1954-1959 - Diretor técnico da Cerâmica Santa Catarina Ltda; 1960-1968 - Proprietário e diretor-presidente da Cerâmica Eliane; 1968-1981 - Diretor-presidente das Empresas Eliane; 1981 - Presidente do Conselho de Administração das Empresas Eliane.

Escolaridade: 3º ano primário.

Nome dos filhos: Jarvis Gaidzinski, Edson Gaidzinski, Vicente Gaidzinski, Edna Margarida Gaidzinski Bastos, Eliane Gaidzinski Stadler.

Maximiliano Gaidzinski foi o iniciador, o consolidador e presidente do Conselho de Administração do Grupo Industrial, que congrega atualmente 26 unidades de produção, que vão desde azulejos à mineração, passando pela agropecuária.

Filho de imigrantes poloneses, ele era conhecido por todos os seus amigos como "Seu Milo". Começou com a idade de 16 anos na profissão de sapateiro, juntamente com os seus dois irmãos, Júlio e José.

Depois seus irmãos montaram uma fábrica de balas e Maximiliano foi trabalhar de baleiro. Daí então, não tendo condições de continuar a sua vida em Criciúma porque

não havia como ganhar dinheiro, ele foi para Porto Alegre onde trabalhou na colocação de paralelepípedos na Avenida Bento Gonçalves, no bairro Petrópolis. Quando a estrada defronte à Confeitaria Cestari, que ainda existe, ele achou que o trabalho era muito pesado e resolveu trabalhar como padeiro, ficando um ano nessa ocupação.

Posteriormente, ele foi para o Paraná onde trabalhou de garçom dos engenheiros que atuavam na construção da Ferrovia Londrina-Curitiba.

Voltou, então, para Criciúma, onde casou com D. Octávia. Daí para frente ele começou a trabalhar na Companhia Carbonífera Próspera, como gerente de armazém de secos e molhados.

Naquela época, como a Companhia Próspera era de particulares, dos homens que habitavam Criciúma, não havia um salário propriamente dito. O salário dos mineiros era dado através do fornecimento de mercadorias, principalmente alimentação.

No decorrer da II Guerra Mundial, esta família não teve mais condições de dar continuidade ao negócio de carvão, quando então vendeu-o ao Grupo Irineu Bornhausen, que depois o transferiu à CSN - Companhia Siderúrgica Nacional.

Depois da venda desta companhia e com um empréstimo de um amigo seu, Francisco Minato, Maximiliano Gaidzinski começou um lavador de moinho de carvão, que faz o aproveitamento do rejeito do carvão. Lá, conseguiu ganhar algum dinheiro com o qual comprou a granja de seu sogro. Assim iniciou seu trabalho como agricultor, indo em seguida a Criciúma.

A partir de 1960, junto com os filhos Jarvis e Edson, iniciou um empreendimento de uma cerâmica falida, que hoje representa um dos maiores grupos cerâmicos do mundo.

### Gaidzinski e o Carvão Branco

São diversos os fatores que contribuíram para a consolidação do parque empresarial do Sul do Estado. Um deles, sem dúvida, reside na implantação da indústria cerâmica.

Voltada, há décadas, para a produção de carvão mineral, a região Sul vivia e vive até hoje sob o fantasma da falta de uma política realista e coerente que propiciasse ao importante insumo energético arcar sozinho com o crescimento da região.

Consciente, o Empresário do Sul procurou alternativas para garantir empregos, adequando a oferta de capital e trabalho, ajustando o desenvolvimento econômico e assegurando desempenho social.

Região dotada de excelentes recursos minerais, a exploração racional do subsolo foi sempre uma meta pretendida. E destas riquezas naturais, justamente com o exercício da criatividade, surgiu a potente indústria de pisos e azulejos.

A produção de materiais cerâmicos, de milhares de metros quadrados por dia, que confere a Criciúma o honroso título de Capital Brasileira do Azulejo, tem em sua origem, um responsável: Maximiliano Gaidzinski.

Dinâmico, empreendedor, arrojado, competente, Gaidzinski foi o idealizador da indústria alternativa. Seu passamento acabou por transportá-lo do dia-a-dia de sua vida, dedicada ao Grupo Eliane, para a história de toda a região Sul.

Tio Milo, como era carinhosamente chamado, sempre foi um amigo fiel dos trabalhadores, seu entendimento era perfeito com

seus empregados, sua alegria era imensa. Fazer crescer uma fábrica significava fazer milhares de novos amigos.

Ele foi longe. Sediou seu complexo industrial em Cocal, município de Urussanga, criando condições para que, no futuro, aquele distrito também se consolide, como uma nova unidade administrativa e independente do território catarinense.

A atualização tecnológica sempre foi uma de suas diretrizes básicas. Jamais poderia admitir a obsolescência de seu parque fabril. Ajustando a oferta de matérias-primas da região ao seu processo produtivo, o Grupo Eliane já opera, em caráter experimental, com unidades de gaseificação de carvão mineral, pioneiras sob todos os aspectos. Este importante avanço tecnológico vai trazer uma nova vida à região Sul, contribuindo, de forma objetiva, para equacionar os problemas energéticos e ambientais tão requeridos pela nossa sociedade.

As perspectivas para a indústria cerâmica também são promissoras. Os sólidos empreendimentos do setor estão a viabilizar o domínio da tecnologia de cerâmica fina, como utilização de matérias-primas abundantes, gerando produtos que substituirão com vantagens o eficiente aço carbono.

Foi uma vida de estadista, de novos horizontes. O tocar estridente das sirenes de suas fábricas expressaram, com invulgar tristeza, o último adeus.

Somente o Tio Milo para pintar o carvão de branco.

Honorato Tomelin



O Casal Gaidzinski com os filhos



A Região Sul passa a ter um local apropriado para mostrar o potencial de sua indústria.

# I FEISUL inaugurou Parque de Exposições Maximiliano Gaidzinski

A I FEISUL marcou a inauguração do Parque de Exposições de Criciúma, obra que leva o nome Maximiliano Gaidzinski por uma indicação do prefeito José Augusto Hülse. Autoridades, empresários, políticos e personalidades da Sociedade Catarinense prestigiaram os atos inaugurais no dia 15 de janeiro.

**A** pesar de toda a sua força econômica, Criciúma, ou melhor, a região Sul do Estado, não possuía um local adequado para promover feiras e exposições. Por iniciativa da Prefeitura e da Associação Comercial e Industrial foi construído um parque de exposições e eventos, inaugurado dia 15 de janeiro com a abertura da I

FEISUL — Feira Industrial do Sul.

O Parque de Exposições denominado "Maximiliano Gaidzinski" foi edificado numa área de 30 mil metros quadrados na localidade de quarta linha, BR-101, Criciúma. Tem área construída de 5 mil metros quadrados e um projeto para funcionar com dois pavilhões a partir de 1989.

Após uma solenidade de inauguração bastante concorrida com a presença de autoridades de todo o Estado, a I FEISUL foi aberta à visitação pública. O evento consagrou-se com quase 100 mil visitantes em uma semana de duração.

Como não poderia deixar de ser, o Grupo Eliane teve participação destacada com os seguintes setores: azulejos e pisos, transportes Cocal, avícola, refratários e embalagens. A Transportes Cocal foi eleita a empresa que apresentou a melhor recepção desta FEISUL.



Muitas autoridades acompanharam a solenidade de inauguração. Ao lado, o discurso de Jarvis.

## Parque imortaliza o grande capitão da indústria

**“N**ão criará as prosperidades, se destimular a poupança”.  
De fato, precisamos crescer com alegria, e por isso só com grande esforço haveremos de juntar nossas energias na busca do desenvolvimento social econômico e justo.  
“Não fortalecerás os fracos, se enfraqueceres os fortes”.

É política desinteligente nivelar por baixo. Nada adiantará destruir os competentes para tornar a todos incompetentes.

“Não ajudarás o assalariado se arruinares aquele que o paga”.

Pergunto eu: como viver sem salário? Como sobreviver trabalhando sem capital?

“Não estimularás a fraternidade humana se alimentares o ódio de classes”.

Por que discutir eternamente sobre divergências entre empregado e patrão, provocando uma luta insana entre Capital e Trabalho, que devem ser mutuamente complementares para o sucesso da livre iniciativa.

“Não ajudarás os pobres se eliminares os ricos”.

É o mesmo que tornar todos pobres, impotentes.

“Não criará estabilidade se a baseares em dinheiro emprestado”.

Viver devendo, sem pagar a dívida, é perder crédito, é perder conceito, é perder mercado.

“Não evitarás as dificuldades se gastares mais do que ganhas”.

Conter o déficit público significa imprimir menos dinheiro, gastar menos, melhorar a eficiência, dar passo de acordo com a perna.

“Não fortalecerás a dignidade se subtraíres ao homem a iniciativa e a liberdade”.

Livre iniciativa é um conceito fundamental. É mais do que isto, é um instrumento sólido para se atingir a tão propalada justiça social.

“Não ajudarás aos homens, se fizeres por eles aquilo que eles podem fazer por si próprios”.

Algo na linha de que não se pode ter raiva de mim, se eu nunca te ajudei. A ajuda existe, mas é social, não pessoal. Todo cidadão tem orgulho próprio e este é o sentido de sua vida. Nada de humilhá-lo, tudo para engrandecê-lo.

O que fiz até agora foi comentar, em partes, um brilhante pensamento do ilustre presidente americano Abraham Lincoln, pronunciado há exatamente 200 anos.

No entanto, está tão atual para os nossos dias, como o dia de hoje, quando aqui estamos para inaugurar esta majestosa obra que leva o nome de Maximiliano Gaidzinski.

E o que fez Maximiliano Gaidzinski?

Nada mais do que pôr em prática, executar na vida real sem nunca ter lido o que tão bem disse Abraham Lincoln.

Foi consciente o empresário Maximiliano Gaidzinski, pois soube encontrar alternativas para garantir a oferta de empregos, adequando Capital e Trabalho, ajustando o desenvolvimento econômico e assegurando o desempenho social.

A produção de materiais cerâmicos, de milhares de metros quadrados por dia, que confere a Criciúma o honroso título de Capital Brasileira do Azulejo, é mais uma obra e graça de Maximiliano Gaidzinski.

Dinâmico, empreendedor, arrojado, competente, meu pai foi o idealizador da indústria alternativa. Sempre com muita fé, muita alegria e muita paz.

Tio Milo, como era carinhosamente chamado, sempre foi um fiel amigo dos trabalhadores, seu entendimento era perfeito com seus empregados, sua alegria era imensa. Fazer crescer uma fábrica significava milhares de novos amigos.

Foi uma vida de estadista, de novos horizontes. Uma obra para nossos filhos e para os nossos netos.

O reconhecimento que ora vejo registrar conferindo a este Centro de Exposições — retrato da pujança da empresa brasileira — o nome de Maximiliano Gaidzinski, representa imortalizar o grande capitão de indústria.

Muito obrigado Criciúma”.

# Prefeitura: Altair é candidato

**A** corrida pela sucessão à Prefeitura de Criciúma ainda não começou, mas já existe um candidato na rua. Altair Guidi, prefeito do município de 1977 a 1983 e atualmente deputado estadual, é considerado até por seus adversários políticos como o postulante que tem mais condições de chegar à vitória no dia 15 de novembro.

Altair aceita com naturalidade esse alto índice de preferência popular, mas quando é perguntado sobre as razões do fato, tem medo de a leitura de seu discurso acabe em demagogia, coisa que quer evitar a todo custo.

— Não sou candidato por vontade pessoal. Isso veio das bases, é uma vontade da comunidade de Criciúma. No meu entender é fruto de nosso mandato de 77 a 83, quando Criciúma ganhou uma identidade como cidade. Ela se polarizou na região Sul do Estado com o fortalecimento da atividade econômica. Assim, possibilitou-se a criação de uma nova mentalidade — justifica Altair.

A preocupação com a campanha já existe. Há um lema através do qual Altair quer projetar todos os seus objetivos — “Criciúma, a sua casa maior”. As linhas gerais de plataforma de trabalho ainda precisam ser melhor costuradas, acha ele.

Dia 1º de fevereiro completaram-se cinco anos após o término da administração-Guidi. A cidade mudou? — Não, continua a mesma. Houve crescimento vegetativo, nada além do normal. Mas nós vamos trabalhar para que Criciúma volte a ser o que era”.

Altair encara com realismo o atual momento por que atravessa o país. “O povo não acredita mais na classe política. As promessas se renovam mas assim que eles assumem, querem agradar todo mundo e acaba acontecendo justamente o contrário, ou seja, eles não agradam a ninguém”.

Diante deste quadro o deputado não vê outra alternativa a não ser uma mensagem de trabalho e dedicação. “O povo ainda precisa de uma esperança e nunca vai perdê-la porque é de boa índole. Só que aqueles que enganaram o povo não terão mais vez”.

Essa assertiva tem endereço certo: o PMDB. “O povo contava



Criciúma, a sua casa maior, é o lema de campanha.

## “Criciúma precisa de um Comandante a sua altura”

*Meus companheiros.*

*Hoje é um dia de festa, um dia de alegria, um dia de confraternização.*

*Que felicidade poder estar aqui hoje, para festejar o aniversário deste competente político, o ilustre cidadão Altair Guidi.*

*Parabéns, Altair, feliz aniversário. Fazer um discurso é sempre um prazer quando o objetivo está perfeitamente claro, quando a missão é agradável, quando a própria motivação nos enche de alegria.*

*Mas um discurso deve ser como um vestido de mulher: suficientemente longo para cobrir o conteúdo e curto o suficiente para manter o interesse...*

*E o conteúdo de nossa proposta reside no lançamento da candidatura de Altair Guidi para prefeito de Criciúma.*

*Altair eleito, Criciúma tem prefeito.*

*A nossa Criciúma cresce vertiginosamente, precisa de um comandante a sua altura, popular, capaz de produzir a tão requerida justiça social. Este é o nosso interesse.*

*Por isso estou convicto de que cidadãos e cidadãs, brasileiros, criciumenses honrados, haverão de reconduzir Altair Guidi à Prefeitura.*

*Desejo ainda aproveitar esta oportunidade para destacar o quadro político brasileiro e deixar uma mensagem final.*

*A situação política nacional apresenta um quadro conturbado, de indefinições.*

**O PMDB IMPLODIU COM A NOVA REPÚBLICA.**

*O PFL consagrou-se como partido fisiológico e o PDS subsiste, porém apenas em Santa Catarina. Resta-nos a ideologia e os homens políticos.*

*Na ideologia desejo afirmar que manterei minha coerência na defesa da livre iniciativa através da prática do liberalismo social, e será dentro da nova consolidação partidária que procurarei respaldo a estas convicções.*

*Na falta de uma doutrina partidária consolidada, anticipo-me para apoiar nomes, cuja folha de serviços prestados à comunidade respalda suas atitudes e recomenda seu convívio com a coisa pública.*

*Dai porque, aconteça o que acontecer, estarei junto no palanque de Altair Guidi na campanha deste ano para reconduzi-lo à Prefeitura Municipal de Criciúma.*

*Por fim, quero deixar minha mensagem. E faço isso lembrando Amir Klink e seus “100 Dias Entre o Céu e o Mar”. O remador que saiu da Namíbia, ao Sul da África, num pequeno barco, seguindo a corrente de Bengala, e que veio chegar à costa brasileira junto ao Estado da Bahia.*

*Ele estava só. Enfrentar todo oceano Atlântico mais parece uma aventura, mas não foi. Foi de fato um bom projeto. Usou um barco bem construído, capaz de conviver com as ondas e não enfrentá-las, capaz de seguir a roda mais indicada compatibilizando a força humana com a direção a seguir, executando a escolha certa.*

*Nós também temos esta oportunidade de escolher um bom projeto. Este é o de eleger Altair Guidi prefeito de Criciúma.*

*Porém, mais do que isto, é a certeza de ter escolhido o caminho certo, o caminho, da democracia capaz de responsabilizar povo e governantes pelo futuro de Criciúma.*

*Assim, povo e prefeito, irmanados, assumirão a Prefeitura, convictos de que estão navegando no rumo certo, com o barco certo, na corrente certa. Esta é a forma de atingirmos a propalada justiça social, elegendo um governo economicamente forte, socialmente justo e politicamente livre.*

*Santa Catarina aguarda com fé e entusiasmo uma decisão do povo criciumense. Parabéns Altair, vamos à vitória com você. Criciúma merece.”*

*Jarvis*

com uma solução para os seus problemas votando no PMDB mas foi enganado. O atual Governo estadual tinha um belo discurso e um bonito programa. Quando chegou ao poder sentiu a realidade de como é difícil administrar”.

— Acho que eles quiseram fazer uma revolução. De outra forma não poderia ser porque nem a lei eles obedecem. Acabaram contrariando todos os princípios de palanque e é isso que o povo vai julgar nas próximas eleições — acredita Guidi.

A respeito da atuação parlamentar dos deputados na Assembléia Legislativa, Altair Guidi ressalta: “Diante de uma administração estadual que não obedece leis e apesar de ser a resistência aos atuais desacertos, a Assembléia tem pouco poder para consertar esses desmandos.

Mas ainda é a única tribuna que a Sociedade catarinense tem através de seus representantes para denunciar essa incompetência”.

Na tribuna Altair fez questão de destacar a atuação do deputado Jarvis Gaidzinski. “Ele tem demonstrado que possui muita sensibilidade para encontrar e tornar públicos os problemas de nosso Estado. Em síntese, Jarvis está realmente fazendo oposição”.

# Produzir, transportar e alimentar-para mais de 70 Países

O Grupo Eliane emprega atualmente 8 mil pessoas e tem suas unidades de produção distribuídas por 11 Estados do Brasil. Atua nos seguintes setores: cerâmico, agropecuário, transportes, mineração, equipamentos industriais, construção civil, comércio exterior, administração, embalagens, florestamento e reflorestamento. Ocupa posição entre os 200 maiores grupos privados nacionais. Essas empresas ocupam uma área coberta aproximada de 350.000 metros quadrados.

Responsável por 20% de participação no mercado nacional de revestimento cerâmico, o Grupo Eliane exporta para a América Latina, América do Norte, Europa, África Ocidental, Oriente Médio, Extremo Oriente e Oceania.

Diante de números tão expressivos, a primeira reação de alguém que esteja conhecendo melhor o Grupo Eliane é a de um misto de espanto pela sua grandeza e de curiosidade sobre como se chegou lá em tão pouco tempo - 28 anos. A explicação em torno da rapidez do crescimento da Eliane não é difícil e pode ser dada por qualquer funcionário do grupo ou mesmo pelos moradores da região de Criciúma/Urussanga/Cocal. Ela remonta obrigatoriamente à figura do "Seu Milo", Maximiliano Gaidzinski, o fundador.

Filho de imigrantes poloneses, pequeno comerciante com fama de zeloso pagador de seus compromissos, Maximiliano adquiriu em 1960 a massa falida de uma cerâmica localizada em Cocal, distrito de Urussanga. Ela estava desativada e a primeira tarefa do Seu Milo com a ajuda de duas funcionárias - todos munidos de vassouras, foi a limpeza das instalações. Em seguida passou-se para a fase de reorganização, saldando compromissos de cotistas e ex-empregados.

A produção vinha sendo realizada de forma quase artesanal em fornos intermitentes tipo garrafões. Começou o processo de expansão adequado ao acerto de nova tecnologia em busca da melhor qualidade. Surgiu o que se chama de "biscoito pelado", que dispensa a caixa refratária em sua queima. O forno garrafão, muito lento nas fases de aquecimento e desaquecimento, deu lugar ao forno contínuo.

A expansão foi se consolidando com a adoção de novos avanços tecnológicos: esmaltadeiras, atomização, prensas do tipo atual, além da decoração.

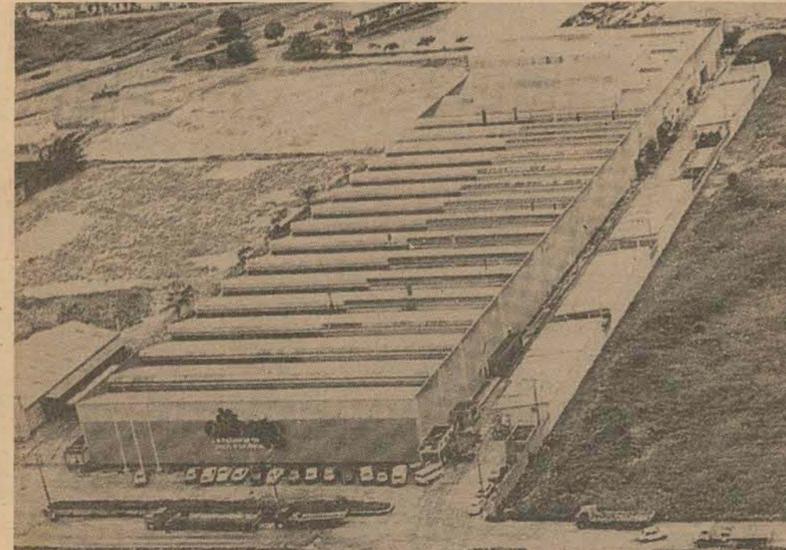
A medida em que a marca Eliane de revestimento cerâmico ia se consolidando no mercado, o espírito altamente empreendedor do Seu Milo o levou a diversificar seus investimentos na ampliação do grupo, transformando as empresas no que elas são atualmente.

Outro aspecto fundamental relacionado com a conquista de mercado-ela deu-se não por uma estratégia abrangente e programada com as

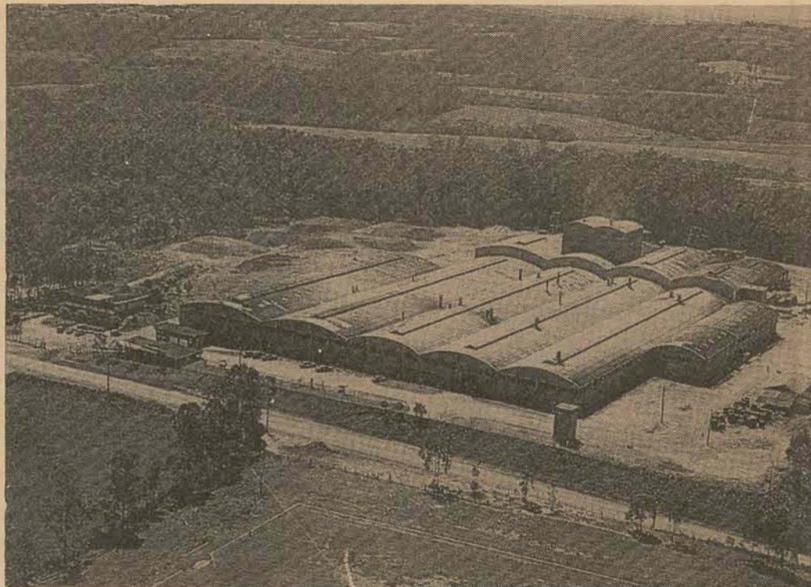
**Estas três variáveis foram o tripé que sintetiza da melhor forma possível a filosofia de trabalho do Grupo Eliane, atualmente o primeiro produtor nacional e segundo mundial de revestimento cerâmico, meta alcançada nestes 28 anos de existência das empresas Maximiliano Gaidzinski S/A. Dos 8 mil metros quadrados mensais de produção verificados em 1960, a Eliane foi subindo gradativamente até alcançar hoje a marca de 3 milhões e 100 mil metros quadrados/mês. Mas o Grupo não se limita a PRODUZIR os azulejos Eliane, também TRANSPORTA com a Cocal e ALIMENTA com a Avícola, sem contar as atividades das demais empresas que se agregaram ao empreendimento inicial.**



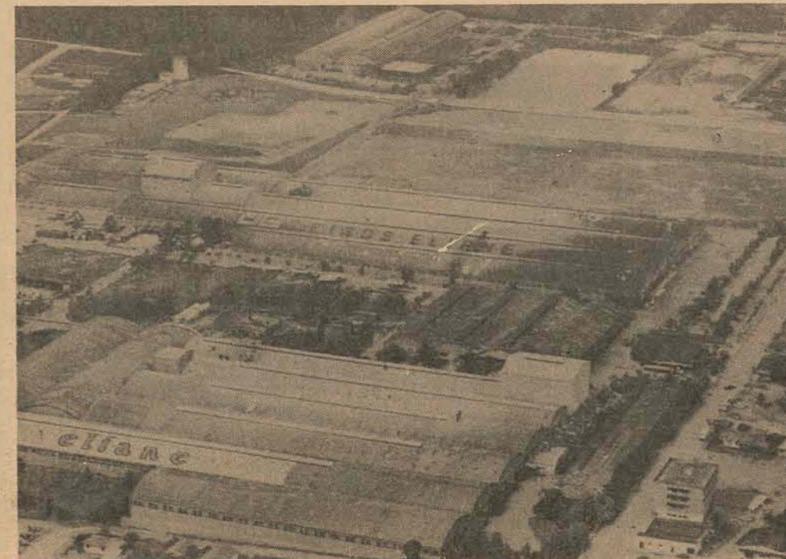
Numa pintura de D. Octávia B. Gaidzinski, a Eliane em 1960. Ao lado estão Maximiliano e seu filho Jarvis.



Ornato S/A — Industrial de pisos e azulejos (ES).



Incopiso — Indústria e Comércio de Pisos S/A — Unidade 1



A matriz do Grupo, em Cocal.

modernas técnicas de marketing. O azulejo Eliane se impôs no mercado graças a sua excepcional qualidade. A marca transformou-se em símbolo de um excelente produto.

Desde o início Maximiliano Gaidzinski colocou em prática a premissa de que muito mais importante do que a matéria-prima produzida na indústria, é dar as melhores condições de trabalho possíveis aos empregados, que na Eliane são tratados como colaboradores.

Com o seu modo simples e gentil de tratar as pessoas, o Seu Milo sempre fez questão de dispensar aquele tratamento rígido e mais comum do patrão com o empregado. Mais importante foi introduzir uma relação de amizade com os empregados buscando um crescimento paralelo e integrado das empresas e da comunidade.

Na Eliane a política de recursos humanos ultrapassou a barreira mais tradicional que conceitua: uma empresa é o homem que nela trabalha, que ele é sua força e dele depende o desempenho de cada setor. A empresa É O HOMEM, não administrado através de pesos e medidas diversas de acordo com o objetivo ou estilo de cada área. Na empresa tem-se uma visão conjunta de integração e unidade de tratamento em relação aos recursos humanos.

Esse tratamento igualitário dado aos funcionários é materializado através de uma série de programas, como a assistência social, incentivo a projetos de moradia, serviços de alimentação, assistência médico-odontológica e serviço de enfermagem, refeitórios, creches domiciliares, educação e ainda o lazer e o entretenimento.

Na área de educação destaca-se o Colégio Maximiliano Gaidzinski, um colégio a nível de 2º grau que prepara auxiliares de laboratório cerâmico e técnicos em cerâmica. Mantido integralmente pela empresa, o colégio funciona desde 1978 e tem uma carga horária 100% maior do que a dos colégios oficiais.

Também fundada em 1978 a Associação Atlética Eliane proporciona o espaço necessário para a integração dos funcionários na promoção de atividades de lazer, esporte e cultura. A associação estrutura-se a partir de uma diretoria eleita anualmente pelos funcionários que gerem os recursos oriundos 50% de doação da Eliane e 50% de contribuição dos funcionários.

Ela já dispõe de sede campestre e salão de baile, campo de futebol, canchas de bocha e quiosques com churrasqueiras. Existem também sedes localizadas na periferia de cada empresa, o que tem possibilitado a manutenção constante de atividades sociais e esportivas para os associados.

# Veja em doze etapas como é ...

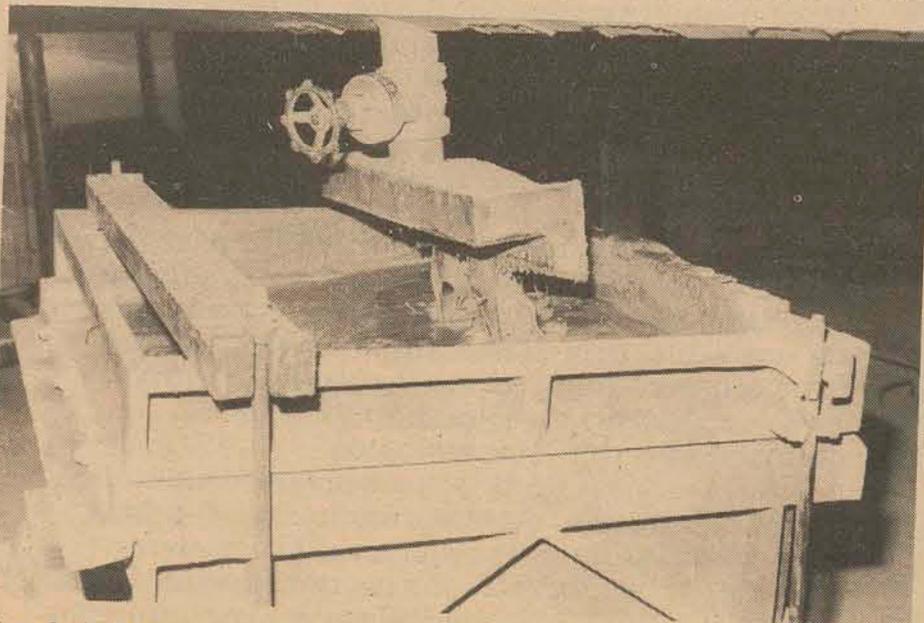
A fábrica Magasa II, localizada no parque industrial de Cocal, só produz azulejos do tipo 20 x 20 para exportação. A fabricação de um azulejo é dividida em doze etapas, as quais passam a ser descritas:



1 — A matéria-prima extraída das barreiras é depositada num parque localizado no fundo da fábrica.

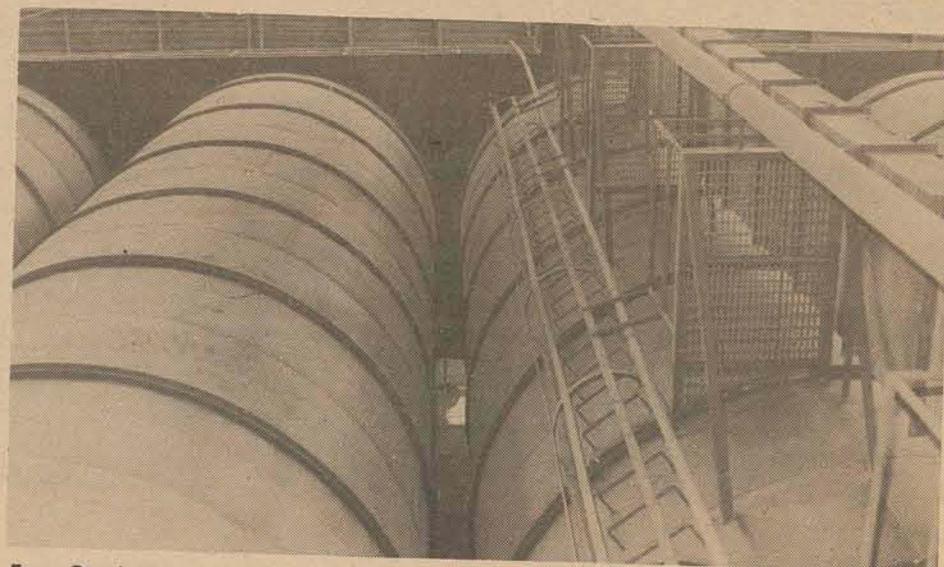
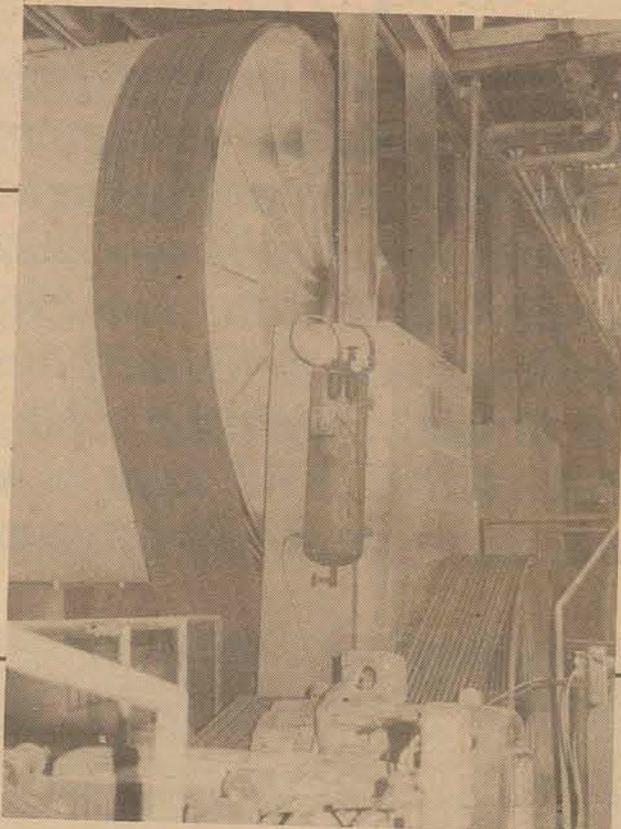


2 — A matéria-prima vai para o processo de moagem. Os cilindros são os moinhos.

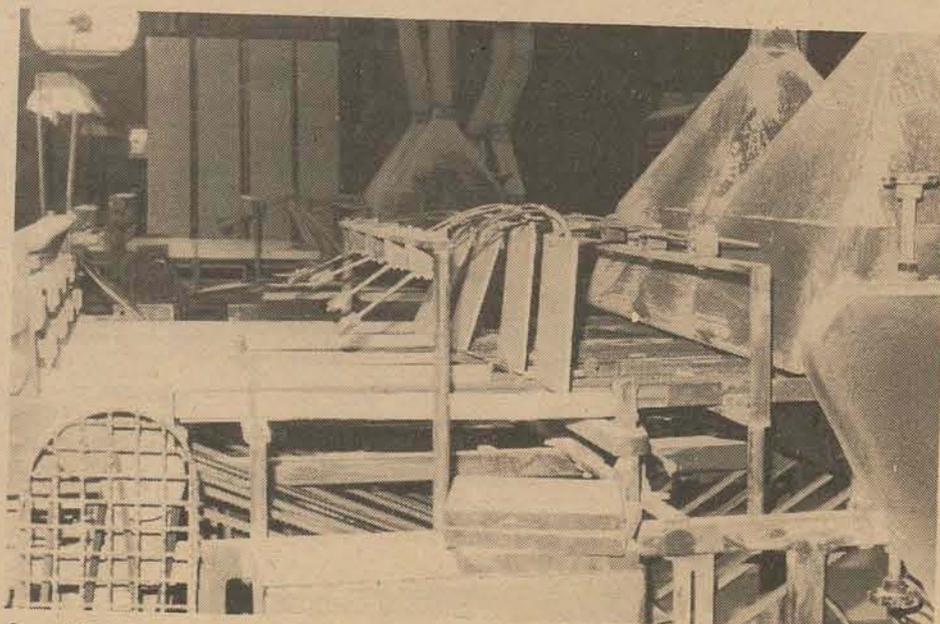


3 — Após 7 horas o material é descarregado sob a forma de uma pasta líquida, a barbotina.

4 — A barbotina vai para a secagem, processo chamado de spray-dreyer, ou atomização. A pasta é transformada em pó granulado.

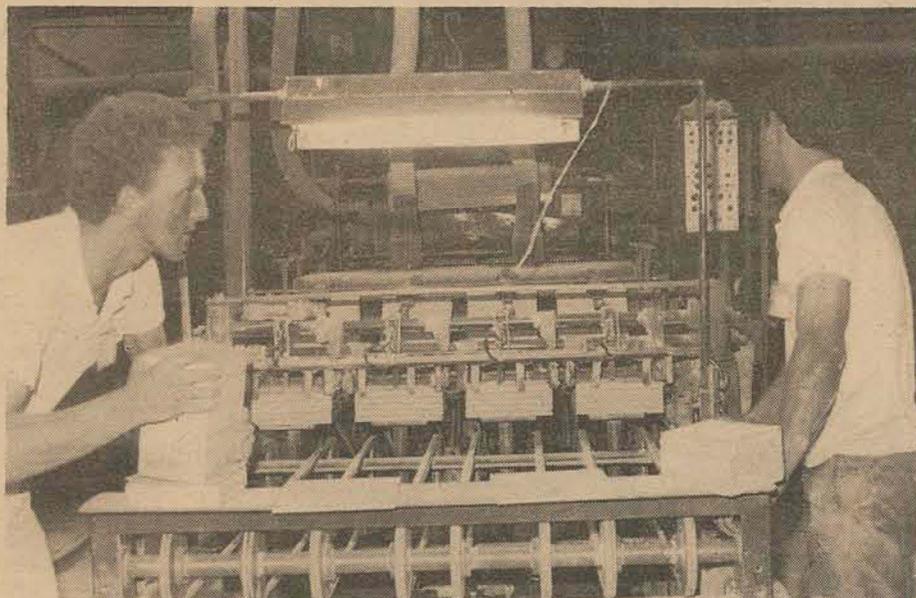


5 — O pó granulado vai para a armazenagem em silos, que recebem entre 10 e 12 toneladas de pó por hora.

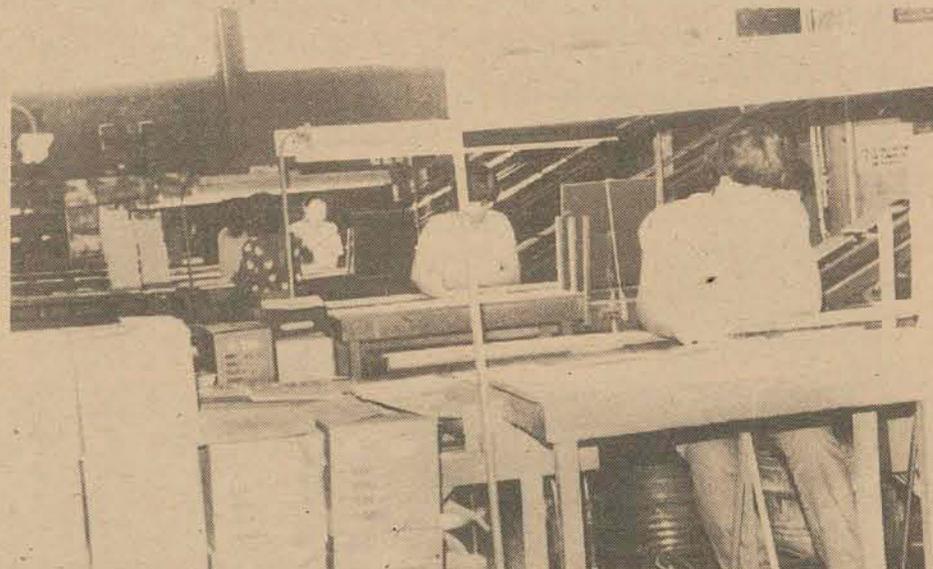


6 — Chega a vez da prensagem. As prensas de 300 toneladas de pressão por centímetro quadrado fazem o formato do azulejo.

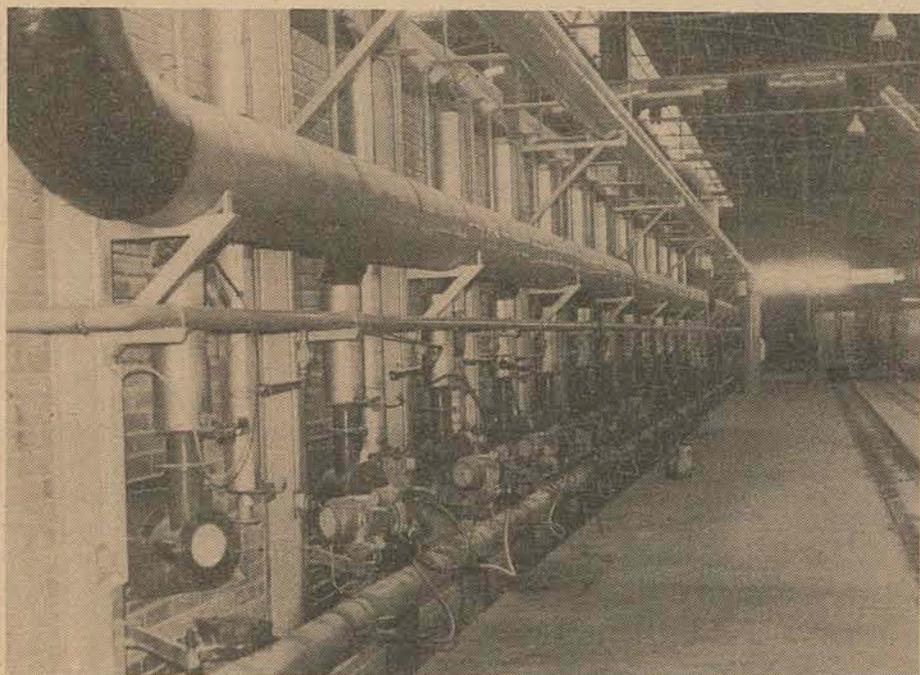
# ... a fabricação de um azulejo



7 — O material é estocado em carros refratários que são conduzidos aos chamados fornos de biscoito, cuja temperatura é de 1.070 graus centígrados.



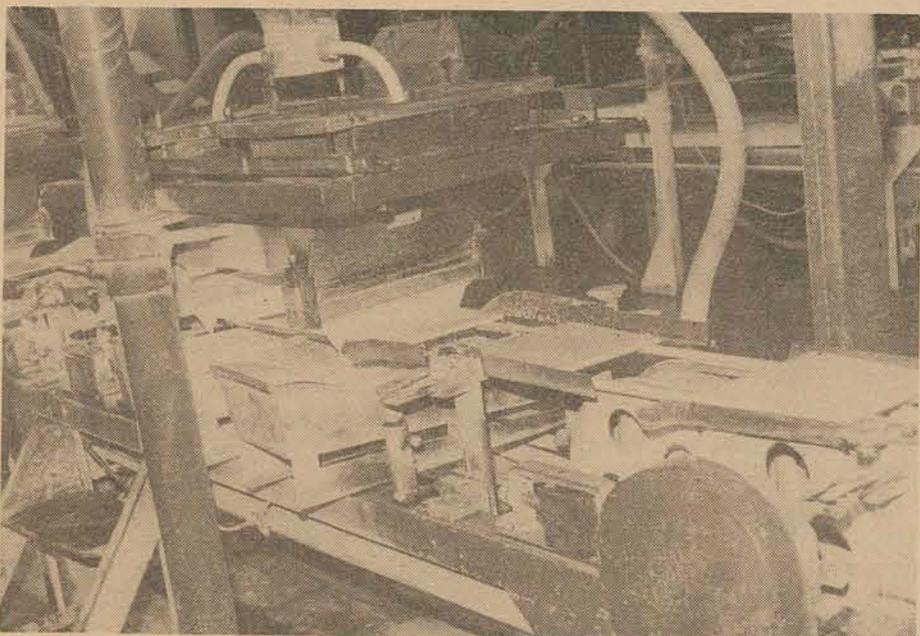
10 — Depois de passar mais 10 horas em forno de vidro, o azulejo vai para a fase de classificação.



8 — Os azulejos sofrem a sua primeira queima nos fornos de biscoito e secadores, ali permanecendo por 60 horas.



11 — Terminado o processo de seleção, é feito o acondicionamento em caixas 20 x 20.



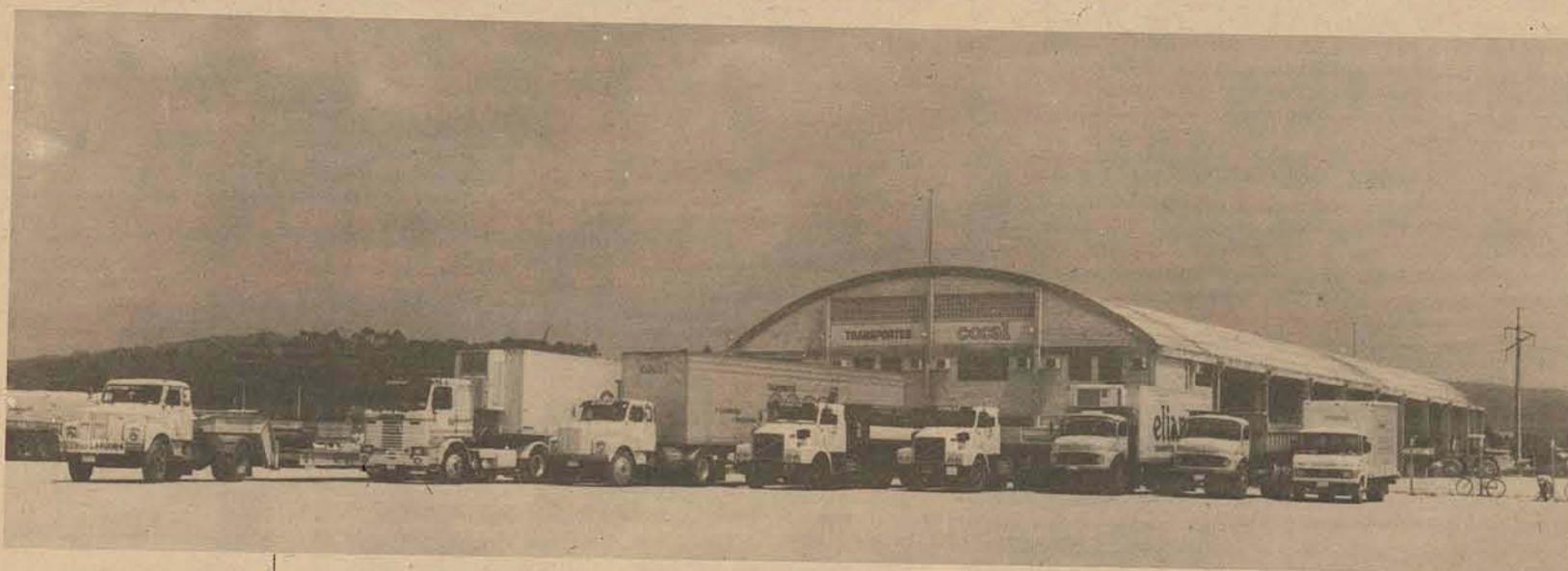
9 — Após a primeira queima começa a fase de esmaltação e a decoração, esta, por máquinas serigráficas.



12 — No depósito da fábrica, a produção é acondicionada para a exportação.

# Cocal é a maior de Santa Catarina

Com matriz localizada em Cocal, Distrito de Urussanga, a empresa Transportes Cocal coloca em prática um plano de expansão que vai consolidá-la na liderança do transporte de carga em Santa Catarina nos próximos 15 meses: a meta é dotar a empresa com 300 unidades próprias. A nível nacional seu desempenho no ano passado deve colocá-la entre as 15 maiores do País.



A frota divide-se entre atendimento ao grupo e a terceiros

**A** Transportes Cocal foi criada em 1975 para funcionar como um departamento do Grupo Eliane com o objetivo de incrementar as exportações de produtos do grupo cerâmico. De 1981 para cá permitiu-se a transportar cargas para terceiros transformando-se na maior transportadora de Santa Catarina e numa das maiores do País. Em tempo: existem no Brasil 12 mil empresas de carga registradas.

A Cocal continua atendendo as necessidades do Grupo Eliane, atuando nas etapas de extração da matéria-prima, do seu transporte até as unidades de produção e em seguida para fornecedores e a exportação, isso na cerâmica, sem esquecer a Avícola.

A frota inicial tinha 13 unidades, 9 basculantes e 6 caminhões-tanque, que puxavam a matéria-prima da cerâmica e buscavam o óleo combustível de São Paulo. Se bem que o diretor de operação e comercialização, Ivan Wanderley Fernandes, fez a ressalva: "começar, todo mundo começa com um caminhão".

O crescimento do departamento de transportes da Eliane foi rápido, principalmente a partir do momento em que ganhou autonomia e passou a fazer transportes para terceiros, tanto de cargas em geral como de carga fracionada (até 4.000 quilos).

— Em 13 anos a Cocal se preocupou tanto com os terceiros que hoje já tem 15 filiais — anima-se Fernandes.

Os números realmente impressionam. Hoje a Cocal possui 140 unidades mais um cadastro de 6.000 carreteiros autônomos, dos quais 2.000 são ativos. O total de carga transportada chega a 120.000 toneladas/mês.

Esse volume é movimentado na matriz, em Cocal, Urussanga, e nas filiais em Criciúma, Joinville, Blumenau, Florianópolis, Novo Hamburgo, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Curitiba, Cascavel, São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Salvador, Belo Horizonte, Varzea da Palma-MG, e Porto Velho. Está prevista a criação de mais duas filiais em Campo Grande e Recife.

A frota atual de 140 unidades tem

ampliação prevista para os próximos 15 meses para 300 unidades próprias, negociadas e a negociar. Atualmente a Cocal tem 900 empregados dos quais 140 na filial de São Paulo.

Ainda com relação à frota atual, ela está dividida em 50 veículos de coleta e entrega e 90 unidades pesadas. A Cocal desenvolveu departamentos auxiliares a essa frota. São as oficinas e materiais de manutenção, postos de abastecimento, centrais de informática, etc...

A Cocal atende clientes do porte da Ipiranga, Coca-Cola, CBA — Companhia Brasileira de Alumínio, Petrobrás, Intelbrás, Souza Cruz e Caraíba Metais. A característica das praças catarinenses é mais de carga fracionada.

José Afonso Darela, diretor administrativo da Cocal, admite que mesmo com seu atual desempenho no setor, muita gente ainda pensa que a empresa vive apenas dos produtos da Eliane. "Acho que hoje em dia trabalhamos na base dos 50% para produtos do grupo e outros 50% para terceiros".

O plano de expansão da Cocal visa a diminuir a participação do veículo de terceiro, substituindo-o por unidades da frota própria. José Afonso, que também é presidente do Sindicato das Empresas de Transportes de Carga e secretário da Federação Catarinense dos Transportes, considera que desta forma a qualidade do transporte da Cocal ficará mais apurada.

— A qualidade é a nossa preocupação fundamental pois o ramo é concorridíssimo. Só em Criciúma existem 20 empresas de transportes. Mas a Cocal conseguiu se destacar pois atende seus clientes com a mesma eficiência do que para o grupo cerâmico — destacou o empresário.

Em 1985 quando saiu a classificação das 300 maiores empresas da área de transporte do País a Cocal ficou em 33º lugar. No ano seguinte, em 1986, pulou para 21º. O ranking relativo a 1987 sairá até julho e a perspectiva dos diretores é de que a Cocal suba ainda mais na lista, podendo ficar em 15º lugar, ao mesmo tempo em que consolida sua liderança no Estado de Santa Catarina.

# Forquilha: um distrito que cresce apesar da crise

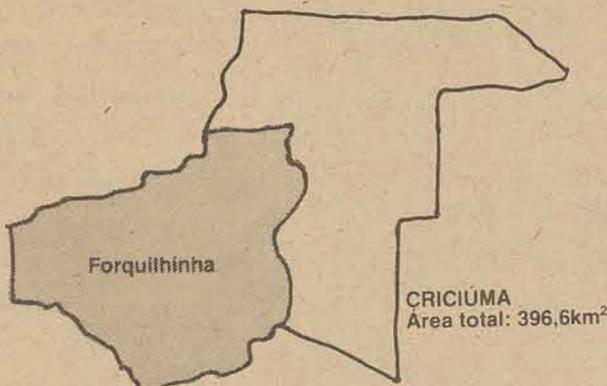
O Distrito de Forquilha viveu ano passado um dos momentos mais agitados de sua história. Surgiu um movimento pela emancipação do Distrito, que queria se transformar em município separando-se de Criciúma. O plebiscito popular realizado entre os cerca de 16 mil habitantes alcançou um resultado de 77% a favor. 82% da população votou. Só que o governador Pedro Ivo acabou vetando o projeto. Afinal de contas, o que significa Forquilha no contexto sócio-econômico?

Inicialmente, Forquilha caracteriza-se por ter "gerado" um sem-número de pessoas que hoje despontam em posições influentes na Sociedade de Criciúma, de Santa Catarina e do Brasil. Só para citar um exemplo, Dom Paulo Evaristo Arns, Arcebispo Metropolitano de São Paulo é nascido em Forquilha.

A sua área compreende quase a metade de todo o município de Criciúma. Isso dá uns 180 quilômetros quadrados. As atividades econômicas predominantes são a agricultura e a pecuária, além de mineração e outros ramos industriais que incluem a cerâmica. A grande vantagem é que Forquilha tem somente 5% de terras não produtivas (não aproveitáveis ou não mecanizáveis). Quer dizer, tem uma topografia altamente favorável à produção agrícola.

O Distrito cresceu bastante nos últimos 10 anos, acompanhando o processo de expansão da Avícola Eliane, que o grupo Eliane assumiu em 1970. Antes ele era o Frigorífico Sul Catarinense. Atualmente a Avícola Eliane possui 1.560 postos de trabalho, denominação que o diretor superintendente, Sinesio Volpato, dá a empregos diretos.

Há 10 anos a Eliane abatia 150 suínos por dia. Hoje são 750 suínos e 45 mil aves por dia: isso dá



uma produção mensal de 1.200 toneladas de carne suína e 1.500 toneladas de carne de ave. Ano passado a empresa exportou 8 milhões e 400 mil dólares e a projeção para este ano é de 9 milhões e 600 mil dólares.

A Avícola exporta 35% de sua produção, a maior parte para o mercado japonês. Para tanto a empresa precisou buscar tecnologia especializada de corte no próprio Japão, a qual é aplicada hoje na linha de produção. São mais de 50 cortes diferentes feitos na ave.

## ÊXODO

Apesar dos problemas estruturais da economia brasileira, pode-se dizer que o Distrito cresceu bastante economicamente. Uma das razões principais deste crescimento está vinculada à boa qualidade de mão-de-obra. Este é o raciocínio do diretor Sinesio Volpato.

Bastante ligado à comunidade por causa de sua posição na Avícola, Sinesio preocupa-se, no entanto, com o crescente êxodo rural que vem se verificando na região de Forquilha, que é eminentemente agrícola excluindo-se a sede.

— Os meios de comunicação estão cada vez mais eficientes e o homem do campo está cada vez mais ligado, mais ciente do não acompanhamento da qualidade de vida que se tem na cidade com a que existe no interior. Refere-se basicamente ao serviço de transporte público, escolas, estradas e serviço telefônico.

Sinesio sustenta sua teoria nas contradições da atual estrutura da Sociedade: "Por que um cidadão da cidade tem escola perto da sua casa e facilidade de uso do telefone. O ônibus pára na sua porta. Por que ele tem esse direito e o homem do campo não? A Sociedade no seu todo tem que pagar o desenvolvimento do campo para que diminua o êxodo rural", acha Sinesio.

Familiarizado com os problemas dos habitantes de Forquilha, Sinesio considera particularmente cruel o sistema de atendimento de saúde, o Funrural. Um trabalhador urbano aposentado após 35 anos de serviço com a média dos últimos meses de seu salário. Enquanto isso o trabalhador rural só se aposenta com 65 anos de idade e depois tem direito a meio salário de referência.

— Em contrapartida o homem do campo precisa entregar um valor correspondente a 2,5% de sua produção ao Funrural. Essa é a sua contribuição enquanto a normal do urbano fica entre 8 e 10% do salário. Existe ainda um outro agravante. O agricultor simplesmente não pode ficar doente pois aí vai ficar sem cobertura".

Para evitar o crescente êxodo da população rural justamente por causa das condições de vida desfavoráveis é que Sinesio defende a valorização do trabalhador. "A Sociedade urbana depende dele e precisa criar condições de fixá-lo no campo".



Sinesio Volpato, diretor da Avícola Eliane



# O Tigre em busca de outro título

**A**o completar uma década de existência o Criciúma Esporte Clube inicia a temporada em busca da reconquista do título estadual, ao mesmo tempo em que não se descuida do crescimento em termos de patrimônio. Essa, aliás, sempre foi uma das maiores preocupações de todas as diretorias do clube, mesmo ainda quando era o Comerciaro.

O surgimento do Criciúma em 1978 deu-se com o objetivo de congregar mais a comunidade em torno do nome da cidade ao mesmo tempo em que se criariam melhores condições de angariar os fundos necessários à manutenção do time e das ampliações em termos de patrimônio que se fariam necessárias.

Moacir Fernandes, o atual presidente do Criciúma, tem certeza de que este objetivo foi alcançado. "A cidade hoje em dia é conhecida no País. O futebol no Brasil é o melhor meio de comunicação que existe".

O primeiro Conselho Arbitral da Confederação Brasileira de Futebol contou com a participação do Criciúma, integrante do Clube dos 32 e com poder de decisão sobre regulamento e fórmula do próximo Campeonato Brasileiro, a ser disputado no segundo semestre.

## A TAÇA

Mantendo a mesma base do elenco do ano passado com alguns reforços, Moacir Fernandes acredita que o Criciúma tem potencial para pensar em decisão do título estadual, que agora ficou ainda mais valorizado com a instituição da Taça Maximiliano Gaidzinski, um dos grandes beneméritos do clube.

Hoje o Criciúma conta com um elenco de 20 profissionais o qual a diretoria pretende manter por toda a temporada. Só virão novos jogadores em caso de substituição.

— O time estava praticamente pronto. Só precisamos melhorar o nosso lado direito. Para isso trouxemos o lateral Paulinho, o meiocampista Sérgio Oliveira e o atacante Jussie. Nosso lado esquerdo é muito bom — constata Fernandes.

## FINANÇAS

A manutenção do departamento de futebol e de todos os outros setores do Criciúma é possível graças a um sólido esquema de arrecadação montado pelos dirigentes. As fontes são o patrocínio do Grupo Eliane que coloca sua marca na camisa, o Bolão do Criciúma, as arrecadações, locação de cadeiras, painéis, faixas e boxes na área do estádio Heriberto Hülse.

De todo o bolo arrecadador do clube, o presidente Moacir Fernandes fez questão de destacar a participação do Grupo Eliane. "Já é o segundo ano que temos contrato de publicidade com a Eliane. Com a programação que temos hoje o clube passaria a ter dificuldade se não tivesse o auxílio financeiro da Eliane".

## AMPLIAÇÃO

Reafirmando um sério compromisso com o crescimento da agremiação o presidente Moacir Fernandes lembra que isso não é novidade em sua gestão. E dá exemplo: "Maximiliano Gaidzinski, que leva o nome da Taça, teve uma participação substancial no patrimônio do clube. O Centro Náutico, construído na gestão Jarvis Gaidzinski, igualmente levou o seu nome. Já o estádio teve o batismo de Heriberto Hülse, outro grande nome entre tantos que engrandeceram a história do clube".

Atualmente a diretoria trabalha em duas frentes. Uma, vai transformar o Criciúma em um clube social, com área de lazer aos associados e campos de treinamento nos 16 hectares que se possui no final da Avenida Santos Dumont.

Por outro lado trabalha-se na ampliação do estádio. Encontra-se na Câmara de Vereadores quatro projetos de desapropriações de propriedades localizadas atrás da arquibancada oposta. Concluída toda a tramitação que deve ir ainda até meados do ano que vem, serão iniciadas as obras de ampliação em dois pavimentos.

Vai ser construída uma arquibancada normal parcialmente coberta e uma superior descoberta. A capacidade do estádio, hoje em 27 mil pessoas, subirá inicialmente para 35 mil e depois para 60 mil quando estiverem concluídas as obras de fechamento do



O time do Criciúma com o chefe da torcida



Grupo Eliane incentivou a formação de torcida organizada.

anel.

## SALÃO

Pelo menos para o futebol de salão de Criciúma, a realização dos Jogos Abertos de 1987 na cidade foi extremamente proveitosa. Também com o patrocínio da Eliane, está em formação o time de futebol de salão do Criciúma que entrará com a disposição de incomodar os times de ponta no Estadual deste ano.

O time da categoria principal terá reforços da região e também do Rio de Janeiro e São Paulo. O Criciúma disputará as competições regionais e o campeonato estadual em três categorias — infanto-juvenil, juvenil e adulto.



O presidente Moacir Fernandes

## Torcida "Quatro Garras" melhora o astral do time

**A**lém de patrocinar o Criciúma com recursos que viabilizam a estrutura do Departamento de Futebol, a Eliane presta ainda um outro tipo de colaboração. É através da criação da "Torcida Quatro Garras", que com muita animação e uma charanga que não sossega nem no intervalo e empurra o time para os bons resultados.

Quem teve a idéia de formar esta torcida do Tigre foi o economista Robson Izidro, 26 anos, que atua na área financeira da Eliane. Mesmo com pouco tempo de existência ela já conta com cerca de 100 integrantes e a intenção é acompanhar o time em todos os jogos do campeonato.

Robson explicou que a idéia começou a ganhar corpo depois que o grupo passou a patrocinar a equipe. "Tínhamos uma torcida muito fria, apática, que só ia ao campo para ver e não para torcer. É lógico que torcida organizada não marca gol mas o astral de um time é outro quando tem a massa gritando a seu favor, principalmente quando se joga em casa".

Após ter esquematizado o acompanhamento do time a todos os jogos com o presidente Moacir Fernandes, Robson Izidro tomou outra iniciativa. Enviou a todos os clubes uma correspondência dando conhecimento da existência da "Quatro Garras", ao mesmo tempo em que solicitou bom atendimento e um espaço gratuito no estádio para a torcida. "Aqui em Criciúma poderemos dar a réciprocidade".

# Grupo Eliane valoriza o Estadual

O lançamento de uma taça transitória com um quilo de ouro em sua fundição representa o grande prêmio da temporada esportiva do futebol catarinense em 88. A idéia surgiu com a indicação do nome de Maximiliano Gaidzinski para ser um dos homenageados com um troféu na disputa do campeonato deste ano. A Federação avançou, entendendo que um troféu transitório, além das taças normais, valorizaria não só a competição imediata, mas a dos próximos anos.

O Grupo Eliane decidiu corresponder a homenagem prestada a seu fundador, doando a taça e promovendo um concurso para a escolha da criação de sua arte. O uso de um quilo de ouro na fundição do troféu foi um compromisso assumido pelo presidente do Conselho de Administração, o também deputado Jarvis Gaidzinski. A idéia

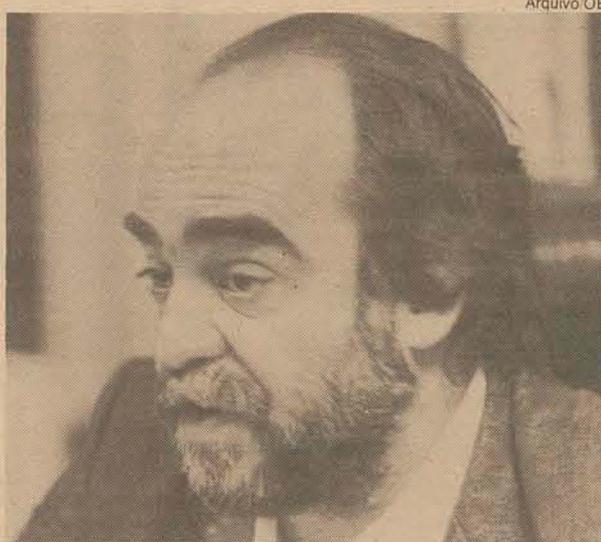
foi imediatamente aceita pelo presidente da Federação Catarinense de Futebol, Delfim Peixoto Filho.

“Um troféu deste porte tornará os próximos campeonatos ainda mais motivados”, afirma Delfim. E o presidente da FCF arrisca dizer que já em 88 a guarda transitória de uma taça tão valiosa será um grande incentivo para as equipes tentarem a conquista do título. “Todos os homenageados com troféus foram desportistas merecedores de serem lembrados, mas a Taça Maximiliano realmente irá motivar um interesse ainda maior”.

## O QUE É

O troféu transitório fica em poder do campeão de uma temporada, até o final do próximo campeonato. Caso um time repita a conquista, mantém a posse. Do contrário, entrega ao novo campeão.

Este procedimento se-



Arquivo/OE

Delfim diz que troféu vai motivar futebol catarinense

rá repetido até que uma equipe conquiste cinco títulos alternados, ou três consecutivos.

Para quem não sabe, o futebol catarinense já teve dois troféus transitórios. O primeiro foi o Henrique Labes, lançado em 1964, por oferecimento da família do garoto homenageado, fale-

cido num acidente. O segundo foi o troféu Genésio Miranda Lins, instituído em 70. Os dois desportistas eram de Itajaí. As taças fazem parte da galeria de troféus conquistados pelo Joinville.

## O CAMPEONATO

O campeonato estadual desse ano terá três

etapas. A primeira é a atual taça, Carlos Cid Renaux, que está em sua fase final. O vencedor está garantido para o hexagonal decisivo e vai com um ponto extra.

A segunda taça é a Salim Mussi Miguel, que tem seu início programado para o próximo dia 30. Nesta etapa os clubes de cada chave jogam entre si. Criciúma, Próspera, Joinville, Ferroviário, Hercílio Luz e Marcílio Dias formam um grupo. O outro tem Avaí, Figueirense, Blumenau, Chapecoense, Brusque e Internacional.

A fase classificatória termina no dia primeiro de maio, quando os quatro melhores classificados, independentemente de grupos, passam ao quadrangular final. Novamente o campeão da taça garante a vaga no hexagonal decisivo do campeonato e um ponto extra.

Para o hexagonal, além dos campeões da

primeira e segunda taça, mais quatro times terão vagas definidas pelo critério de aproveitamento técnico, a soma de pontos nas duas fases classificatórias das etapas até então disputadas. Há, ainda, a possibilidade de um mesmo clube ser o campeão na Carlos Cid Renaux e na Salim Mussi, neste caso ganhando dois pontos extras e abrindo a disputa de mais uma vaga pelo critério técnico.

O hexagonal decisivo, que irá de 18 de maio a 26 de junho, vale a taça Sadalla Amin Ghanem, que ficará com o clube campeão catarinense de 88 em definitivo. Mas o troféu Maximiliano Gaidzinski é o prêmio mais importante para o campeão, que terá a posse transitória por um ano e abrirá caminho para tentar a conquista em definitivo, desde que consiga o tricampeonato até 90, ou cinco títulos alternados.

## Concurso Taça Maximiliano Gaidzinski

O Grupo Eliane institui um concurso para a criação do “lay out” (formato e desenho) a ser utilizado na confecção da TAÇA MAXIMILIANO GAIDZINSKI, troféu que será de posse transitória dos clubes campeões estaduais da primeira divisão a partir da temporada de 1988, e de posse definitiva a primeira equipe que conquistar três títulos consecutivos ou cinco alternadamente. O troféu será fundido em liga metálica e em sua confecção será utilizado um quilo de ouro.

O concurso, de âmbito estadual, é aberto a estudantes e profissionais das áreas de desenho industrial, programação visual, artes plásticas, publicidade e arquitetura.

### 1 - PARTICIPANTES

1.1 - Os participantes poderão inscrever somente um projeto inédito, individualmente ou por equipe.

1.2 - O concurso é aberto somente a pessoas físicas, residentes em Santa Catarina.

### 2 - PROJETO

2.1 - O projeto deverá

ser apresentado em até dois modelos de arte final, montado em cartões de 20 x 30 centímetros, com indicações das dimensões propostas, arte em preto e branco.

2.2 - A taça terá sua denominação por extenso - TAÇA MAXIMILIANO GAIDZINSKI - com tipos de letras à escolha dos concorrentes.

2.3 - Os modelos devem ser assinados com pseudônimo.

2.4 - O projeto deve ser acompanhado de envelope fechado, contendo nome, endereço, telefone e assinatura do concorrente, sobrescrito por fora o pseudônimo adotado. (recorte e anexe cartão ao lado)

2.5 - Os projetos devem ser entregues na matriz do Grupo Eliane, até o dia 15 de abril próximo, ou enviados pelo correio, valendo o carimbo postal para a comprovação desta mesma data.

Endereçamento:  
CONCURSO TAÇA  
MAXIMILIANO  
GAIDZINSKI

Grupo Eliane  
Caixa Postal 165  
Criciúma - CEP 88.800 - SC

## FICHA DE INSCRIÇÃO

NOME: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

TELEFONE PARA CONTATO: \_\_\_\_\_

ASSINATURA: \_\_\_\_\_

PSEUDÔNIMO: \_\_\_\_\_

### 3 - COMISSÃO JULGADORA

3.1 - A comissão julgadora será formada por cinco membros, sendo um representante do Grupo Eliane, um artista plástico, um profissional do meio publicitário e dois cronistas esportivos, os quatro últimos convidados pelo Grupo Eliane.

3.2 - Ao representante do Grupo Eliane caberá a presidência da comissão.

3.3 - A condição de jurado é incompatível com

a de concorrente.

3.4 - A decisão da comissão julgadora será irrecorrível.

3.5 - A comissão terá um prazo de 15 dias a contar do encerramento das inscrições, para julgamento e premiação.

### 4 - PREMIAÇÃO

4.1 - Ao trabalho vencedor, de autoria individual ou equipe, será atribuído o prêmio no valor de Cz\$ 100.000,00.

4.2 - O prêmio é único, não havendo outras clas-

sificações.

4.3 - A comissão julgadora reserva-se o direito de considerar o concurso sem vencedor, se nenhum dos concorrentes suprir as necessidades e/ou expectativas do Grupo Eliane.

### 5 - CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

5.1 - O participante, ao inscrever-se, estará implicitamente concordando em conceder ao Grupo Eliane o direito exclusivo para a utilização do mo-

delo para troféu/taça vencedor.

5.2 - Os trabalhos que estiverem fora das especificações contidas neste regulamento não serão levados em consideração.

5.3 - Os trabalhos enviados a este concurso não serão devolvidos.

5.4 - Os casos omissos a esse regulamento serão resolvidos pelo Grupo Eliane.

DIRETORIA DO  
GRUPO ELIANE

# Tigre está na briga pela taça

Fotos: Rafael Neves



## Torcida 4 Garras é força de Criciúma

Mantendo praticamente o mesmo time do ano passado, o Criciúma iniciou esta temporada disposto a recuperar a hegemonia do futebol catarinense.

A equipe conta com um incentivo a mais — a torcida 4 Garras, formada dentro do Grupo Eliane. Com uma charanga, bandeiras e muita animação, os torcedores empurram o time. E se depender desse entusiasmo o Tigre garante a Taça.

Na foto, a equipe com o chefe da torcida.

Pág. 14

# eliane

# A Escolha Certa

Parque Maximiliano é local para o Sul mostrar progresso

Pág. 6

Fundador da Eliane homenageado



Altair Guidi quer voltar à Prefeitura de Criciúma

Pág. 7

